

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23176

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUINTA-FEIRA 8 FEVEREIRO 90 60\$00

EDITORIAL

A dupla estranheza

O debate político português está ao nível dos seus melhores dias: florentino, paradoxal, levemente barroco. De porta-voz em porta-voz, chegamos ao sistema da dupla estranheza. O porta-voz do Presidente da República manifestou «surpresa» pelo anunciado apoio do presidente do PSD primeiro-ministro à sua recandidatura. Pouco depois, o porta-voz da Comissão Política do PSD manifestou «estranheza pela estranheza do porta-voz da Presidência da República»...

É natural que os cidadãos portugueses estranhem, eles próprios, tanta surpresa e tanta estranheza entre dois cidadãos que se encontram tão frequentemente e não raro garantem, se não a improvável afinidade das suas almas, ao menos a excelência do seu relacionamento institucional. Porquê tanto pasmo, tanto espanto, de parte a parte? O que se esconde por detrás da cortina desta tentativa de comunicar numa linguagem cifrada?

A «surpresa» do dr. Mário Soares não significa pasmo, nem espanto, como poderia supor, ingénuo, um cidadão desprevenido que recorresse ao Dicionário Moraes. Significa, sim, tomada de distância, perante a promessa do primeiro-ministro. A «estranheza» do porta-voz do PSD não equivale a «admiração», nem «surpresa», mas a uma resposta à declaração da presidência.

Em resumo: o Presidente sentiu necessidade de uma suave «descolagem» do apertado abraço do prof. Cavaco Silva. Vai daí o líder do PSD, também com o cuidado de não proferir palavras sem retorno, procurou salvar a face. Tudo cerimonioso e protocolar, graças a Deus. Como cerimoniosa e protocolar seria uma campanha eleitoral transformada numa espécie de hiper-presidência aberta, com um candidato quase-único, à procura da referência da nação para o exercício do cargo de mestre-de-cerimónias-mor do reino. Compreende-se que esta perspectiva incomode o dr. Mário Soares.

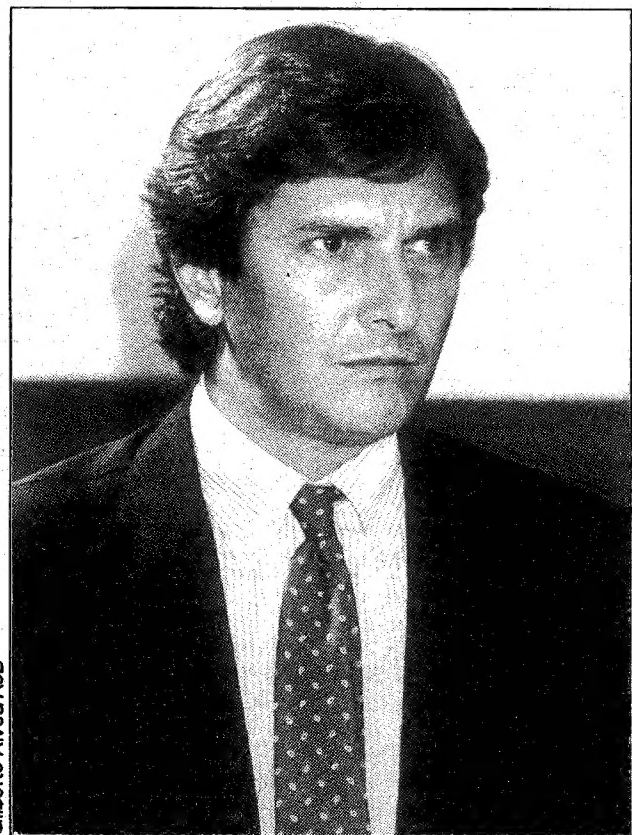
Mário Mesquita

Sob o signo da água



Eurico Vasconcelos

Algarve Mais do que a mão de Deus a imprevidência do homem



Gilberto Alves/AJB

Collor de Mello entrevistado pelo «DL»

No dia em o Presidente eleito do Brasil chega a Lisboa, o «DL» publica uma entrevista exclusiva em que Collor afirma querer elevar as relações com Portugal a um nível «nunca antes existente». A visita, porém, está a preocupar os responsáveis pela segurança devido a uma anedota infeliz sobre os portugueses.

Págs. 2, 3 e 4

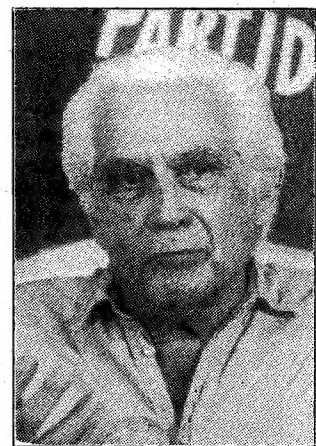
Um grupo de deputados, e com ele o DL, deslocou-se ao Algarve para proceder ao levantamento dos prejuízos provocados pelos temporais de Dezembro passado. Ao cabo de dois dias de trabalho, os parlamentares ficaram certos de que as verbas disponibilizadas pelo Poder Central para acorrer à reparação dos danos não excedem o alcance de paliativo. Mas verificaram também que não foi a mão de Deus a única (nem tão pouco a maior) responsável pelos avultados prejuízos. Com efeito, os edis certificaram-se da falta de limpeza dos cursos fluviais, de construções empreendidas em linhas de água, dos efeitos nocivos da eucaliptização da serra e, até, da falta de coordenação entre os vários serviços chamados a acudir à catástrofe. Agora, procura-se uma solução definitiva, porque o risco que se corre é grave: a repetição de inundações significará mais do que o duplo dispêndio, pois invalidará tudo o que para as reparações venha a ser canalizado

Págs. 16 e 17

PCUS: reformas ou dilúvio

A abolição do monopólio do poder pelo PC soviético e a criação de um sistema presidencial, são os pontos fundamentais de uma plataforma aprovada pelo plenário do Comité Central do partido. A última palavra cabe agora ao Congresso dos Deputados do Povo, mas a vitória de Gorbachev está praticamente assegurada. O ideólogo do partido, V. Medvedev, afirmou que, ou as reformas vingam ou «isto torna-se um dilúvio incontrolável». Reagindo às decisões do PCUS, o líder do PC chinês acusou hoje Gorbachev de «demolir» o comunismo.

Pág. 11



Álvaro Cunhal:

«Não podemos censurar ou criticar qualquer camarada que, face a estes acontecimentos, tenha uma opinião diferente»

Pág. 9



Gallimard em risco de cair nas mãos dos EUA	Pág. 22
Já não há avós e faltam as creches	Pág. 15
Benfica denuncia corrupção no futebol	Pág. 24
Novos incidentes na estação do Rossio	Pág. 14
D. Branca condenada a 10 anos de prisão	Pág. 15

Hoje: Suplemento Literário

Collor de Mello em entrevista ao DL

As relações com Portugal têm um sentido especial

GRANDE ANGULAR

Fernando Collor de Mello, presidente eleito do Brasil, chega hoje a Portugal para uma visita relâmpago, penúltima etapa da viagem que realiza desde o dia 24 de Janeiro, quando deixou Brasília, rumo aos Estados Unidos. De lá para cá, esteve no Japão, na União Soviética, na Alemanha, na Itália, na França e na Inglaterra; conversou com os chefes de Estado de todos estes países, com banqueiros, com homens de negócios. A acreditar na enorme repercussão que os encontros vêm tendo na imprensa brasileira, Collor é, hoje, o grande produto de exportação do Brasil - um político jovem e audacioso, disposto a abrir o país ao capital estrangeiro, e a abandonar de vez a desgastada bandeira nacionalista que, nos últimos trinta anos, uniu, paradoxalmente, a direita mais reaccionária à esquerda mais radical.

Os melhores frutos desta viagem particularmente bem sucedida não serão colhidos no exterior, onde estão sendo plantados, mas no próprio Brasil, para onde Collor volta na próxima segunda-feira, dia 12, depois de ir a Espanha. A imagem do novo presidente e o seu indiscutível sucesso internacional vêm empolgando parte ponderável da opinião pública - e desarticulando a oposição, que ainda não sabe exactamente por

onde pegá-lo. Tantos dias de noticiário positivo vêm facilitando as composições partidárias, que darão ao Governo a base parlamentar indispensável ao combate efectivo dos graves problemas nacionais - a começar pela inflação que, no último ano, andou próxima dos 2 mil por cento.

A Lisboa, porém, Collor de Mello chega depois da escorregadela de uma inoportuna troca de piadinhas com o presidente Carlos Menem, da Argentina. Mirando seu adversário Luís Inácio Lula da Silva, ele acertou sem querer nos portugueses, num episódio menos condenável pelo eventual aspecto diplomático do que pela falta de graça. No inesgotável reservatório popular das tiradas de mau gosto sobre a campanha, havia material melhor - como, por exemplo, a de que Lula (que não tem o dedo mínimo da mão esquerda) só perdeu as eleições porque, do começo ao fim, elas foram disputadas palmo a palmo (risos, por favor).

Ainda assim, as versões que em Portugal cercam o incidente preocupam o presidente eleito. Ele passou seis meses da sua mocidade em Lisboa, guarda as melhores recordações da cidade, e garante, diplomaticamente, que o seu respeito pelo povo português é tão indiscutível

quanto o respeito que lhe merece o povo brasileiro. Entre o café da manhã com Menem, em Buenos Aires, num domingo, e a partida para Nova Iorque, na quarta-feira seguinte, Fernando Collor de Mello concedeu uma entrevista exclusiva ao «Diário de Lisboa».

Situação injusta

P. - Qual é o principal objectivo da sua viagem à Europa?

R. - Há vários objectivos, mas o primeiro é, sem dúvida, o de aprofundar os contactos que tive, durante a campanha, com lideranças europeias - um intercâmbio de ideias que me foi extremamente útil na definição das propostas de Governo. A crítica ao Estado «dinossáurio», ineficiente, que não atende aos seus propósitos, começa pela Europa; a distensão, no sentido mais profundo, também; e as novas modalidades de integração económica e política, que podem revolucionar os modos de convivência entre os povos. É evidente que, para quem vai governar um país latino-americano, em desenvolvimento, a experiência europeia tem valor de inspiração, de marco conceitual. Seria ingénuo imaginar que a transposição desta experiência pode ser imediata, mas convém lembrar que nossas raízes são em parte europeias, e que as nossas

ambições, de dar impulso definitivo para que o Brasil se transforme num país moderno, têm também uma componente europeia.

P. - A unificação do mercado europeu em 1992 deve trazer dificuldades às exportações brasileiras: que é que o Brasil pode fazer em relação a isso?

R. - O fortalecimento económico da Europa tem efeitos benéficos, na medida em que contribui para um aumento do comércio mundial - o Brasil espera que a unificação europeia não se faça às custas de um fechamento do mercado a produtos de países em desenvolvimento. As relações com a CEE são fundamentais para nós: devemos procurar sensibilizar as autoridades comunitárias para a importância de um intercâmbio comercial cada vez mais livre de restrições. Vemos com preocupação a criação de barreiras às exportações brasileiras, especialmente na área de produtos agropecuários, e as dificuldades impostas às nossas vendas de produtos siderúrgicos. Esta é uma situação injusta, sobretudo quando se tem em mente a necessidade de o Brasil gerar grandes saldos comerciais para atender ao pesado ónus do serviço da dívida externa. O Governo brasileiro continuará procurando remover essas restrições nos foros e nas

ocasiões adequadas mas, ao mesmo tempo, se esforçará por identificar e implementar novas modalidades de cooperação económica com a CEE, para benefício recíproco. Essas novas modalidades de cooperação deverão incluir, sempre que possível, importações de artigos de alta tecnologia, para a modernização do parque industrial brasileiro.

Como nunca

P. - Como ficarão as relações com Portugal e com os países africanos de língua portuguesa durante o seu Governo?

R. - O relacionamento com Portugal tem, para o Brasil, um sentido muito especial. Além da amizade tradicional entre os dois países, e dos seus vínculos históricos e culturais, temos inúmeras afinidades no campo das relações internacionais. A

entrada de Portugal na CEE, por exemplo trouxe uma dimensão nova ao nosso relacionamento económico, como demonstram os recentes investimentos brasileiros no País. Mas há ainda um grande potencial a ser desenvolvido entre o Portugal que se transforma e se moderniza a olhos vistos, e o novo Brasil, que buscará uma melhor inserção na comunidade internacional. Está entre as prioridades do meu Governo aproveitar ao máximo esse potencial. Mais: desejo estabelecer entre Brasil e Portugal um relacionamento tão profundo como jamais ocorreu antes. Acredito que a inexpressividade e o desequilíbrio da balança comercial, por exemplo, podem ser corrigidos por um crescimento dinâmico das trocas em ambos sentidos, o que se alcançaria através de mecanismos de cooperação, a ex-

Brasil: Carnaval há sempre mas quartas-feiras também

Quando entrou na década passada, a classe média brasileira pensava que estes últimos dez anos «é que iam ser os tais». Festejando o final da ditadura militar, um pouco receosa do que vinha a seguir, a classe média brasileira ou já realizara o seu sonho ou pensava que estaria a caminho dele - sorrir ao volante do seu carro novo ou suspirar de satisfação ao sentar-se na sala de estar da sua casa própria ou apartamento confortável.

Os anos 80, assim gordos e redondinhos, prometiam a chegada ao estatuto, finalmente, da classe média de verdade. Mas tudo correu ao contrário, a recessão abateu-se sobre o Brasil, a inflação disparou até ser a hiper de hoje, o desespero instalou-se no carro e na casa de quem já tinha, ou substitui o sonho de quem gostaria de vir a ter.

Hoje, exaurida, depauperada, maltratada, descapitalizada, a classe média brasileira só espera que os anos 90, agora iniciados, também

gordos e redondos, tenham ponta por onde pegar para segurar o Brasil. E quem todos querem que o faça é Collor de Mello, o presidente eleito que vem a Portugal entre oito países que visita em 19 dias, antes de tomar posse.

Com as últimas eleições presidenciais nasceu uma réstea de esperança, a última coisa que nós devemos admitir como possível que um brasileiro perca. E Collor de Mello, ao receber 35 milhões de votos, transformou-se no agente de esperança para 140 milhões de brasileiros que julgam ser possível viver melhor num país onde é obrigatório votar.

Mesmo quem não votou nele tem legitimamente essa esperança. E ter esperança é fácil, natural, humano, brasileiro, não custa dinheiro e ainda não paga imposto. Mas quem não comprou carro nestes últimos dez anos, não vai comprar tão cedo, e quem não adquiriu casa não vai ter nos tempos mais próximos. Porque com Collor, quando

qualquer, viver no Brasil não é brincadeira. Só tem uma maneira - ser rico. E essa é boa em qualquer parte, ainda que no Brasil seja ótima.

Dezenas de milhões de brasileiros conhecem de perto o que é não ter que comer, não ganhar um centavo, não saber onde dormir cada noite. Mas se pertencer à classe dos miseráveis é um drama, ser classe média começa ser uma tragédia - é ignorar o que fazer com a pequena poupança, é enfrentar uma galopante subida de preços com um novo cruzado que já foi só cruzado, que antes era cruzeiro e que é cada vez mais curto, é descobrir que a renda da casa alugada subiu sem jeito para pagar.

Ser criança miserável no Brasil é saber que só tem, roubando; e isso aprende-se cedo, quase ao mesmo tempo que a fala. Mas ser filho da classe média brasileira é começar a ouvir constantemente, «não, meu filho, mamãe não tem dinheiro para comprar». É aprender, de

pequeno a diferença entre ter e sonhar. O mais dramático é que nenhuma destas crianças insatisfeitas tem consciência da sua sorte - nem uma nem outra entra na estatística dos dois milhões que morrem no Brasil, todos os anos, de subnutrição ou falta de assistência médica.

Acrescentar dois zeros

Humberto Palmeira tem 41 anos, é médico pediatra, e comprou o seu carro em 86. Hoje, ele não se lembra mais de quanto o carro custou. Porque pagou ainda em cruzeiro, logo veio o cruzado e depois o novo cruzado. Agora, para trocar o seu VW, ele só sabe que o dinheiro não chega, mesmo que valorizem o carro em duzentas vezes mais do que pagou. Só tem noção que, por cada mudança de moeda, ele *punha* mais dois zeros. É que trabalhando no hospital, na clínica, no SOS Infantil, com sua mulher Ana, também pediatra, para a UNIMED, o SUDS, para o público e o privado,



As sempre impopulares medidas do FMI, poderão ter que ser adoptadas por Collor para tentar debelar a grave crise económica

para a menina e o menino, o cruzado novo é sempre mais curto do que cada mês, mesmo este corrente de Fevereiro, que só tem 28 dias.

Por isso mesmo, sorrindo triste para mim enquanto tratava um dos meus filhos em Maceió, Estado de Alagoas, a terra do Presidente Collor, ele dizia, com ironia:

— Médico no Brasil só é bom cirurgião plástico para esticar a pele dos ricos. Ou então dentista, para emigar para Portugal.

Mesmo assim, a equipa jovem do plantão permanente do excelente «SOS Infantil»

de Maceió cobra um conto e quinhentos portugueses na primeira consulta (ao câmbio do dólar turístico) e depois, mesmo que veja a criança mais quatro vezes, sorri quando se lhe pergunta quanto é.

— Não precisa pagar. Estamos fazendo só revisão.

E, possivelmente sem querer, estes médicos criam um sentimento muito pouco classe média, num país como o Brasil - solidariedade.

— Puxa, a vida está ficando mesmo difícil para quase todos os brasileiros.

— continua na página 4



Collor de Mello esteve em Portugal no ano passado, ainda como candidato, tendo-se encontrado com Cavaco Silva

emplo do Acordo de Créditos Recíprocos, na área do investimento. As relações com os países africanos de língua portuguesa são igualmente prioritárias para a política externa, tanto em função dos laços históricos e culturais, quanto de interesses comuns já identificados. Entre nossos objectivos incluem-se a intensificação das formas de cooperação - que já são muitas - e a ampliação do diálogo político, sempre baseado em

valores comuns e na melhor tradição da aproximação diplomática.

P. - Portugal recebe hoje um grande volume de informação cultural brasileira. Como se poderia criar um trânsito de mão dupla, para que a produção cultural portuguesa chegasse em igual proporção ao Brasil?

R. - É preciso lembrar que, hoje, a produção e a divulgação de bens culturais é, cada vez mais, ditada pelas regras

do mercado. Em razão da dimensão populacional, a demanda no Brasil estimulou a produção de bens culturais - e esses bens culturais passaram, por sua vez, a buscar novos mercados de consumo. Nesse contexto, pelas afinidades culturais e linguísticas, Portugal revelou-se um mercado propício. Em certos sectores, porém, como o da televisão, a produção brasileira vem sendo cada vez mais aceite, não apenas em

Portugal, mas num número crescente de países com raízes culturais muito diversas das nossas. Acho que há boas possibilidades de maior divulgação de informações culturais portuguesas no Brasil, às quais somos perfeitamente receptivos: basta notar o volume crescente de trocas entre os dois países na área da literatura.

Transformação estrutural

P. - Qual é o maior desafio que o espera no Governo?

R. - Os desafios são muitos. O primeiro é debelar a crise económica, cujo sintoma mais claro é a altíssima e persistente taxa de inflação. Com o capital de credibilidade que me dá o facto de ter sido eleito por 35 milhões de brasileiros, e com um programa de medidas bem definidas, penso que este primeiro desafio será vencido, e rapidamente. Mas, paralelamente, começará um trabalho de transformação estrutural, que exigirá coragem e determinação. O Brasil não se transformará num país moderno e desenvolvido, se não houver desenvolvimento, se não se modificarem, de forma radical, as regras do convívio económico. Sem isto, será impossível chegar a um mínimo de justiça social - e sem justiça social não há povo que viva com dignidade.

Cora Ronai

Segurança preocupa Collor

O Presidente eleito do Brasil, Fernando Collor de Mello, chega esta noite, às 21.30, a Lisboa, para uma visita de cerca de 24 horas. Curiosamente, Portugal, está desta vez a provocar receios quanto à segurança de Collor, graças à infeliz anedota sobre os portugueses que o novo Presidente brasileiro contou ao seu homólogo argentino.

Na edição de 24 de Janeiro, o «DL», através de seu co-

laborador Joaquim Letria, na altura no Brasil, relatou o facto em primeira mão sob o título «Collor insulta portugueses». A principal revista semanal brasileira, «Veja», citou a notícia no seu último número, como indicador da indignação que a anedota teria provocado em Portugal.

Esta repercussão negativa, segundo o «Diário de Notícias» de hoje, assustou o director da Polícia Federal

brasileira que chegou a pensar no envio de agentes a Lisboa para proteger Collor de um eventual protesto dos portugueses. Menos dramática terá sido a reacção do Presidente Mário Soares, que numa entrevista ao «Jornal do Brasil», publicada ontem, garante que o tradicional bom humor do povo português impedirá qualquer protesto mais violento.

Collor será recebido

amanhã por Mário Soares e em seguida por Cavaco Silva. O embaixador do Brasil em Lisboa, Costa e Silva, disse ao «DL» que «vai ser uma conversa aberta, sem agenda prévia, em que os temas irão surgindo». Segundo ele «grande parte da acção da diplomacia é hoje personalizada e muitos problemas são resolvidos na base desses contactos pessoais».

Redacção «DL»

Viragem de década

1981: O presidente Figueiredo viaja a Portugal. Deixa em fase final a negociação de um contrato entre a Companhia Global de Transportes Oceânicos e os Estaleiros de Viana do Castelo para encomenda de dois navios para transporte de produtos químicos no valor de US\$70 milhões. Espera-se o acordo para a Jumboização de 3 cargueiros brasileiros na Lisnave e na Setenave, no valor de US\$18 milhões. Fala-se na aquisição de 5 aviões Bandeirantes pela FAP à Embraer. Era isso uma «integração industrial em nível sofisticado, patamar realmente novo entre nós».

1986: O presidente Sarney viaja a Portugal. O Plano Cruzado dá um colorido festivo ao declarado apoio do Governo brasileiro à cooperação bilateral, e à descoberta de momentos propícios entre os dois países, sendo

Portugal membro da CEE. São assinados protocolos de negócios nos sectores de informática, transportes, alimentação, electrónica, irrigação, equipamentos, metalurgia. Formaliza-se uma proposta de programa de desenvolvimento tecnológico comum aos dois países, com preliminares ideológicos.

1990: O presidente Collor de Mello viaja a Portugal. O Brasil está hoje, com o Reino Unido, França, Espanha e Holanda, entre os 5 maiores investidores no nosso país. Há um «know-how» brasileiro que complementa o nosso, expressivo nos sectores de informática, publicidade, televisão, nas áreas de serviços e de jornalismo. A indústria pesada concretiza projectos, estando empresas como as metalúrgicas Cofap e Metal Leve em vias de instalação em Portugal, com investimentos na ordem dos

US\$300 milhões. Oitenta empresas acabam de se constituir estatutariamente em forma de Clube dos Empresários do Brasil, sediado em Lisboa.

O presidente Collor de Mello não tem nenhum encontro formalmente definido sobre negócios ou investimentos. Ele passará por Portugal sem a pesada consciência de uma imagem internacional a defender no estrangeiro. Nós não somos «estrangeiros», por toda a História passada e o muito que temos em comum, além do tanto que nos separa. Não somos credores de dívida externa. Não estamos mais desentendidos de linguagem, já que falamos a mesma, no contemporâneo das instituições.

Além dos acordos políticos, da grande hospitalidade e da paz que o presidente pode respirar em Lisboa, ele chega agora num novo tempo.

A parceria actual de interesses, tecnológicas e experiências não é mais apenas dependente da intenção palaciana dos governos, mas agiliza-se pela vontade de que directamente se envolvem em oportunidades de negócios a concretizar sem recuos nem demoras. E para além das crises.

O Brasil tem até hoje relações económicas de maior dimensão com os outros países da CEE. Mas ultimamente, têm os investidores brasileiros rejeitado propostas tentadoras de outras geografias, numa aproximação ex cordis desejada com Portugal. Dizem os entendidos que isto é diferente, e extraordinário. E poderão sentir os legos que certos entendimentos de afecto, cultura e família estão para além dos interesses imediatos, neste mundo de grandes transformações.

Leonora Xavier

COMENTÁRIO

Samba é samba tango é tango

O que ficou do encontro de Collor com o presidente Menem da Argentina foi uma troca de anedotas em que o brasileiro teve a infelicidade e o mau gosto, de contar uma «anedota de português».

Devo confessar que só uma total ausência de sentido de humor é que levará um português, como eu, a não rir com algums que os brasileiros inventaram e os nossos patricios tropicais suscitam.

A questão, contra a qual me insurji, de resto é que um presidente da República não deve andar pelo mundo contando anedotas vexatórias para um povo que os discursos oficiais não cessam de considerar «irmão» e cujo lugar, nas relações bilaterais, dizem os brasileiros ser sempre «no coração».

A questão é, evidentemente política. Mas, para já, ficava satisfeito se se resolvesse ao nível da etiqueta. Uma pequena lição de boas maneiras talvez baste, porque devo confessar que me estou nas tintas para o que Collor pense de nós portugueses, no foro íntimo, ou o que comente no seu círculo privado de amigos...

Mas se houve brasileiros que também publicamente se preocuparam com isto, na verdade a sua maior preocupação foi, e muito justamente, para o que Collor e Menem trataram. O que se compreende: o brasileiro vive o trauma da Argentina e receia que este lhe toque também à porta.

Se o leitor imaginar a empregada da caixa do seu supermercado a anunciar, através de um megafone, aos aturados clientes que ainda não pagaram, os aumentos daquele momento, fica com uma ideia da situação dos argentinos e do pavor dos brasileiros.

Quando assumiu a presidência, Menem comprometeu-se com uma política liberal aplicando medidas que encheram a boca do presidente Fernando Collor de Mello, na campanha eleitoral. Diminuir a dimensão do Estado (onde ouvimos nós isto?), privatizar as empresas públicas, e dar liberdade para os mecanismos do mercado.

Após breves sinais esperançosos, veio o desastre, que culminou com o congelamento dos depósitos, contra títulos do tesouro não transaccionáveis. E agora, o caos...

Creio que o caso da Argentina veio demonstrar que não adianta liberalizar o mercado, privatizar empresas, melhorar a gestão do Estado e reduzir o papel deste na sociedade, mudar o padrão monetário, produzir uma política austera de emissões se, paralelamente a tudo isto — que se pode reconhecer como salutar — o próprio Estado não cria condições de se autofinanciar e de ele próprio investir.

Não basta gastar menos. É preciso isso sim, arrecadar mais e gastar melhor.

O falhanço da política fiscal na Argentina é uma das causas da actual situação. Não me refiro, como se calcula, à cobrança de impostos sobre rendimentos de trabalho. Falo, sim, das maiores fugas fiscais e de capitais que ninguém impede com eficácia.

Selectivamente, o Estado deve ampliar a distribuição de sectores da sociedade e evitar a transferência do aumento da carga fiscal para os preços.

A partir do próximo dia 15 de Março, o presidente Collor assume o Governo do Brasil e se cumprir o que prometeu deverá seguir o mesmo caminho do presidente Menem.

Oxalá que este, ao reconhecer que em seis meses destruiu tanto como Alfonsín em 5 anos, tenha transmitido ao presidente brasileiro que a repetição dos seus erros só conduz a uma vitória inicial, enganadora e fugaz.

A melhora da situação no Brasil passa pelo equilíbrio de um triângulo de disposições: a redimensionação do papel do Estado para melhorar a administração pública, eliminando subsídios indesejáveis, privatizando empresas ociosas e deficitárias; garantia da independência do Banco Central, de molde a permitir uma austera política monetária, e uma prática

rigorosa na emissão, de molde e títulos; e finalmente, uma política fiscal que permita o reajustamento dos desequilíbrios sociais, penalizando a especulação e a sonegação, reabilitando o Estado, redistribuindo o rendimento e criando condições para uma verdadeira economia de mercado na oitava potência industrial do Mundo que, no fim de contas, é o Brasil.



Joaquim Letria

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos**.
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa**.
Secretário-geral: **Jorge Galamba**.

Director: **Mário Mesquita**
Directora-adjunta: **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção: **Acácio Barradas**.
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**.

Redactor-principal: **João Paulo de Oliveira**.
Coordenadores de Secção: **Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão**.

Redactor-paginador: **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica: **Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco**.

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim**.

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Gráfiros: **Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores: **José António Carvalho, Jorge Santos e Oscar Figueiredo**

Secretária de Direcção: **Maria Eduarda Soutello**.
Secretária de Redacção: **José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade: **Luísa Valadas**

Gestor de Informática: **Luís Casteiro**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



Brasileiros investem em Sintra

Daqui a cinco anos, uma quinta do século XVII, em Sintra, transformar-se-á num aldeamento de luxo construído por brasileiros.

O milhão e meio de metros quadrados da Quinta da Beloura, em Sintra, serão ocupados por lotes residenciais de luxo, prédios de escritórios, um hotel de cinco estrelas, torres de apartamentos de primeira classe e um campo de golfe de 18 buracos. É um empreendimento semelhante a outros existentes a cerca de 50 quilómetros de São Paulo.

Investimento de 200 milhões

Todo este projecto ficar-se-á a dever à iniciativa de uma firma brasileira, a Alfacon

Engenharia, que para tal se associou ao empresário português Nuno Lopes Alves. O custo deste empreendimento orçará os 200 milhões de dólares, mas estes serão investidos gradualmente, na medida em que o projecto também será desenvolvido por fases.

Mantem-se a fachada da velha casa

O projecto será concretizado pela Soma Construções, empresa por seu turno controlada pela Alfacon, a qual, de resto, foi contratada pela Somafal S.A., proprietária da área de construção.

O restauro da casa da quinta, com mais de 200 anos, já foi iniciado. A empresa, que tenciona não alterar as

fachadas, prevê a construção de um centro comercial, com pequenas lojas, um restaurante e um aldeamento turístico.

Embora a área total seja de milhão e meio de metros quadrados, o pedido de aprovação é apenas para 300 mil metros quadrados. A previsão dos brasileiros é que dentro de um ano e meio o projecto esteja inteiramente aprovado. Em 1991, deverão iniciar-se as obras de infraestrutura.

Novos postos de trabalho

Após a restauração da velha casa da Beloura, seguir-se-á o campo de golfe, o qual ocupará cerca de 600 mil metros quadrados. «Courts»

de ténis, clube hípico e piscinas serão mais tarde envolvidos por lotes para residências com áreas entre os 800 e os 1500 metros quadrados.

Conjunto residencial no Porto

A última coisa a construir será o centro empresarial que se estima vir a criar 1200 novos postos de trabalho. O hotel de cinco estrelas será entregue a uma cadeia internacional e um hotel-clínica (Spa) será igualmente construído.

Os empresários contam com as aprovações da Câmara de Sintra, IPPC, Secretaria de Estado do Ambiente e empresas fornecedoras de água e energia elétrica.

A Alfacon, através da Soma Construções, tem ainda outros grandes projectos para Portugal, designadamente no Porto onde irá construir um conjunto residencial de 114 apartamentos.

Neste momento está a procurar comprar um terreno com dez mil e duzentos metros de frente para o mar, próximo de Cascais, cujo projecto se encontra aprovado e se destina unicamente a 15 mansões, com «courts» de ténis, piscina e restaurantes.

No Brasil, a Alfacon Engenharia vai iniciar a construção de Alphaville 7, uma cidade-satélite de São Paulo, onde tem outras construções de grande qualidade.

J.L.



Brasil: Carnaval há sempre mas quartas-feiras também

Continuação da pág. 2

Gasóleo, gasolina, álcool gás e agora... metanol!

Um Brasil orgulhoso sentava-se por detrás dos volantes do milhão de automóveis que a indústria nacional produziu em 1980. Rico em tudo, mas sem petróleo, para mal da recém-falida Petrobrás, o Brasil decidiu produzir energia alternativa — o álcool, o que criou uma euforia no mercado — os carros a álcool não só eram mais baratos porque pagavam menos impostos, como o álcool era 65 por cento mais barato do que a gasolina.

O problema é que hoje o álcool «evaporou» — e ao mesmo tempo que o actual Governo puxa pela cabeça para cobrir o seu défice, o dono do carro a álcool puxa os cabelos para encontrar bomba que o sirva. Os que podem, têm um carro a álcool e outro a gasolina. Os que não podem, arreiam...

Mas aí Sarney lança uma última esperança — o metanol. E hoje, enquanto o carro vai consumindo a conta-gotas, e o álcool já está no bagoço, o brasileiro envolve-se noutra questão — faz o metanol mal à saúde, ou não? Entretanto, há mais de dois meses que arranjaram álcool e gás, até Abril, metanol para misturar

é a solução. Alguns, mais expeditos, não estiveram com meias medidas — botija escondida no porta-bagagens, ligas bem abertas, eles vão andando a gás. Não tem mais barato. Só que faz um estouro dos diabos quando uma fuga ou um acidente provocam uma explosão...

«Mas não tem outro jeito», explica-me uma economista de São Paulo «os carros a gasolina, além de raros, dispararam seus preços e os vendedores estão colocando 40 por cento de juros sobre cada prestação mensal!»

O que vai suceder, ninguém sabe ainda. Até porque prever o que quer que seja no Brasil é a coisa mais difícil do mundo. Exemplo: a Petrobrás previa que em 1995 o carro a gasolina desaparecia ou a sua existência seria irrelevante.

Salário diário

A situação do assalariado é tão dramática que é frequente encontrar-se gente com pluriemprego. Só que o pluriemprego de lá, não é como o de cá... significa trabalhar no duro, aproveitando tudo o que aparece, unicamente para sobreviver. Não é difícil encontrar um «colarinho branco» que sai da sua empresa para um «gancho»

numa loja, de onde sai para outro biscate que dura até de madrugada. Esta situação é muitas vezes determinada pela necessidade de cumprir com as prestações. Apesar de que muitos não arranjam nada, ou não aguentam a pressão e começam a descida, vendendo o que sempre sonharam ter...

Uma inflação de cerca de 60 por cento ao mês é o que, simplesmente, o brasileiro enfrenta, além do mais... Quer isto dizer que o seu salário vale uma vez e meia menos de trinta e trinta dias. Daí que, no industrializado Estado de São Paulo, sindicatos de entre os mais representativos tenham já proposto que os vencimentos passassem a ser pagos ao dia, actualizados quotidianamente com a margem de valorização dos BTN (Bilhetes do Tesouro Nacional). Os sindicalistas estão convictos de que a jorna é a única maneira de não serem engolidos por esta hiperinflação. Convictos estão também aqueles que há 20 anos depositam as suas poupanças para juntar os 30 por cento de entrada para habitação própria. Cada vez estão mais longe desses 30 por cento, ao fim de todo este tempo.

E o que têm algum dinheiro para aplicar, não sa-

bem o que fazer com ele — apesar dos bancos estarem a dar 72 por cento líquidos ao mês sobre um depósito, o depositante fica apenas com uma magro 1,5 por cento acima da inflação. E isto é água pelo nariz. Daí, a atracção do «overnight» ou a solução final, sempre que possível — comprar dólares, mesmo que acima do paralelo, ou desfazer-se depreza do dinheiro comprando coisas que amanhã custarão já muito mais...

Este é o estado geral da grande base social de apoio do presidente Collor de Mello. Ele sabe isso. E conhece o suficiente para ter consciência de que o resto, o melhor é nem falar.

A começar pela dívida externa e do rapa-tachos para ter reservas cambiais (7,2 mil milhões de dólares de reserva, 7,1 mil milhões de serviço da dívida acumulada). Como se pode deixar de desejar sorte a um presidente destes. Já não digo por ele, que é multimilionário. Mas pelos nossos irmãos brasileiros, que apesar da sorte de viverem naquele maravilhoso país e de não deixarem de ter Carnaval, não descobrem maneira de ele não parar na quarta-feira... não para na quarta-feira...

Joaquim Letria

Corrida ao ouro

Pela terceira vez desde 1985, o Governo Federal do Brasil envolveu-se em conflito com os garimpeiros que ocupam a reserva dos índios Yanomani, desde aquele ano, no Norte do país.

Até hoje, quando a polícia federal está a actuar com sucesso, cortando o apoio logístico dos garimpeiros e impedindo-lhes o uso de pequenos aviões, duas intervenções foram desenvolvidas por pressão da Igreja, mas sem êxito.

Em 1987, Exército e Polícia Militar meteram-se pela selva de Roraima, entre índios e garimpeiros. No entanto, alguns militares foram contaminados pela «febre do ouro», procurando como os garimpeiros, enriquecer da noite para o dia.

Em princípios de 88, o Ministério da Aeronáutica ensaiava a operação que leva agora a cabo, cortando o transporte aéreo aos garimpeiros. Actualmente, a situação é mais complexa: os únicos brancos que são acesos pelos índios são os garimpeiros, que além de lhes transmitirem a malária e a febre amarela, lhes pegaram uma «doença» mais grave — um certo estilo de vida — pelo pagamento em géneros do seu trabalho.

J.L.

FORUM

O ESTADO QUE SE ARRANGE

Quem quiser ver como será a classe política italiana nos próximos decênios, o tipo de valores que a inspira, os «slogans» com os quais obtém o consenso, dirija-se às universidades ocupadas: em Palermo, Nápoles, Roma ou Milão.

O movimento dos estudantes surgiu de modo espontâneo e alimenta-se espontaneamente das crenças, dos princípios-base da nossa cultura política, assimilados, quase inconscientemente, durante a infância, através das conversas familiares e dos meios de comunicação de massa. Cada um destes movimentos fala em nome de valores, contra a hipocrisia, contra os compromissos.

Observado deste modo, o movimento dos estudantes demonstra-nos claramente que não mudaram os temas mais profundos, soterrados no nosso sistema político. Em primeiro lugar, vem a confiança em tudo quanto é público, estatal, e a desconfiança em relação ao que é capitalista, privado. O projecto de lei Ruperti

previa uma mais estreita ligação entre universidades e empresas. Desde o início do movimento, em Palermo, esta proposta foi condenada: «Abaixo as mãos do capital nas universidades.»

São os velhos temas do populismo católico e do populismo marxista; mas são, é evidente, convicções enraizadas. A Itália é um país capitalista que continua a possuir uma cultura política anti-capitalista.

Todos se lamentam da invasão da política, da ineficácia do aparelho do Estado. Mas, lá do fundo, desconfiam da economia do mercado e é no Estado que renovam a sua confiança.

Um outro tema é o igualitarismo. A reforma Ruberti previa dois níveis universitários: o bacharelato e a licenciatura. Esta proposta tem duas razões de ser. A primeira é que cerca de 70 por cento dos inscritos na universidade não se licenciavam; com o novo projecto poderia, no entanto, obter um diploma. O segundo motivo é que temos uma grande necessidade de quadros intermédias. Veja-se o caso dos nossos hospitais, paralisados pela falta de enfermeiros, que são poucos,

mal pagos e não têm perspectivas de carreira.

Em compensação, existe um excesso atarrador de médicos. Seria necessário criar uma verdadeira carreira para os enfermeiros, com escolas especiais, diplomas universitários, especializações e níveis retributivos adequados.

Esta reforma nunca foi avançada por ter sempre prevalecido o igualitarismo sindical: «Não. Os enfermeiros devem ser todos iguais, devem todos ter a mesma qualificação.» Mas, também, porque o movimento estudantil de 1968 não quis cursos médios: «Não. Não deve haver uma licenciatura de primeira e outra de segunda. Todos devem ser iguais.»

O novo movimento retoma exactamente os mesmos temas, quer a universidade para todos, licenciatura para todos, o mesmo trabalho para todos, talvez até a mesma retribuição. Será a sociedade moderna suficientemente especializada, diferenciada, para funcionar prevendo apenas sistemas articulados de carreira? Aos es-

tudantes, este problema não interessa: eles exprimem só a exigência ideal da igualdade, o resto não lhes diz respeito.

Encontramos, assim, a terceira raiz da nossa cultura política: o idealismo e a demagogia. Aonde irá o Estado buscar recursos? Como poderão as empresas funcionar se todos são generais e não existem nem quadros médios nem soldados? Mais genericamente, com que meios se atingirão determinados objectivos? Aí está um problema que não interessa à nova classe política que surge.

Vemos, assim, reproduzir-se espontaneamente, a partir da base, um dos males maiores do sistema político e da administração pública em Itália. A incapacidade de racionalmente se ajustarem os meios

aos fins, a incapacidade de levar a bom termo um projecto reformador.

O que existe é a declaração enfática, retórica, bombástica; e, depois, o pântano da ineficiência, a astúcia individual, o nada.

(Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)



Francesco Alberoni

NÓS, ENTRE AS EUROPAS E O DIA-A-DIA

Estou enjoado da Europa. Já vou, aliás, no segundo enjoo. Primeiro foi 92. Os inúmeros "desafios de 92", "ganhar 92", "tudo e mais alguma coisa face a 92". "Horizonte 92" onde a "única" coisa que nos espera é um grande ... mercado; onde se cumprirão promessas de liberdade de circulação ... dos capitais, serviços e mercadorias. Depois, foi a aceleração do processo na Europa de Leste. Informações a mais. Horas a fio a ouvir telefonia. Páginas especiais dos jornais a acumularem-se em todos os cantos da casa. Emoções a mais. Ver colegas alemães, pálidos de excitação, a ler as notícias sobre a queda do muro de Berlim. Ouvir uma voz longínqua dizer: "Agradecemos a todos os que pelo mundo fora nos manifestaram a sua solidariedade. Desejamos-lhes um bom Natal!" Falava Rádio Bucareste. Num palavra: foi História - com H grande - a mais. Agora, confesso-o, domina a sensação de enjoo; de volta ao quotidiano lisboeta de Janeiro 90, às bichas na paragem do autocarro e no banco, às sucessivas e incontornáveis reuniões de trabalho, que fazer com tanta História?

Uma possível resposta é abandonar as grandes sensações, afinal de contas, desgastantes, e voltar às realidades mais modestas e mais consistentes do quotidiano. História? Qual História?! Enjoo? Qual enjoo?! A Europa, pensando bem, é um assunto de especialistas. Deixemo-la à

Catherine Lalumière, ao-Jacques Delors, aos engenheiros financeiros dos grandes bancos, aos departamentos de marketing das multinacionais produtoras de novas tecnologias.

Mas optar por esta atitude seria ignorar o que nos revela, mais nitidamente ainda que anteriores entusiasmos e emoções, este enjoo invernos: quer o queiramos quer não, as nossas vidas já são vidas europeias, e sê-lo-ão cada vez mais. O que não existe deixa indiferente. O enjoo significa a digestão, por vezes laboriosa, de um aspecto novo das nossas existências. Deixar a Europa continuar a ser um mero tema de coláquio, uma designação para "gabinetes" e "centros" de todas as espécies, mais um dossier a estudar, um assunto a esquecer depois do trabalho, equivaleria hoje a uma amputação.

É uma amputação que nos afectaria a nós próprios, mas também a evolução dos acontecimentos no espaço europeu. Porque o futuro aqui não se joga apenas no plano das negociações geoestratégicas e das estratégias financeiro-comerciais que se elaboram nas grandes empresas na perspectiva do mercado único. Também se joga no plano do nosso dia-a-dia. No âmbito desta esfera que talvez uma palavra alemã melhor delimite - palavra que não pode ser traduzida sem que se percam as suas

conotações mais essenciais -, a "Lebenswelt", o nosso "mundo de vida".

Reagir face à história significa também aprender a pensá-la, isto é: a falar dela. Numa história cujos processos afectam cada vez mais, e cada vez mais imediatamente, amplos sectores da humanidade, a linguagem a inventar não pode deixar de recorrer a palavras de várias línguas, sendo estas opções reveladoras tanto do centro de gravidade dos processos como do alcance da sua ressonância. Pensemos na "Glasnost" e na "Perestroika". Aposto nalgó de comparável com a palavra "Lebenswelt".

Palavra apanhada no vocabulário exacto da filosofia fenomenológica. Palavra trabalhada pelos intelectuais que, a partir deste privilegiado "miradouro sobre a modernidade" que representa actualmente a Alemanha, se esforçaram em pensar melhor os paradoxos dessa mesma modernidade (cabendo entre estes um papel central a Jürgen Habermas). Palavra finalmente injectada nas batalhas do

debate público pelos editorialistas da comunicação social alemã. Palavra agora disponível além da área germanófona para identificar algo que está em jogo em todo o espaço europeu. Altura apropriada para lembrar a observação recentemente referida - cum grano salis - pelo Economist: hoje em dia, os oportunistas aprendem o alemão.



Pierre Guibentiff

O que está hoje em jogo, é a nossa "Lebenswelt". Primeiro, porque temos de certa maneira que nos reambientar nela, após as recentes evoluções que também a afectaram (verificamos as transformações no plano dos nossos consumos, das mensagens de comunicação social que nos atingem, e até das nossas expectativas e dos nossos meios).

Segundo, porque um dos problemas centrais para o futuro, no espaço europeu, reside nas relações entre esta "Lebenswelt" e as instâncias onde se tenta controlar os processos em curso, isto é, os centros de decisão das grandes estruturas económicas e políticas. É na relação entre estes dois "patamares" da história que se jogará, já nos tempos mais próximos, a resolução dos problemas mais graves que se manifestam a nossa volta, entre os quais os perigos ecológicos e as tensões interétnicas.

A redução da distância entre estes dois patamares passa principalmente pela reconquista da parte europeia em cada um de nós, lugar de um possível novo relacionamento entre a nossa "Lebenswelt" e o mundo.

Tarefa exaltante, já foi sobejamente dito, mas também encontro com a vertigem que não pode deixar de causar a distância patológica entre história e quotidiano. Uma vertigem que até enjoa. - Tanto melhor, significa que o mal se manifestou. Nada pior, bem o sabemos nesta altura do ano, do que gripes sem febre.

FORUM

GENEALOGIAS DA ACTUALIDADE

A DOMESTICAÇÃO DA VIDA

Bebés-proveta, congelação e bancos de esperma, de ovócitos e de embriões humanos para posterior implantação uterina, mães portadoras, aluguer de úteros, enxertia de rins, de corações ou de pulmões, próteses de membros e de órgãos, diagnóstico precoce e intervenção pré-natal com vista à correcção de malformações ou alterações genéticas, prolongamento artificial, por vezes durante vários anos, da vida em estado comatoso. Esta lista de acontecimentos constitui já uma prática rotineira neste final do século XX. Trata-se de intervenções que vêm pôr em causa muitas das nossas concepções tradicionais da vida, da sexualidade, da morte. Mas, para além destas possibilidades das ciências da vida, o que está em jogo nesta viragem é a natureza paradoxal da maneira como o homem está no mundo. Vem mostrar que, mesmo como ser biológico, o homem continua a ser fundamentalmente um ser cultural, dotado de virtualidades prometeicas que o destinam a intervir tanto na produção do mundo exterior como de si próprio. É esta vocação prometeica das biociências que fundamenta a existência de uma biopolítica e de uma bioética.

A história de todas as civilizações é marcada por uma vontade de diferenciação e até mesmo de ruptura em relação ao mundo biológico. Mostram-no inúmeros factos. A oposição universal entre o nascimento e os processos de iniciação, a diferença entre paternidade biológica e paternidade cultural, os tabus sexuais, as manifestações de pudor, o desaparecimento dos ritmos sazonais do cio são alguns exemplos desta separação entre a esfera da natureza e a esfera da cultura, da oposição entre os determinismos cegos dos instintos e as regras culturais. Desta oposição de-

pendem, em última análise, as civilizações e o concomitante devir doméstico dos homens.

Desde o nascimento até à morte, a existência humana é marcada por um abismo intransponível entre os ditames dos instintos e as regras culturais. É este abismo que as instituições sociais (religião, família, política, economia...) preenchem através de toda uma tecnologia específica de domesticação, de uma biopolítica. É, aliás, porque se domestica a si próprio que o homem é capaz de domesticar as outras espécies, votando, assim, o mundo natural a um devir civilizado.

Este processo de domesticação que o homem exerce sobre si próprio e sobe o mundo à sua volta abarca a totalidade da existência. Desde o seu aparecimento no mundo até ao último suspiro, o homem é objecto de modelagem, de inscrição das marcas culturais da sua pertença social, de uma tecnologia específica de domesticação.

Dois momentos pareciam escapar até há pouco tempo a este trabalho técnico de domesticação: o da procriação e o da morte. É por isso que todas as civilizações conhecem, por ocasião destes momentos, processos rituais destinados, em certo sentido, a exorcizar, a marcar simbolicamente a sua exterioridade em relação ao mundo humano. Os tabus e as práticas rituais que enquadram estes momentos de estranheza e inquietação, de temor e fascínio, dão sentido a este confronto do mundo cultural com a natureza, situado na fronteira da vida.

Desta ruptura entre a existência biológica e a vida cultural resulta uma das características mais notórias da sexualidade humana, a da autonomia das funções reprodutoras em relação às dimensões afectivas da relação sexual. Esta autonomia está inscrita no próprio dispositivo pulsional. Ao autonomizar as relações sexuais em relação

ao período fecundo da mulher, com a perda do cio, o dispositivo sexual humano permite utilizar a sexualidade em ordem ao desempenho das funções afectivas, autónomas em relação às funções reprodutoras da espécie.

Os recentes métodos de reprodução assistida inscrevem-se indiscutivelmente neste processo de autonomização das funções reprodutoras em relação às funções afectivas que tradicionalmente lhes estavam associadas. Apesar de, na sexualidade humana, esta autonomia existir desde a origem, as mais recentes biotécnicas consomem-na e radicalizam-na.

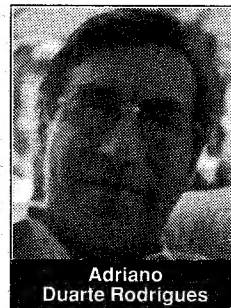
Esta radicalização da autonomia das funções reprodutoras em relação às funções afectivas acompanha a exteriorização instrumental da sexualidade, consumando assim a sua inscrição na esfera biopolítica. Ao converter-se em dispositivo tecnicamente programado, a sexualidade torna-se disponível para o exercício do poder das instituições que pretendem, com legitimidade, ditar, vigiar e sancionar os princípios éticos que a regem. Este acesso da sexualidade à esfera biopolítica é, aliás, inerente ao debate que se trava actualmente entre as instituições tradicionais (igrejas, Estado, medicina), com vista à preservação da sua legitimidade para gerir os valores inerentes à vida.

As actuais biotecnologias, ao autonomizarem a reprodução da espécie do conjunto das outras dimensões da sexualidade humana, retomam a distinção entre a filiação biológica e a filiação natural que encontramos nas culturas mais arcaicas, tanto patri como matrilineares. A estranheza que hoje causa, por exemplo, a existência de mães portadoras ou

o aluguer de úteros, e as dificuldades, tanto éticas como jurídicas, que provoca a inseminação artificial com sêmen de um doador desconhecido esbatem-se quando temos em conta idênticas práticas no mundo animal ou a pouca importância que a filiação biológica assume no ordenamento institucional de muitas culturas ancestrais. Convém a este propósito não esquecer que a adopção plena continua ainda hoje entre nós a ter exactamente os mesmos efeitos legais que a filiação biológica.

As ciências da vida, ao instaurarem processos de exteriorização da reprodução humana, podem também ser encaradas como um retorno às mais arcaicas formas de reprodução. A extracção do óvulo e a sua fecundação em laboratório não passam, ao fim e ao cabo, do restabelecimento artificial daquilo que existe originariamente na natureza, quer no mundo vegetal, onde observamos fenómenos de polinização, graças ao concurso do vento ou dos insectos quer no mundo animal, com a postura de ovos e sua incubação. Neste sentido, as biotécnicas não passam de um retorno a formas arcaicas esquecidas da sexualidade. Aquilo que nos aparece como artifício não passa, afinal, da realização técnica da própria ordem natural. A procriação tecnicamente assistida surge, assim, não tanto como artifício que contraria a natureza, mas como

um prodigioso meio de auxiliar, como consumação da ordem natural a que o homem continua, apesar de tudo, a pertencer. Aquilo que inquieta as instituições nas actuais intervenções das ciências da vida não é tanto a perversão da natureza, como o facto de elas retomarem o próprio funcionamento da ordem natural que lhes escapa.



Adriano Duarte Rodrigues

ESTE MODELO DE PARTIDO SERVE?

Um partido comunista, de entre os que até há pouco apoiavam incondicionalmente os países socialistas, mas que tenha sido poupado à experiência do poder, pode aparecer agora a denunciar os «erros» praticados pelos partidos irmãos e a explicar (até com sobrançeria) a falência do «socialismo real». Pode fazê-lo sem questionar nenhum dos princípios que todos eles até há pouco invocavam como património comum, sem investigar, com o arsenal teórico do materialismo histórico, as razões por que, numa ordem internacional baseada na ameaça de guerra nuclear, aquele socialismo «assustava» o capitalismo, mas não competia com ele no plano da eficiência global do sistema socioeconómico (que é como quem diz, das relações de produção), e sem explicar as razões por que o «socialismo real» não competindo nesse plano, que era o fundamental (por ter de competir a todo o custo na esfera militar!) - se tornou inviável.

Ao remeter-se a causa do falhanço simplesmente para os erros dos outros, admite-se implicitamente estar na posse das soluções que eles não encontraram ou não souberam aplicar. Abre-se o caminho para a distinção entre comunistas incompetentes e comunistas iluminados. Incompetentes são «os outros», que não souberam construir o socialismo. Iluminados, «nós», que temos a verdade na mão e que, se lá

estivéssemos a dirigir os respectivos partidos comunistas, havíamos de mostrar ao mundo como se constrói, sem erros, o socialismo. «Eles» não eram verdadeiros revolucionários, embora tivessem passado pelos campos de concentração e nas mornas nazi-fascistas e falassem de Marx e Lenin exactamente como «nós». Verdadeiros revolucionários somos «nós»: sabemos o que é um verdadeiro revolucionário, um verdadeiro comunista, e não consintiremos «transfugas» à frente do partido. Ei-lo, o perfil de revolucionário que queremos na direcção: por acaso até coincide com o do Stalin, o do Honnecker ou mesmo o do Ceausescu, quando se tornaram secretários-gerais dos seus respectivos partidos, mas «nós» somos feitos de outra massa, «nós», uma vez no poder, não pactuáramos com o culto da personalidade nem frustráramos os objectivos da revolução.

Com tal argumentação, aqui apresentada em traço caricatural, para melhor pôr em evidência as suas premissas, estamos no domínio do puro idealismo. Responde-se a factos reais, a factos da história, com profissões de fé, qual «partido eleito» por qualquer divina providência para levar a bom termo a cruzada contra os «infiéis». Dissimula-se, nomeadamente, uma questão que não pode ser torçada: este modelo de partido serve? Ou, por outras

palavras: o «centralismo democrático» serve?

Não se trata, é claro, de discutir o «centralismo democrático» como quem discute uma questão de teologia. Não se trata de o discutir como um «ser», mas sim como um «devir». Trata-se de saber o que foi e em que é que se tornou. E isso é um facto público e notório: no tempo de Lenine, foi o que permitiu unir um partido que tinha na sua direcção política pessoas com ideias e perfis tão diferentes como o próprio Lenine, Trotsky, Stalin e Bukharine; no tempo de Stalin, foi o que permitiu a este eliminar política ou fisicamente divergências internas e instaurar a sua ditadura pessoal; depois de Stalin foi o que permitiu consagrar, na prática dos diferentes partidos, o princípio da unanimidade.

O centralismo, destinado a unir um partido onde as decisões resultavam do confronto interno de diferentes apreciações da realidade e propostas de estratégia, acabou por transformar-se num meio de *excluir* do

partido e, em primeiro lugar, da sua direcção todos quantos, opondo-se resolutamente ao secretário-geral, ficassem em minoria. No tempo de Lenine, o centralismo servia para chegar a decisões aprovadas pela maioria e para as fazer aplicar por todo o partido, incluindo por quem ficara em minoria. No tempo de Stalin, para liquidar as minorias. Depois de

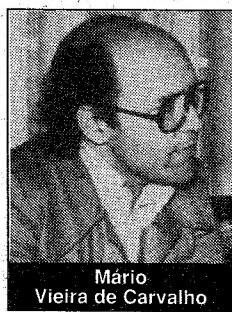
Stalin, para impedir a formação de minorias. No tempo de Lenine servia para assegurar a unidade na diversidade, no de Stalin para eliminar (violentamente) a diversidade, depois de Stalin para reduzir a unidade do partido à ausência de diversidade.

Os nossos «iluminados» não querem o centralismo democrático, tal como ele era originariamente. Querem o *unanimismo* em que ele se tornou. É isso o que os leva a expulsar, a *excluir* e a *marginalizar*.

O *unanimismo* vai isolando o partido. A discussão interna empobrece-se radicalmente, desde logo onde ela devia ser mais viva: nos órgãos de direcção. O partido vai enfiando a cabeça na areia como uma avestruz, sem olhos nem ouvidos para enfrentar a realidade. Se estivesse no Poder, estenderia o *unanimismo* às instituições políticas e administrativas do Estado, à informação, à cultura. Criaria gradualmente à sua volta um cenário fictício. Dar-se-ia a derrocada e só então se aperceberia da verdade!

O *unanimismo* baseia-se na ideia de «inimigo» externo e interno. Pretende combater o «inimigo» externo e impedir a sua «infiltração» interna. Vem do leninismo lido por Stalin, vem da guerra-fria, vem da confrontação à beira do abismo, vem também de uma tradição de clandestinidade e de defesa contra a provocação. Contudo, no Leste europeu, a força de se querer preser-

continua na pág. seguinte



Mário Vieira de Carvalho

FORUM

AUTO-RETRATO

O auto-retrato é um desafio que o «DL» está a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Duas vezes por semana está nestas páginas. Hoje é a vez de Almeida Faria



A minha biografia, ainda que transfigurada pela fantasia, está toda nos meus livros. Só por interposta ficção consigo falar de mim. O banal mortal que sou, pouco interesse tem para mim; as personagens inventadas, pelo contrário, podem ser universais; e por isso me interessam muito mais.

Recuso falar de mim sem a mediação da ficção. E não só por pudor o faço: tal recusa tem a ver com a suspeita em relação às autobiografias, todas mais ou menos falseadas. Nos romances, como nas artes em geral, o falso acaba por soar a falso. Em arte a mentira não é rentável, e a pose paga-se com o fracasso.

Ao imaginar personagens, ao transportar para a narrativa pessoas conhecidas; ao transcrever, por palavras, imagens dos meus sonhos ou de sonhos alheios, revelo aí o menos visível de mim. «O poeta é um fingidor» significa que o poeta é um ficcionista. E, se for verdadeiramente poeta como o Pessoa era, não consegue fingir.

Os escritos autobiográficos não passam de encenações da vaidade. Podem ter muito interesse enquanto tal, como as «Memórias» de Casanova, mas grande parte do que alguém diz de si divide-se entre o anedótico e a gabarolice. Se ao sermos fotografados tentamos mostrar o nosso melhor lado, como não será um auto-retrato?

Vivendo o não-vivido, evocando infâncias fictícias, falo de mim sem dar por isso, e assim sou «natural», como nas fotografias em que não houve pose por não sabermos ou não repararmos que nos estavam a fotografar.

«Desprezei sempre o falar de mim, prática socialmente baixa e criticamente sempre errónea.» Isto é do Pessoa, e costumou concordar com ele no que se refere ao fraco valor judicativo dos autores sobre si próprios.

E quando desatam a debitar acerca da sua «Obra», com a solenidade desta palavra no singular, então é quanto basta para nunca mais ler nem uma página do escriba em causa.

Desta vez decidi aceitar o «jogo da verdade» para que fui convidado, embora com as reticências com que se entra em certos jogos. No meu caso, a tarefa é facilitada pelo facto de eu ter publicado poucos livros.

Poucos e parcos. Aqui permito-me confessar que gostava de ter escrito muito mais. Não que a literatura ganhasse com isso. Eu, porém, teria gozado muito mais. A culpa foi dupla: da chamada vida prática, que me tem roubado tempo para escrever; e do meu desinteresse em publicar, que me fez ir enchendo não uma arca, mas grandes gavetões, com manuscritos que nem re-

leio, e que coerentemente não publicarei, ao menos enquanto não os ler.

Explicada a razão de ter publicado pouco, se é que expliquei alguma coisa, falta explicar porque é que os meus *in-quarto* são tão magros. Seria fácil meter tudo no mesmo saco: falta de tempo e falta de fé na minha «arte». Aqui, porém, esqueço o excesso de mo-déstia, reservo-me esta qualidade: sentido crítico, sentido das responsabilidades, que me obrigam a só publicar o que me parece menos mau. Cultivo, em literatura

como em tudo, a metódica dúvida. Se muitas vezes, ao escrever, me deixo arrastar pelo entusiasmo, passados os calores da «criação» procuro negar tudo com o saudável duche frio da dúvida, e apagar as chamadas da paixão descabelada. Ou pior: descabeçada.

Não por acaso, intitulei de «A Paixão» o meu mais inflamado romance, ainda preferido por muito leitor apaixonado. Escrevi-o quase sem emendar nada, com uma «naturalidade» que talvez seja autenticidade. Mas a autenticidade nem sempre é boa conselheira, e creio que ela nunca é um critério estético. Quando muito será um critério moral.

Resta-me esta espécie de consolação, que o não é afinal: «A Paixão» seria um livro autêntico, e logo, de certo modo, moral. Com tudo o que a moralidade, mesmo sem moralismo, implica de sério, de sólido, de estável.

Logo que terminei «A Paixão», apeteceu-me escrever a sua antítese, e deste modo nasceu «Cortes», romance cortante e frio até no título. Sarcástico, feroz e furioso, este livro produziu um estranho fenómeno: a crítica minha compatriota pouco se entusiasmou, ao contrário da crítica estrangeira, desde a sueca à francesa, que em geral achou ótimo. A princípio surpreendeu-me tal contraste. Hoje suspeito que o explícito e o implícito, o dito e o não-dito em «Cortes» vão contra uma tradição hiperlítica nacional, a mesma que atira o Eça para o inferno dos antipatriotas. Se assim for, e salvas as devidas proporções, estou bem acompanhado.

Seguiu-se o terceiro painel desta saga subjectiva, inicialmente pensada como triptico: é «Lusitânia», cuja acção vai do Domingo de Páscoa de 1974 ao Domingo de Páscoa de 1975 e cujo ponto fulcral é a Revolução do 25 de Abril. O meu modelo longínquo era o da tragédia grega, sobretudo o da «Oréstia» de Esquilo. «Lusitânia»

corresponderia à última parte da trilogia, ou seja às «Euménides». Os romanos chamaram «Fúrias» às Eu-ménides e, como a Agustina utilizou este título para um romance que trata do 25 de Abril, resolvi chamar-lhe «Lusitânia».

Em cada novo livro gosto de correr um novo risco. Neste, desafiei as velhas regras da verosimilhança, por achar que nem sempre a ficção precisa de imitar o real. Desde os mais antigos relatos, desde o «Antigo Testamento» e a «Odisséia», desde o «Guil-

gamesh» e o «Mahabharata», a imaginação goza de uma liberdade que a época moderna, traduzindo redutoramente a teoria da mimese, limitou ao ponto de cairmos no mais rasteiro realismo. «Lusitânia» opõe-se a esse realismo de via reduzida.

Mas a forma final da trilogia não me satisfaz, e senti a necessidade de lhe juntar um tomo mais. Assim surgiu «Cavaleiro Andante», transformando em tetralogia esta sequência que, entre várias leituras possíveis, pode também ser olhada como a junção ou contraposição de dois dípticos: o primeiro formado por «A Paixão» e «Cortes»; o segundo por «Lusitânia» e «Cavaleiro Andante». No primeiro dominam monólogos interiores; no segundo aquilo que designei por «monólogos exteriores»: diários e cartas.

Como gosto de remar contra a maré, teimosamente insisti em lançar-me no desafio, autodesafio, destes dois romances semiepitulares. Para mim as cartas têm a vantagem de substituir o senhor autor omnisciente: em «Lusitânia» e «Cavaleiro Andante» os sucessivos narradores vão dando voz aos sonhos, desejos, receios, anseios, pouco a pouco desenhando os retratos da sua interioridade.

Desde modo se assiste aos pensamentos, recordações e nostalgias, medos, terrores e amores dos «meus» caracteres e protagonistas (mesmo o «meu» me soa abusivo) vistos por dentro, como se o leitor estivesse na cabeça deles.

Por uma aventura especial passa o herói de «Os Passeios do Sonhador Solitário», novela curta ou conto largo cuja feitura inverteu a ordem habitual das contaminações entre pintura e literatura. *Ut pictura poesis*: desde Horácio que pintura e poesia andam ligadas; mas, enquanto em geral, os pintores ilustravam textos literários, desta vez fui eu que parti de um desenho de Mário Botas, tão fantástico que pedia uma narrativa, a minha única narração com a

qual não mantenho relações difíceis, embora por razões claramente não literárias. Mário Botas fez, nos últimos meses da sua curta e fulgurante vida, quatro traduções picturais da «minha» tetralogia, agora indissociáveis dos romances que lhes deram origem.

Se o pronome possessivo me é repulsivo ao referir-me às ficções que na capa levam a ficção do meu nome (aliás só do meu apelido, como se assim fossem menos «minhas»), é por não crer nem querer que inteiramente me pertençam. «Não meu, não meu é quanto escrevo», escreveu alguém que transformou a lucidez em poesia. Alguém que dissertou sobre si, sabendo ser inútil, nocivo às vezes, quando não ridículo, ouvir o autor dissertar sobre si.

Por delicadeza caímos em muitos erros, e hoje já caí no meu. O que me dá direito a encontrar nos clássicos a legitimação exigida pelo precário destino destas páginas. termino recorrendo a Ricardo Reis sobre Alberto Caeiro: «Dizer mais fora explicar, o que de nada serve; afirmar menos fora mentir. Toda a obra fala por si, com a voz que lhe é própria, e naquela linguagem em que se forma na mente.»

Bibliografia

Livros:

1962 • Rumor Branco, romance; 1965 • A Paixão, romance; 1975 • Poemas Políticos de H.M. Enzensberger, poesia traduzida; 1978 • Cortes, romance; 1980 • Lusitânia, romance; 1982 • Os Passeios do Sonhador Solitário, conto; 1983 • Cavaleiro Andante, romance; 1988 • Do Poeta-Pintor ao Pintor-Poeta, apresentação do «Spleen» de Mário Botas.

Conferências e artigos:

1969 • Comentário a Hölderlin, in O Tempo e o Modo, n.º 67, Lisboa; 1971 • O Romance Português Contemporâneo, in Tulane Studies in Romance Languages and Literature, n.º 4, New Orleans; 1977 • Pessoa Che Pensa Campos Che Sente? in Quaderni Portoghesi, n.º 2, Pisa; 1978 • Um Surrealismo Casareccio, in Quaderni Portoghesi, n.º 3, Pisa; 1980 • Visita ao Atelier de Charrua, in Colóquio Artes, n.º 46, Lisboa; 1982 • Portugal, Meine Reue, in Jahresring, n.º 82-83, Stuttgart; 1984 • O Super-Português Estrangeiro, in Prelo, n.º especial sobre Eduardo Lourenço, Lisboa; 1986 • Eine Provinz Wacht Auf, in Merian, n.º 1/39, Hamburg; 1986 • Auf Der Suche Nach Der Verlorenen Zeit, idem, ibidem; 1986 • Princípios e Causas da Obra de Arte, in Revista Portuguesa de Psicanálise, n.º 4, Porto; 1988 • Ketzereien Über Eine Modische Frage: Europas Kulturelle Identität, in Literatur Magazin, n.º 22, Hamburg; 1988 • Deux Philosophes, in Autrement, hors-série n.º 30, Paris.

ESTE MODELO DE PARTIDO SERVE?

continuação da pág anterior

var o *unanimismo* do partido, para «defender» dos «inimigos» o socialismo e o poder socialista, gerou-se a quase unanimidade das populações na rejeição do partido.

O modelo do *unanimismo* tornou-se inerente a um modelo de socialismo assediado pela confrontação e pelo espectro da guerra. Mas a história encarregou-se de mostrar o caminho para o socialismo, para so-

ciedades mais justas, libertadas da exploração do ser humano pelo ser humano — só pode ser alcançado na paz e num clima de confiança, abertura e tolerância, tanto na ordem internacional como na ordem interna. Insistir no modelo do *unanimismo* é continuar a pensar que o destino do mundo depende forçosamente da confrontação e da guerra contra um «inimigo». É reduzir grosseiramente a complexidade dos problemas colocados pelas sociedades e pelo

mundo contemporâneo. É legitimar indirectamente pela própria praxis política todos os fundamentalismos e tiranias.

Só através do consenso, e não da redução drástica, unilateral e voluntarista da complexidade, é que se pode avançar na construção de um mundo melhor. Cabe aos partidos progressistas e, em primeiro lugar, aos partidos comunistas, precisamente porque se reclamam originariamente de um ideal de revolução libertadora, assumir

um papel determinante na busca de soluções consensuais e no exercício consensual do Poder.

Um modelo de partido baseado, ele próprio, no *unanimismo* não está em condições de promover o consenso. Nem, por isso mesmo, de defender eficazmente — como se tornou evidente — os interesses «de classe» de que se diz porta-voz.

Mário Vieira de Carvalho

POLÍTICA

B R E V E S

Carlos Melancia visita empreendimentos

Carlos Melancia visitou os locais de construção da central de inceneração, do porto das águas profundas e do aeroporto internacional de Macau, projectos considerados «essenciais para o desenvolvimento autónomo e sustentado do território».

O governador de Macau referiu que a entrada em funcionamento, em 1991, da central incineradora da ilha da Taipa «permitiria resolver um dos estrangulamentos ao desenvolvimento de Macau», assegurando numa primeira fase a reciclagem diária de 80 toneladas de lixo.

Carlos Melancia anunciou à imprensa que o acompanhava que o concurso internacional para a construção da pista do aeroporto de Macau será lançado em breve, prevendo-se que o empreendimento, orçado em 70 milhões de contos, esteja concluído em 1993.

PSD responsabiliza oposição

O secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, Carlos Encarnação, acusou a oposição de «desprestigiar a actividade parlamentar».

Em declarações ao programa «Encontro às nove», da Antena 1, o governante acusou os líderes dos partidos da oposição de não comparecerem no Parlamento.

Para justificar as afirmações, recordou que «Álvaro Cunhal perdeu o mandato, Freitas do Amaral não foi sequer eleito e Jorge Sampaio deixou de ser deputado». Carlos Encarnação sublinhou que «não há na história constitucional portuguesa nenhum governo que tenha ido tantas vezes ao Parlamento como o actual Executivo».

JC recebida em Belém

A Comissão Política Nacional da Juventude Centrasta vai ser recebida amanhã pelo Presidente da República.

A audiência foi solicitada pela direcção da JC, que está no fim do seu mandato, para fazer o balanço político da década de 80 nos movimentos juvenis e apresentar as linhas de referência dos jovens do CDS para os próximos dez anos.

Solidariedade com a África Austral

A Direcção da Organização Regional de Lisboa (DORL) do PCP realiza amanhã, às 20.30 horas, um debate subordinado ao tema «O PCP e a nova situação na África Austral - últimos acontecimentos na África do Sul».

Na sessão de solidariedade com os povos da África Austral estão previstas as intervenções de Domingos Lopes e José Goulão.

O ministro dos Negócios Estrangeiros reúne empresários e diplomatas para preparar a viagem, no princípio de Março a oito países de Leste

João de Deus Pinheiro prepara fórum sobre o Leste

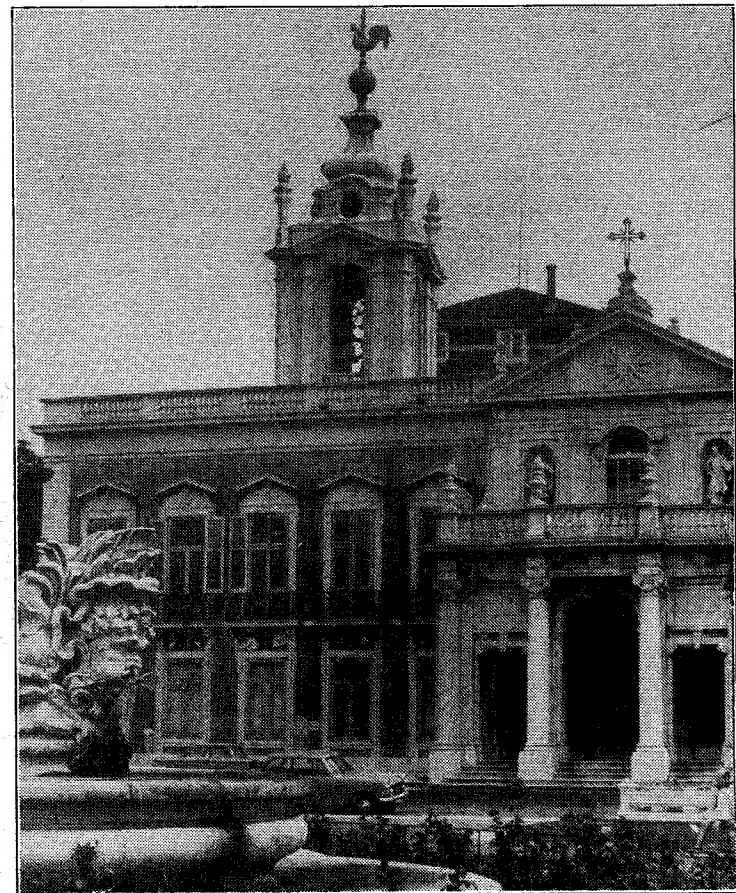
O ministro dos Negócios Estrangeiros promove hoje um «fróum» no Palácio das Necessidades com a presença de quatro ministros, cinco secretários de Estado, empresários e embaixadores de Portugal nos países de Leste. Esta reunião alargada destina-se a preparar a próxima viagem de João de Deus Pinheiro a oito países de Leste que nos próximos meses sofrerem profundas alterações políticas. A posição de Portugal, enquanto presidente do Conselho da Europa, numa altura em que se discute a abertura da comunidade aos países de Leste e se desenvolvem teorias sobre a eventual reunificação da Alemanha, obriga o chefe da diplomacia portuguesa a intensificar os contactos com aqueles Estados.

Nesta digressão-relâmpago pelas oito capitais, o ministro será acompanhado por Catherine Lalumière, secretária-geral do Conselho da Europa. O objectivo desta viagem é preparar a sessão especial do comité de ministros do Conselho, que se realiza em Lisboa nos dias 23 e 24 de Março. A viagem ao Leste servirá também para João de Deus Pinheiro reforçar as relações bilaterais. Nesta perspectiva, o ministro decidiu fazer uma reunião com os ministros do Comércio, Indústria, Emprego e Segurança Social, com os secretários de Estado da In-

tegração Europeia, Comunidades Portuguesas, Comércio Externo e da Cultura, e, claro, com um dos principais responsáveis pela política diplomática, o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Durão Barroso.

Para um melhor conhecimento da realidade comercial e industrial portuguesa, João de Deus Pinheiro mandou chamar representantes do Instituto do Comércio Externo Português, do Banco de Fomento, das Associações Industriais Portuguesa e Portuguesa e, ainda, as Confederações Nacionais do Comércio e da Indústria. Fonte do Ministério dos Negócios estrangeiros disse que, na sequência das reformas lançadas nos países do Centro e Leste da Europa, Portugal está a procurar um mais amplo relacionamento político, económico, comercial e cultural, pelo que o Governo decidiu recentemente reforçar os quadros das representações diplomáticas.

Encontram-se em Lisboa para contactos, amanhã, com o primeiro-ministro e ainda



João de Deus Pinheiro preside, no Palácio das Necessidades, à reunião alargada com empresários, governantes e diplomatas

hoje com o ministro dos Negócios Estrangeiros, os embaixadores Luís Gonzaga Ferreira (Bulgária), Zozimo Justo da Silva (Hungria), João Cunha Matos (Jugoslávia), Luís Mendes Cordeiro (Polónia), Pedro Madeira

Andrade (RDA) e Sérgio Sacadura Cabral (URSS).

Portugal ainda não tem embaixador na Roménia, mas o ministro já anunciou que está decidida a reabertura daquela missão diplomática a breve prazo.

Candidaturas na JS

Rui Franco aposta na ruptura

O VIII Congresso da Juventude Socialista, agendado para 28 e 29 de Abril, poderá revelar-se muito mais interessante do que o do próprio partido a que esta estrutura está ligada.

Embora já exista uma candidatura forte, protagonizada por António José Seguro, surgiram entretanto outras duas: as de Adolfo Palma e Rui Franco. Ambas se demarcam da imagem da continuidade e são também o prenúncio de alguma efervescência no seio da JS.

Embora lidere uma candidatura «low profile», pouco conhecida pela opinião pública, Rui Franco joga precisamente nesta base e diz-se «anticandidato». Quer «disputar ideias, projectos e não lugares». Os que o apoiam afirmam que no congresso daquela estrutura vão apresentar uma moção que «não será de consenso». São irreverentes e pretendem cortar «com os caciques criados na JS»; não se identificam com nenhuma sensibilidade. «Não somos nem 'sampaistas', nem 'gamistas'. Somos JS», acrescentam.

Sob o lema «Com a JS tudo é possível» estes jovens socialistas e Rui Franco,

apresentaram-se ontem em conferência de Imprensa no anfiteatro ao ar livre da Fundação Gulbenkian. «Esta foi uma forma simbólica de dizermos que somos alternativa. Em vez de promovermos a conferência no Largo do Rato, preferimos este lugar».

Em estado pouco animador

O diagnóstico que fazem do estado da JS é pouco animador. Dizem que «praticamente não existe» e que há uma distância abismal entre o topo e a base. Pretendem por isso, «renovar ideias e discursos, bem como a própria estrutura da organização».

Na opinião de um dos apoiantes de Rui Franco, a actual estrutura hierárquica da JS é a própria geradora de «caciques internos» que ora pretendem combater.

«Queremos uma JS renovada e crítica. Queremos uma JS autónoma e irreverente. Sem isto nada terá sentido e tudo não passará de promoção pessoal deste ou daquele», sublinham, acrescentando ser necessária uma nova forma de pensar a esquerda. São partidários da rup-

tura com o actual «estado das coisas» e assumem «claramente um fosso cultural, geracional e político com todas as outras candidaturas» e nomeadamente com «a 'santíssima trindade' formada por José Apolinário, António José Seguro e Sérgio Abreu».

Estes jovens socialistas não se eximem de criticar alguns aspectos do funcionamento do próprio PS e contestam o facto de o secretário-geral ser eleito em congresso pelos delegados.

JSD/Évora apoia Coelho

O Conselho Distrital de Évora da Juventude Social Democrata, JSD, manifestou o seu apoio e solidariedade à candidatura de Pedro Coelho à presidência da Comissão Política Nacional daquele órgão.

Em comunicado, os jovens socialistas de Évora consideram que aquele candidato «saberá protagonizar a renovação da JSD através de uma postura dinâmica e coerente, que garanta a manutenção da estrutura como consciência crítica face ao PSD e à sociedade portuguesa».



MUNICÍPIO DE OEIRAS CÂMARA MUNICIPAL

AVISO

Concurso público para arrematação da empreitada de construção do Pavilhão da Escola Secundária de Miraflores.

A Câmara Municipal de Oeiras faz público que foi alargado o prazo de entrega das propostas da obra em epígrafe, por 15 dias contados a partir da data de publicação deste aviso no «Diário da República».

Pelo Conselho, 26 de Janeiro de 1990

O Presidente da Câmara
Isaltino Moraes

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª publicação do anúncio.

Execução: Sentença n.º 8497/B, 2.ª secção.

Exequentes: José Maria Garcia da Silva.

Executados: Manuel de Jesus Gonçalves, residente na Rua Cidade Nova Lisboa, Lote 220-10.º A — 1800 LISBOA.

Lisboa, 90/1/24

O Juiz de Direito,
Pedro Santos Gonçalves

Procurador,
Pedro Santos Gonçalves

Pelo Escrivão de Direito,
Elsa Machado Marques

POLÍTICA

José de Almeida foi a Bruxelas pedir apoio ao separatismo

O Grupo Arco-Íris reuniu no Parlamento Europeu representantes das Canárias, IRA e Euskadi

Do nosso correspondente em Bruxelas

O separatista José de Almeida apelou ontem, em Bruxelas, num colóquio organizado pelo Grupo Arco-Íris, para que a «solidariedade internacional saia em auxílio dos povos ainda oprimidos pelo colonialismo. O povo dos Açores agradece-lo-á». Almeida esclareceu comparecer a título individual e demarcou-se do Movimento Nacionalista Açoriano, que só endereçou uma mensagem para não correr riscos de «perseguição política em Portugal».

O auto-designado «Colóquio das Últimas Colónias da Comunidade Europeia» foi uma iniciativa da deputada Dorothee Piermont, do grupo Arco-Íris e termina hoje, num dos anfiteatros do Parlamento Europeu. Os organizadores beneficiaram de todas as facilidades a que tem direito a um grupo parlamentar, ou seja, instalações, tradução simultânea em todas as línguas da comunidade e apoio administrativo.

Representantes do Euskadi, Córsega, Antígua, Eire, Guadalupe, Martinica, Guiana, Polinésia, Canárias, Ceuta, entre outros, estiveram na sala. Informações de que dispomos apontam para a presença de elementos da FTA e do IRA, a qual teria acionado os mecanismos policiais, atentos e discretíssimos.

José Almeida disse aos jornalistas - desconhecer o

MNA e os seus objectivos, afirmando-se «defensor da independência dos Açores de uma forma pacífica, que permitisse um relacionamento semelhante ao que Portugal tem hoje com Cabo Verde».

Os Açores, para além de José de Almeida, estiveram «representados» no colóquio, por Humberto Policarpo, que se auto-declarou da Administração Internacional e por Paulo Torres, da «Juventude Açoriana», segundo as suas próprias palavras.

A mensagem do alegado MNA afirma: «Jovens açorianos, no uso do direito de livre circulação e livre transmissão e obtenção de informações deslocarem-se à Líbia e isso acarretou-lhes perseguições laborais e policiais.»

Mais adiante refere: «Portugal, sem qualquer consulta ao povo açoriano, mantém bases militares estrangeiras no território açoriano - Base USA das Lages, Base Francesa das Flores, porto da NATO em S. Miguel - sofisticados sistemas de transmissões militares, apenas para citar as mais importantes.»

Na parte final, o auto-designado Movimento Nacionalista Açoriano reivindica a suspensão «da integração das instituições europeias, nomeadamente a CEE e o Conselho da Europa».

Interrogado sobre o que iria mudar nos Açores após esta deslocação, frase que lhe é atribuída, José Almeida afirmou que «a independência



José de Almeida é hóspede do Grupo Arco-Íris, em Bruxelas

iria ser encarada com mais alegria», recusando-se a revelar quem iria contactar durante a visita a Bruxelas.

Acrescentou que «em cada açoriano está um separatista» e afirmou-se preparado para entabular um «diálogo pacífico com Portugal visando a independência». A ele, José de Almeida, parecia «indicada a mediação estrangeira».

No colóquio terminou o seu discurso da seguinte forma:

«Não posso por conseguinte, pedir auxílio, nem peço - que não me seduz a perspectiva de fazerem de mim um novo Nelson Mandela -, mas nada impede que a solidariedade internacional, aqui alertada saia, *sponte sua*, em auxílio dos povos ainda oprimidos pelo colonialismo. O povo dos Açores agradece-lo-á.»

José Rui Cunha

Admite Fernando Nogueira:

Cadeias sem lugar para 1300 presos

«As impressões digitais vão deixar de ser necessárias para a administração da justiça», afirmou o ministro Fernando Nogueira na apresentação das acções a desenvolver pelo seu Ministério nos próximos tempos. Entre outras, o ministro da Justiça destacou a criação de uma associação de protecção às vítimas das infracções criminais e do Museu Judiciário, bem como as reformas dos códigos dos registos e do notariado e a revisão (em curso) do código do processo penal.

A activação de círculos judiciais-modelo em Lisboa, Porto, Coimbra e Évora é outra das medidas de fundo da política do Ministério da Justiça, ainda no domínio das intenções, visando «a reabilitação do sistema jurisdicional-territorial», afirmou, por seu turno, o secretário de Estado da Administração Judiciária na reunião que o Ministério da Justiça ontem promoveu com a Comunicação Social.

implantação de círculos judiciais-modelo, na perspectiva de uma progressiva afirmação de círculo judicial como pólo essencial de todo o sistema é uma das grandes apostas deste Ministério para resolver os seus problemas, já que o Centro de Estudos Judiciários prestou uma significativa contribuição para uma questão de Estado como é a justiça (o défice de magistrados judiciais é hoje apenas de sessenta) e o parque judiciário não é, afinal - como ontem afirmou Fernando Nogueira -, problema insolúvel para os próximos quatro ou cinco anos.

Défice de celas

Isso passa - adiantou o ministro - pela conclusão da cadeia do Funchal, pelo lançamento de um novo estabelecimento prisional em Lisboa e o concurso para a construção do de Faro.

O ministro da Justiça admitiu que o défice de mil e trezentas células do sistema

prisional português, que oferece 6 300 para os seus oito mil actuais detidos seja ultrapassado. Para Fernando Nogueira é importante neste aspecto o facto de a «justiça penal ser mais célere sempre que encontra resposta na primeira instância».

Desbloquear a administração

O número dois do Governo fez ontem a primeira experiência do Governo nesse sentido, depois da remodelação, acompanhado dos seus secretários de Estado-Adjunto (Borges Soeiro) e da Administração Judiciária.

No essencial, trata-se de desbloquear a administração da justiça, de a tornar cada vez mais eficaz, através de todos os meios ao seu alcance. Nesse sentido, a lei orgânica do Ministério da Justiça prevê a criação de juízos auxiliares para as pendências judiciais, para além - e a par - das acções atrás referidas.

Acções que não se esgo-

tam nas que ontem foram enunciadas, uma vez que o Ministério da Justiça vai criar uma escola de formação para os oficiais da justiça e planos para assinar um protocolo com a Faculdade de Direito para a pós- formação de conservadores e notários.

A reinserção social integra-se na vertente da justiça desenvolvida pelo secretário de Estado da Administração da Justiça (Laborinho Lúcio) e nela poderão vir a ter papel importante as instituições particulares de solidariedade social, do mesmo modo que os círculos judiciais referidos com os vários serviços que lhes são inerentes.

Fernando Nogueira sintetizou as acções a desencadear pelo seu Ministério em quatro palavras: formar, modernizar, humanizar e mobilizar. «Desdobrando as áreas, nelas se distinguirão as sa investigação, da comunicação e da acção», disse o ministro ao estabelecer a relação entre o cidadão e a justiça.

B R E V E S

Adriano Moreira recusa candidatura a Belém

«É uma fantasia pura e simples» - foi assim que Adriano Moreira classificou ao DL a notícia da sua eventual candidatura a Belém, hoje vinda a público. «Deconheço qual é a sua origem e por isso não sei qual ou quais serão os seus objectivos», acrescentou o ex-presidente do CDS que considera «descabida e sem fundamento» a sua disponibilidade para disputar as presidenciais de 1991. Adriano Moreira, que se negou a comentar a «guerra» no CDS à volta das moções a apresentar ao congresso, diz não querer alimentar qualquer tipo de especulação.

Cunhal admite «reflexão colectiva»

O secretário-geral considerou «fraccionários» os elementos do PCP responsáveis pela dinamização do Instituto de Estudos Sociais (INES), numa reunião com militantes comunistas do sector de saúde. Em resposta a perguntas de alguns deles sobre a possibilidade do PCP «criar espaços mais amplos e aprofundar em termos de debate as linhas de acção frutuosas desenvolvidas» em diferentes actividades, Cunhal afirmou que a questão não está na criação do INES como centro de debate, mas na «tentativa de criar um polo de atracção em confronto com o partido e de animar um grupo ou grupos manifestamente fraccionários». Admitiu, no entanto, que não é possível «censurar ou criticar (...) qualquer camarada nosso que tenha uma opinião diferente» e considerou necessária «uma reflexão em colectivo».

Homenagem a Delgado

Os restos mortais do general Humberto Delgado encontram-se ainda no cemitério dos Prazeres onde, domingo, lhe será prestada homenagem comemorativa do 25º aniversário do seu assassinato em Vilanova del Fresno, perto de Badajoz. «Esta deveria ser a última homenagem efectuada naquele local, pois a Assembleia da República decidiu há dois anos a transladação dos restos mortais de Humberto Delgado para o panteão nacional», referiu a comissão promotora da homenagem, que decidiu pedir uma audiência ao secretário de Estado da Cultura - entidade que deve concretizar a resolução do Parlamento.

Esta tarde, na Assembleia da República Lei das privatizações votada em clima de confrontação

É de confrontação absoluta entre o PS e o PSD e, particularmente, entre Jorge Sampaio e Cavaco Silva, o clima preparado para a votação final global da lei das privatizações, marcada para o fim da tarde de hoje na Assembleia da República.

Esta lei-quadro tinha sido aprovada, na generalidade, com os votos conjuntos de socialistas e social-democratas, tudo apontando para que, no debate na especialidade, a maioria qualificada de dois terços se mantivesse. Tal não aconteceu e o Partido Socialista já explicou publicamente que não apoia a versão hoje submetida a plenário por não terem sido contempladas algumas das suas propostas essenciais.

Nomeadamente, o PS contesta o facto de não ter sido criada uma comissão parlamentar de acompanhamento das privatizações, assim como acusa o PSD de ter eliminado o essencial dos direitos dos trabalhadores que pretendia consagrar nas empresas que vão sair do sector público e passar à propriedade privada.

Carta vai e carta vem

No início da semana, o Partido Socialista pretendeu adiar a votação e acompan-

hou esse pedido com uma carta de Jorge Sampaio ao primeiro-ministro, em simultâneo com a contestação do PSD na Assembleia à recusa de os socialistas alinharem na substituição do provedor de Justiça.

Cavaco Silva respondeu, de imediato, à carta do secretário-geral do PS e, em substância, afirma que «o Governo não pode nem quer interferir» e que esta questão é com a Assembleia da República. Se Jorge Sampaio queria tocar impressões «julgadas convenientes sobre a lei e o andamento da votação -- diz Cavaco Silva na carta -- o líder parlamentar do PSD e o ministro dos Assuntos Parlamentares estariam inteiramente disponíveis para conversar».

Não obstante remeter para a Assembleia a resolução deste diferendo, que a conferência de líderes de ontem não resolveu, o primeiro-ministro rejeita as acusações formuladas por Sampaio de falta de transparência para o processo de privatizações implícita no diploma que a Comissão de Economia, só com os votos do PSD e do CDS, acabou por aprovar e hoje será submetido ao plenário parlamentar.

Daniel Reis

PSD estranha reacção de Belém

Duarte Lima diz que esta posição não é definitiva

A comissão política do PSD manifestou a sua «estranheza» pela reacção da Presidência da República às declarações de Cavaco Silva sobre a possibilidade de recandidatura de Mário Soares, sublinhando não ter sido essa a posição tomada face a idênticas manifestações da UGT e do PS.

«Estranhámos a estranheza do porta-voz da Presidência da República», afirmou Duarte Lima, porta-voz da Comissão Política Nacional dos sociais-democratas.

Duarte Lima esclareceu que, na declaração enviada ao «Expresso», Cavaco Silva não afirmava que iria apoiar alguém, limitando-se a anunciar a intenção de propor ao congresso a não apresentação de um candidato próprio.

«Não há nenhuma posição definitiva do líder do partido: aquilo que existe da sua parte é a intenção de apresentar uma proposta ao congresso», explicou.

Ao manifestar esta atitude ante a posição de «estranheza» expressa por um porta-voz

da Presidência de República acerca da declaração de Cavaco Silva, o porta-voz social-democrata recordou que ainda há pouco tempo não houve nada semelhante, quando a UGT e o PS defenderam e apoiaram a recandidatura de Soares.

A proposta do PS para o adiamento da discussão da Lei das Privatizações na Assembleia da República foi outro dos temas debatidos pela comissão política dos sociais-democratas que considerou tal diligência como

«um convite dos socialistas a uma intromissão do primeiro-ministro no agendamento dos trabalhos parlamentares»

Defendida substituição do provedor de Justiça

«É perfeitamente justificável a substituição do provedor de Justiça», afirmou o secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares ao programa «Encontro das Nove», da «Antena 1».

«Do ponto de vista democrático é censurável que os mandatos sejam arti-

ficialmente prolongados», acrescentou.

Ouvindo sobre as principais questões que se colocam ao nível parlamentar, em particular o relacionamento interpartidário, Carlos Encarnação aproveitou para se pronunciar acerca dos líderes dos três partidos da oposição, considerando que «Álvaro Cunhal vive nesta altura um desperdício Freitas do Amaral um desespero e Jorge Sam- paio uma aflição».

O secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares fri-

sou que «a ideia que se quer fazer passar de que o Executivo não procura consensos é falsa», acrescentando que «não há bom Governo sem boa oposição».

Relativamente à Lei-Quadro das Privatizações salientou que «é extremamente importante e significativo para um regime democrático português» e, a propósito do problema de Timor-Leste, considerou que o seu povo «tem uma verdade substancial a dizer ao mundo».

PCP apresenta projecto sobre autarquias

O Grupo Parlamentar do Partido Comunista, com o apoio de algumas das suas estrelas autárquicas, vai lançar, brevemente na Assembleia da República, duas iniciativas legislativas tendentes a aprofundar as atribuições e competências das autarquias e a melhorar a eficácia da sua gestão.

A primeira, com o debate já agendado para o próximo dia 13, é Lei-Quadro das Empresas Públicas municipais, intermunicipais e regionais e que, na opinião dos seus promotores, «contabiliza de forma correcta a prestação do serviço público com a introdução de mecanismos de eficácia de gestão». A segunda, a apresentar mais tarde ao Parlamento, é uma lei sobre o regime de competências e meios financeiros das freguesias.

Uma e outra iniciativas foram ontem apresentadas pelo Grupo Parlamentar do PCP, em conferência de

Imprensa a que se associaram Rui Godinho, número um comunista na coligação que preside à Câmara de Lisboa, Daniel Branco, presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, e Ilda Figueiredo, ela própria deputada do PCP mas também autarca experimentada em Vila Nova de Gaia, a cuja presidência concorreu nas últimas eleições.

Segundo Rui Godinho, a lei das empresas municipais enquadra-se no funcionamento da EPUL, em Lis-

boa, uma empresa de habitação até agora sujeita à dupla tutela legal e que, a ser aprovada esta lei, passaria à tutela exclusiva da câmara.

Outro caso referido por Daniel Branco, em abono das virtualidades deste projecto de lei, é o dos técnicos municipais que estão actualmente a ser aliçados para se transferirem para o sector privado. Chegam a receber propostas de salários duas e três vezes superiores aos que a lei lhes permite pagar nas autarquias. «Mas se muitos dos serviços em que trabalham fossem enquadrados em empresas públicas, já era possível negociar com mais eficácia no mercado de trabalho e segurar os melhores quadros do serviço público autárquico», disse o presidente da Câmara de Vila Franca.

O projecto de novo regime das competências e finanças das freguesias será debatida em profundidade no dia 14 de Março em reunião pública na Assembleia da República, promovida pelo Grupo Parlamentar do PCP e em que participarão, especialmente, presidentes de juntas e outros eleitos nas freguesias.



Rui Godinho

Sistema Usado Seguro

A nova marca ao seu serviço.

Seleção quer dizer escolher o melhor. Aos nossos clientes só oferecemos um "usado" escolhido: em boas condições e de confiança. Por isso, o nosso é um Usado Seguro.



Seleção



Recondicionamento programado

Recondicionar quer dizer controlar e tornar eficiente. O programa de recondicionamento que nós efectuamos trata, de modo especial, aqueles órgãos de que depende a fiabilidade mecânica e a segurança. Por isso, o nosso é um Usado Seguro.

Nos nossos pontos de venda, o cliente encontra viaturas garantidas por 6 meses no que se refere aos principais órgãos mecânicos. Todos os nossos Usados Seguros beneficiam de uma garantia comercial que permite ao cliente trocar de viatura nos 30 dias a seguir à compra, caso não se sinta satisfeito.



Garantia



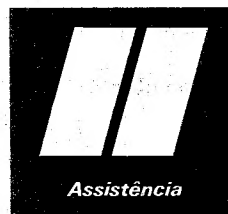
Preço à vista

Todos os veículos expostos nos nossos pontos de venda apresentam, de modo bem visível, o preço de venda que foi definido com base no valor que a viatura tem no mercado e no seu estado de conservação. Um bom usado deve ter também um preço justo: só assim é um Usado Seguro.

Nos nossos pontos de venda encontrará também a solução para as suas exigências de financiamento. É preciso saber aproveitar as oportunidades quando a ocasião surge: nós ajudamo-lo.



Crédito especial



Assistência

Vendemos o usado com a mesma atenção que reservamos ao Cliente do carro novo: oferecemos aquela assistência mecânica e comercial que está na base de uma duradoura relação de confiança.

Visite as exposições do "Sistema Usado Seguro" na Sucursal e Concessionários Fiat e Lancia.



O seu novo carro.

Fiat Auto Portuguesa, S.A.

INTERNACIONAL

Monopólio do PCUS em queda livre

O líder do PC chinês acusou Gorbachev de destruir o comunismo, enquanto o "Diário do Povo" lançava o papão do caos

O Comité Central do PCUS deu um passo histórico ao aprovar uma plataforma a apresentar ao 28º Congresso do partido no Verão, incluindo um sistema presidencial e a abolição do artigo sexto da Constituição soviética, que determina o seu papel dirigente na sociedade.

A plataforma poderá começar a ser discutida já na próxima semana pelo Soviète Supremo, durante o seu próximo encontro, ou só depois do Congresso do PCUS, que o Comité Central decidiu antecipar de Outubro para o Verão.

Em todo o caso, a palavra final cabe ao órgão legislativo soviético, o Congresso dos Deputados do Povo. No seu mais recente plenário, em Dezembro, o Congresso aceitou ao apelo do Presidente Mikhail Gorbachev e impediu a tentativa dos reformistas de abolir o artigo sexto da Constituição.

Desde então, Gorbachev disse que não seria "nenhuma tragédia" a criação de um sistema pluripartidário na União Soviética. Na segunda-feira, declarou no plenário do Comité Central que, mais do que depender de garantias constitucionais, o partido tem que provar o que vale.

Depois da aprovação da plataforma para o Congresso, o Comité Central passou ao debate do problema criado pela cisão do PC da Lituânia,

em Dezembro passado.

Ontem, um dos secretários do Comité Central do PC lituano disse que os militantes comunistas da Lituânia terão uma palavra a dizer quanto à cisa com o PCUS.

Nesta sessão, os oradores defenderam que o PCUS tem que reformar-se ou arriscar-se a ser atirado para um limbo político, pela onda de nacionalismos e tumultuosos acontecimentos que varrem o país.

O chefe do partido para a ideologia, Vadim Medvedev, disse que está em causa a sobrevivência do partido: "Ou provamos que somos capazes de liderar um processo de transformação rápida, mas controlado, ou isto torna-se um dilúvio incontornável".

O plano de Gorbachev acabou por ter a adesão generalizada, incluindo a do principal conservador do Politburo, Yegor Ligachev, que o apoiou, embora com reservas.

"Já foi dito que os demagogos políticos e intriguistas estão a atacar (Gorbachev), tentando comprometer o líder do partido e do Estado", disse. "Acho que temos que rejeitar isso com determinação".

China acusa Gorbachev

Entretanto o líder do Partido Comunista chinês, Jiang Zemin, perante o resultado da reunião do PC soviético, afirmou que Pequim, em circunstância alguma, seguirá

Moscovo na adopção de reformas políticas radicais.

Zemin clarificou a posição do seu partido, acusando Mikhail Gorbachev de estar a demolir o comunismo ao retirar ao PCUS o monopólio do poder e abrir caminho para o pluripartidarismo.

O "Diário do Povo", jornal do partido chinês, utilizando linguagem mais radical desde que o exército reprimiu protestos pró-democracia no ano passado, advertiu hoje que se instalaria o caos e a guerra civil se o partido cedesse a sua autoridade suprema.

De referir que ontem o PC chinês tinha divulgado uma nota em que rejeitava a possibilidade de mudanças, advertindo que não toleraria qualquer tipo de protestos contra o regime.

Uma democracia "normal"

Segundo o famoso cirurgião ocular Svyatoslav Fyodorov, que participou no plenário do partido soviético, não foram feitas grandes alterações ao texto proposto.

"Não vai haver artigo sexto. Haverá um sistema multipartidário. Teremos uma de-

mocracia normal", disse Fyodorov, à saída do Kremlin.

A reunião do Comité Central, presentemente com 249 membros, teve a participação de mais de 700 outros funcionários de todo o país, e todos puderam votar sobre a plataforma, segundo Fyodorov.

Por sua vez, Anatoly Lukianov, primeiro vice-presidente do Soviète Supremo, indicou que a ideia de estabelecer o cargo de presidente do país não é recente e foi aconselhada por

peritos jurídicos.

Lukianov disse não ser possível referir que tipo de poder presidencial será instituído na URSS, para o que se tomará em conta a experiência soviética e estrangeira.

Os conservadores montaram um forte ataque à plataforma nos dias anteriores ao plenário do Comité Central, alguns acusando Gorbachev de conduzir o país para a beira da ruína.

A vontade dos povos

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, disse que a estrutura política do Leste europeu caiu por vontade dos povos, que não toleram mais coerção, e não por culpa da Perestroika soviética.

O ministro, aliado de Gorbachev, disse que foi nos finais dos anos 40 e não em 1985 (início da Perestroika) que começou a ser minada a fé no socialismo imposto pela pressão e pela violência.

Ontem, cerca de 300 pessoas manifestaram-se em frente da sede da agência noticiosa soviética Tass, que acusaram de ser porta-voz dos círculos conservadores. Cartazes empunhados pelos manifestantes continham inscrições como "Tass, arma da reacção", "Filial do polvo mundial do KGB" e "Altifalante da partidocracia".

Redacção "DL"/Lusa/Reuter



Aspecto da manifestação ontem realizada junto às instalações da Tass, que é acusada de ser veículo das forças conservadoras

Japoneses reclamam devolução das Curilas

Cinquenta milhões de japoneses assinaram uma petição pedindo a Moscovo a devolução ao Japão das ilhas Curilas, ocupadas pela União Soviética desde 1945, informou a agência noticiosa japonesa. Este arquipélago vulcânico, situado entre a península de Kamchatka e a ilha Japonesa de Hokaïdo, é formado por trinta ilhas com uma superfície total de 10 215 km².

O total da recolha de assinaturas, iniciada em 1967, representa cerca de 40 por cento dos 123 milhões de habitantes do país. A disputa entre os governos de Moscovo e de Tóquio pela soberania do arquipélago está a impedir a assinatura de um tratado que ponha termo formalmente às hostilidades entre os dois estados desde a Segunda Guerra Mundial.

Um possível acordo entre estes dois estados vizinhos, abriria caminho a investimentos japoneses na União Soviética.

Um salto da perestroika no plenário do PCUS

Não me recordo que outro encontro partidário fosse aguardado na URSS com tanta expectativa como este plenário do CC do PCUS, a reunião máxima do Partido entre Congressos, iniciado em 5 de Fevereiro. A manifestação de domingo, em pleno centro de Moscovo, com cerca de 200 mil pessoas, mostrou bem a impaciência dos soviéticos que desejam ver acelerado o processo de reformas.

Suponho que a reunião do Kremlin justificou, com a aprovação da plataforma para o 28º Congresso do PCUS, apresentada por Gorbachev, e apesar dos acalorados debates que levaram ao prolongamento da reunião, as esperanças dos que desejam, de facto, o desenvolvimento da perestroika. Mais do que isso, assestou um golpe sensível àqueles que tentam resistir-lhe.

Gorbachev falou, na sua comunicação, do ideal do socialismo humano e democrático e desenvolveu a tese, segundo a qual, numa sociedade em renovação, o Partido só pode existir e cumprir o seu papel de vanguarda como força democraticamente reconhecida, não imposta por lei.

Esta viragem, a mais arrojada desde que se iniciaram as reformas políticas, soou como uma condenação dos círculos conservadores do Partido habituados a privilégios sem sobressaltos e talvez tenha retirado aos adversários da perestroika a possibilidade de tentarem alterar a seu favor a corre-

lação de forças.

A situação na União Soviética muda com tanta rapidez que ainda há alguns meses parecia impensável a rejeição voluntária do artigo 6 da Constituição, que legaliza o papel dirigente do PCUS. E, contudo, isso aconteceu hoje. As exigências da democratização e os acontecimentos impetuosos que se vêm registando na Europa de Leste foram prede-terminando o destino deste artigo.

A direcção do PCUS reconheceu um sistema pluripartidário que, de facto, existe no país, e com actividade. Todo um conjunto de organizações políticas e sociais que não estão legalizadas mas também não são oficialmente proibidas.

As reformas estão maduras, mas o CC do PCUS é um órgão longe de ser jovem quanto à sua composição etária. Alguns dos seus membros têm 25 anos, ou mais, de direcção partidária e, segundo o semanário "Argumenty i Fakty", 61 por cento, ou seja, 185 pessoas, são pensionistas potenciais.

É pouco provável que esta composição possa manifestar atitudes de grande entusiasmo em relação às mudanças e a decisão de Gorbachev de antecipar o Congresso extraordinário do Partido para o início do Verão, não está desligada desta situação. A renovação do PCUS irá impulsionar, decerto, as mudanças do sistema político do país e a afirmação dos princípios do pluralismo político.

Guennadi Petrov

Baker e Shevardnaze discutem cimeira EUA-URSS

Se tudo correr bem o Presidente Bush e o Presidente Gorbachev vão assinar em Junho, numa cimeira em Washington, mais um espectacular tratado de redução de armamentos. Isto se o Secretário de Estado norte-americano, James Baker, que se encontra de visita a Moscovo, se entender com o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnaze, sobre cortes bilaterais entre 30 e 50 por cento de mísseis nucleares de longo alcance (estratégicos), bombardeiros e submarinos, pontos «quentes» da agenda de conversações.

Ontem à noite a sessão inicial de Baker com Shevardnaze durou três horas, o dobro do previsto. Segundo a porta-voz norte-americana, Margaret Tutwiler, Baker levantou uma série de «novas posições» que vão mais longe do que a última proposta de Bush, sugerindo reduções mais profundas nos tanques e inclusão dos aviões de combate no novo tratado.

Segundo um destacado comentarista político soviético, Alexander Bovin,

geralmente conotado com as posições governamentais, Washington tem presentemente uma carta de trunfo nas suas relações com a URSS, devido aos acontecimentos de Leste e as dificuldades internas dos soviéticos, mas teme usá-la pelo risco de «minar as forças que estão do lado da perestroika». «A tentativa é grande mas a mínima insinceridade ou tentativa de ultrapassagem do outro parceiro poderia destruir a delicada teia de confiança que, com vantagem mútua, já está estendida entre a URSS e os EUA», afirma Bobin num artigo publicado no "Izvestia", programado para coincidir com o dia da chegada de Baker.

Como contrapartida a esta «boa vontade», Bovin sugeriu que Moscovo poderá aceitar a recente proposta de Bush em que se preconiza a redução de tropas na Europa Central para 195 mil efectivos de cada lado, o que deixaria os EUA com uma vantagem de 30 mil homens.

Redacção «DL»/Lusa

Fidel carrega baterias contra os «ianques»

Até quando o líder cubano conseguirá resistir às reformas que afectam os seus tradicionais aliados?

O discurso recentemente proferido por Fidel Castro no Congresso da Central dos Trabalhadores Cubanos (CTC), que teve a participação de dois mil e 500 delegados sindicais, reveste-se de uma significativa importância no actual contexto internacional. Não só no que se refere aos chamados países socialistas, como também à América Latina, embora não constitua nenhuma surpresa.

O líder cubano, referindo-se à invasão do Panamá pelos «imperialistas ianques», sublinhou que «não é necessário ser socialista, nem sequer progressista, para entender que a destruição da revolução cubana acentuaria o domínio dos EUA sobre toda a América Latina». Concluiu dizendo que «Cuba não cederá um milímetro sequer e que se necessário esmagará toda a oposição interna».

Usando termos militares, Fidel Castro enumerou os possíveis tipos de bloqueio a que os Estados Unidos poderiam recorrer contra Cuba: «bloqueio parcial, bloqueio de produtos alimentares, bloqueio total e bloqueio com invasão».

Referiu-se igualmente à actual situação no Leste Europeu e às suas repercussões em Cuba, sobretudo no domínio económico.

O carisma de Castro

Castro que, com Guevara e Cienfuegos, dirigiu a luta de libertação, tem uma autori-

dade que não advém do aparelho partidário como é o caso de Gorbachev, mas sim da sua própria vida política, que não se iniciou no PC cubano mas no movimento 26 de Julho. Trata-se de um movimento de carácter nacional não marxista, com o qual chegou ao poder; além disso, Cuba não tem, por razões óbvias, problemas de nacionalidades, nem de línguas, nem sequer de religião. Estes elementos têm um peso inegável no contexto histórico da sociedade cubana.

Independentemente de todas as deformações e erros, o facto é que a revolução trouxe para este país avanços a todos os níveis, embora as necessidades do povo cubano sejam ainda inumeráveis. Mas, comparadas com o passado, não existem: na época anterior, Cuba era considerada o prostíbulo dos Estados Unidos.

A geração cubana, que tem até trinta anos, não viveu aquele período da ditadura; isto é um dado importante para se compreender o que hoje acontece, pois esta geração começa a exigir legitimamente uma vida superior, com liberdade (que escasseia) e com capacidade de intervenção e de decisão, bloqueada pelo aparato burocrático do partido e do Estado. Não pedem, portanto, nem menos Estado, nem propriedade privada.

No entanto esta pretensão, legítima, colide com a política económica e social do

Distributed by King Features Syndicate

© 1989 The Miami Herald



Governo dirigido por Fidel Castro. A partir de 1986, e como consequência de vários factores, entre os quais os preços do petróleo (Cuba não produz mas negocia parte desse produto que recebe da URSS); a seca, que afectou a safra de açúcar em 1985/86; o crescimento da dívida externa (hoje de seis mil milhões de dólares com países

da Europa e de 17 mil milhões de rublos com a União Soviética), o Governo teve que impor um plano de austeridade que faria corar de inveja o FMI. Mas nada resolveu, tudo agravou.

Com efeito, as restrições impostas como consequência do bloqueio dos Estados Unidos agravaram-se a limites insuportáveis. Natu-

ralmente esta situação tem os seus reflexos políticos e sociais que passam pela contestação a essa medida.

Os militares fuzilados

Os militares fuzilados no ano passado não eram membros de uma rede de droga, mas sim opositores políticos. É essa oposição em embrião que Fidel Castro quer

aniquilar. Mas, nas relações internacionais, Cuba tem problemas mais graves: por um lado a situação na URSS, que, não cumprindo a quota dos dois últimos meses, levou à carência de produtos essenciais como o petróleo e o trigo; por outro lado, a América Latina e os EUA agravaram-lhe os problemas. Os EUA devido à política de Bush, já demonstrada no Panamá, de maior agressividade com os seus vizinhos da América e particularmente com Cuba, graças à dificuldade que o país atravessa. Os outros países latino-americanos porque será difícil que estes apoiem Castro contra os EUA. Note-se que, ao contrário do que se diz, Cuba não apoia militarmente há muitos anos nenhum movimento armado nesse continente.

Assim, pois, na medida em que as Forças Armadas cubanas são poderosas, Cuba será um osso duro de roer para qualquer invasor.

A interrogação que fica prende-se com a possibilidade de se desenvolver uma oposição organizada no interior do regime, que enfraqueça o Governo, ou mesmo o derube. Os povos, quando se insurgem, não têm barreiras. Até quando Fidel conseguirá sustentar os ventos da mudança?

André Martin

Dez anos de penúria em África

A África não conseguiu sair da crise nos anos 80 e viu, pelo contrário, seis países de rendimento médio (Gana, Libéria, Zâmbia, Guiné Equatorial e S. Tomé e Príncipe) passarem a países de fracos rendimentos — revela o relatório da Comissão Económica para a África (CEA), apresentado em meados de Janeiro.

Contudo, durante o ano de 1989, a situação económica africana foi relativamente melhor que nos anos precedentes, sobretudo graças à melhoria das condições climáticas e à alta dos produtos de origem mineral. Mas a queda dos preços do cacau e do café no mercado internacional foi um sério empecilho a esse esboço de retoma.

Segundo o relatório apresentado pelo secretário executivo da CEA, Adebayo Adedeji, o crescimento do PIB africano situar-se-ia em 1989 nos 2,9 por cento e o rendimento médio por habitante teria registado uma baixa da ordem dos 0,3 por cento. «A tendência para a baixa dos rendimentos, iniciada no princípio da década, manteve-se no ano de 1989», precisa o relatório. Quanto à melhoria relativa da produção global (0,4 por cento de crescimento em 1987 para 2,9 por cento em 1989) «está longe de ser suficiente para tirar as economias africanas do marasmo e de as colocar na via da reabilitação», sublinha Adedeji.

A «varinha mágica»

Os anos 80 foram para toda a África os anos da poção amarga dos programas do FMI, que não afastaram, contudo, o que os peritos económicos africanos e a

generalidade dos especialistas internacionais consideram os três principais constrangimentos: a baixa procura dos produtos de base, o peso da dívida e a rigidez dos programas de reajustamento, baseados numa ideologia liberalizante pouco adequada à realidade das estruturas produtivas existentes.

«Apesar das alegações de que os programas de reajustamento estrutural seriam «varinhas mágicas» — diz o relatório da CEA — permitindo ultrapassar os défices das balanças de pagamento e pôr fim à inflação, a situação monetária piorou. Se em 1980 o défice dos pagamentos da África correspondia a 3,9 mil milhões de dólares, esse número sobe em 1988 para 20,3 mil milhões!»

Segundo a CEA, a África, tão necessitada de injeções de capital provenientes da ajuda externa, continua a ser sangrada financeiramente e o saldo líquido das transferências de capitais privados, inclusive aos empréstimos bancários comerciais, aos investimentos directos e aos créditos de exportação a ajuda pública aumentou, mas não num montante suficiente para compensar a baixa das transferências líquidas.»

O «ano do destino»

O serviço da dívida africana passou duma taxa média de 36,8 por cento, em 1987, para cerca de 40 por cento das receitas de exportação em 1988 e 1989. A sangria de capitais sofrida pela África foi avaliada pela CEA em 5,5 mil milhões de dólares em 1989. Não admira que a CEA, que funciona como «conselheira económica» da Or-

ganização de Unidade Africana, considere os programas do GMI como tendo falhado. Mas as responsabilidades dos dirigentes africanos não deixam também de ser relevadas quando se considera os programas do FMI como tendo falhado. Mas as responsabilidades dos dirigentes africanos não deixam também de ser relevadas quando se considera tardio, embora decisivo, o «quadro africano de referência para os programas de reajustamento» adoptado em Abril de 1989.

Para os anos 90 e «à luz da experiência amarga» do decénio transcorrido, a CEA preconiza «rejeitar os programas erróneos que se concentram quase exclusivamente nos sintomas, em vez de atacarem as causas fundamentais do mal-estar económico do continente», pelo que é necessário que os africanos tomem em mãos a direcção e orientação das suas economias. Uma palavra optimista é, aliás, deixada a propósito do ano de 1989, considerado pela CEA como o «ano do destino» da África, da «revisão fundamental pelos próprios africanos da via de desenvolvimento» do continente. Uma retórica que pode parecer deslocada quando é a própria CEA a lembrar que as questões fundamentais (curso das matérias-primas, peso da dívida e fluxo de capitais), questões sem cuja solução as perspectivas de crescimento para 1990 e para o resto do decénio «serão ainda mais tristes do que nunca», continuam a fugir das mãos dos africanos. Optimismo além do mais ambíguo: se 1989 foi o «ano do destino», pode bem ser que este já tenha passado ao largo.

Manuel Delgado

cccpinhal
cooperativa de consumo popular
pinhalnovoense, c.f.l.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.º 42, n.º 3 do Código Cooperativo, convoco a Assembleia Geral Extraordinária da Coopinhal — Cooperativa de Consumo Popular Pinhalnovoense, CRL, para reunir em sessão extraordinária no dia 15 de Fevereiro de 1990, pelas 20,30h no Auditório da Cooperativa, sua sede social, com a seguinte **ORDEM DE TRABALHOS**:

1.º — Apresentação, discussão e votação de um Regulamento Eleitoral.

2.º — Eleição de Comissão Eleitoral.

NOTA: Se à hora marcada não se verificar a presença de mais de metade dos Cooperadores com direito a voto, a Assembleia funcionará com qualquer número de Cooperadores uma hora depois.

Pinhal Novo, 30 de Janeiro de 1990

O Presidente da Mesa da Ass. Geral
Oswaldo da Silva Dias

INTERNACIONAL

Segundo a Renamo

Processo de paz divide Frelimo

Do nosso correspondente
em Washington

A Renamo refere a possibilidade iminente de um levantamento militar em Moçambique, devido ao mau estar existente nas fileiras das forças governamentais. Em revelações feitas à «Voz da América» e citando documentação secreta, alegadamente apreendida, ontem, na sequência de um ataque realizado contra o Sétimo Batalhão da Quinta Brigada, estacionado no distrito de Búzi, província de Sofala, os rebeldes moçambicanos referem ter provas escritas de que existem «grandes divisões no seio da Frelimo quanto às conversações de paz».

De acordo com a referida documentação, que se encontraria no poder de um sargento dos serviços secretos militares moçambicanos abatido durante a operação - e identificado como João Nacone - existirão no interior da Frelimo duas posições antagónicas quanto ao futuro das conversações de paz: uma liderada pelo que o texto designa por «brancos», citando os nomes de marcelino dos Santos, Óscar Monteiro, Sérgio Vieira e Jacinto Veloso e que apostará na continuação



As armas, tanto em Moçambique como em Angola, continuam a fazer valer os seus pontos de vista. Na foto, soldados da Frelimo no interior do país

da guerra; a outra, liderada por «negros» e que deseja a abertura do diálogo com a Renamo. Ainda segundo o material que os rebeldes reivindicam ter apreendido, «o exército da Frelimo prepara-se para organizar manifestações que podem levar ao disparo de armas contra dirigentes nos palácios de

Maputo».

Reagindo de imediato às alegações da Renamo, o director de informação de Moçambique, Arlindo Lopes, afirmou «não haver qualquer fundamento quanto à existência de uma divisão interna», no partido no Governo. Quanto à possibilidade de um levantamento governamen-

tal adiantou: «Há muito tempo, desde a captura dos documentos na Gorongosa, que sabemos da intenção da Renamo lançar acções terroristas nas cidades, as quais, como é hábito, vem depois atribuir às Forças Armadas moçambicanas».

Fillipe Vieira

Presidente angolano afirma que Mavinga foi tomada

Chefes de Estado africanos reúnem-se no Zaire sem o Eduardo dos Santos

Desconhecem-se ainda as razões que terão levado o Presidente angolano, José Eduardo dos Santos a não estar presente na reunião marcada para ontem, em Kinshasa, entre os presidentes do Zaire, Congo e do Gabão. O encontro destinava-se a formular novas sugestões sobre o desbloqueamento das negociações de paz em Angola e, segundo o anunciado oficialmente, contaria com a presença de Eduardo dos Santos.

A informação foi divulgada pela agência noticiosa angolana, ANGOP, que no entanto se limitou a afirmar que as sugestões saídas da reunião, na capital zairense, serão apresentadas ao Presidente dos Estados Unidos, George Bush, durante a visita que o seu homólogo congolês, Denis Sassou-Nguesso, irá efectuar a Washington, nos próximos dias 11 e 12 de Fevereiro.

Segundo os observadores, a reunião em Kinshasa surge numa altura em que é cada vez mais visível o crescente nervosismo por parte dos países da região, devido ao arrastar do conflito interno angolano.

Mavinga foi tomada

Eduardo dos Santos, no discurso de encerramento da conferência constituinte da União Nacional dos Camponeses Angolanos, terça-feira, reafirmou a tomada por parte das tropas governamentais, (FAPLA), das localidades do Munhango, Cazombo, Cunjamba e Mavinga». O Presidente de Angola qualificou os confrontos que se realizam na frente de Mavinga como «uma verdadeira reedição da batalha do Cuito-Cuanavale», em 1988.



Os combates em Mavinga são uma «reedição da batalha do Cuito-Cuanavale», em 1988, afirmou Eduardo dos Santos

Neste momento, existem algumas dúvidas quanto à verdadeira capacidade das forças da UNITA desalojarem as FAPLA das suas posições. A capacidade de fogo é neste momento favorável às tropas de Luanda, apoiadas pela aviação.

Entretanto, em Luanda, o ministro angolano das Relações Exteriores, Pedro Van-Dunen, «Loy», decidiu convocar

uma reunião ordinária da comissão de verificação do cumprimento dos acordos de Nova Iorque, que se realizará nos próximos dias 15 e 18, em Luanda.

Fica deste modo, cancelada a reunião extraordinária convocada anteriormente, por não ter sido recebida oportunamente a anuência de todas as partes envolvidas.

Redacção «DL»/Lusa

B R E V E S

Jesse Jackson condenado pela Resistência Afrikaner

O activista norte-americano dos direitos cívicos, Jesse Jackson, chegou hoje a Joanesburgo para uma visita de uma semana durante a qual conta encontrar-se com o presidente De Klerk e com Nelson Mandela.

Jesse Jackson foi saudado no aeroporto de Jan Smuts por Walter Sisulu, nacionalista negro veterano e antigo secretário-geral do ANC, e pelos dirigentes religiosos e activistas anti-apartheid Allan Boesak e Frank Chikane.

O movimento sul-africano de extrema-direita Resistência Afrikaner condenou esta segunda visita de Jackson à África do Sul e ameaçou retaliar com acções não especificadas, durante a sua estada no país. Entretanto, o estado de emergência, cujo levantamento é a principal condição requerida por Mandela para a sua libertação, poderá terminar no espaço de poucas semanas, afirmou ontem em entrevista televisiva o ministro sul-africano do Planeamento Constitucional, Gerrit Viljoen.

Fontes próximas do Governo de Pretória chegam a considerar o próximo dia 16 como data provável para a libertação de Mandela.

Paralelamente a polícia governamental recorreu, em Joanesburgo, a gás lacrimogénico e bastões para dispersar dezenas de manifestantes anti-apartheid que protestavam contra a digressão de uma equipa inglesa de cricket que desobedeceu às sanções desportivas britânicas contra a África do Sul.

Vendaval mata duas pessoas no Reino Unido

Duas pessoas morreram no Reino Unido vítimas de um vendaval que assolou as costas do sul da Inglaterra e que se estendeu por todo o país durante a noite com rajadas de mais de 100 quilómetros por hora.

Nas áreas onde o vendaval é acompanhado de chuva torrencial, as condições nas estradas são perigosas e a tempestade está a causar danos a propriedades e derrubar árvores.

O sul do País de Gales foi a zona do país mais seriamente afectada esta manhã.

As estradas galesas estão cobertas por uma camada de água de metro e meio de altura, causando o caos nos transportes rodoviários.

As zonas baixas da cidade de Cardiff encontram-se em estado de alerta por se recear que o rio Taff suba acima das suas margens.

Novas grandes tempestades deverão chegar à Grã-Bretanha durante o resto da semana.

Cocaína apreendida em vésperas de cimeira contra a droga

A polícia colombiana apreendeu em Cartagena 80 quilogramas de cocaína, nove dias antes da cimeira contra a droga, que reunirá naquela cidade das Caraíbas o presidente norte-americano, George Bush, e os chefes de Estado da Colômbia, Perú e Bolívia.

Aqueles três países sul-americanos são responsáveis pela quase totalidade da produção mundial de cocaína, enquanto os EUA constituem o maior mercado mundial deste tipo de droga.

A remessa de cocaína apreendida na terça-feira, já estava num navio pronto a seguir para Beirute, escondida num contentor.

Confrontos no Paquistão provocam 35 mortos

Confrontos entre forças de segurança e manifestações anti-governamentais em Carachi, no Paquistão, resultaram, ontem, em 35 mortos e 110 feridos. A cidade, a maior do Paquistão, esteve ontem paralisada por uma greve geral já descrita pela polícia como a «pior da história do país».

O recolher obrigatório foi imposto em vários sectores da cidade.

Testemunhas disseram que forças militares patrulham as ruas em camiões do Exército e que a polícia tem utilizado, nos confrontos com os grevistas, balas, granadas de gás lacrimogénico e mesmo pedras.

Por seu turno os manifestantes lançaram fogo a edifícios bancários, veículos, estabelecimentos comerciais, residências e duas delegações do Partido Popular do Paquistão, no poder.

A greve foi convocada pelo Movimento Nacional Mohajir, que acusa o Governo de Benazir Bhutto de prosseguir uma política repressiva.

Lusa

QUOTIDIANO

■ F E V E R E I R O

Equipa completa na Câmara do Porto

Os pelouros da acção social escolar, água e saneamento, protecção civil, reorganização e informatização dos serviços da Câmara Municipal do Porto vão ser atribuídos a dois elementos sociais democratas.

Na sequência do enendimento obtido entre o presidente da autarquia, o socialista Fernando Gomes e o líder portuense do PSD, Luís Filipe Meneses, sobre a gestão autárquica da cidade do Porto, Ponce Leão e Margarida Couço serão os dois vereadores sociais democratas, a tempo parcial, na vereação da capital nortenha.

Ministério do Planeamento embarga edifícios na Ericeira

O Ministério do Planeamento e Administração do Território determinou o embargo de dois edifícios que estavam a ser construídos no Alto da Forca, na zona do Plano de Urbanização da Ericeira.

O despacho ministerial delega a competência para os embargos à Direcção-Geral do Ordenamento do Território. O particular sujeito ao embargo foi notificado de que dispõe de um prazo de 30 dias para proceder à demolição dos edifícios.

Associação Académica realiza hoje escrutínio

A eleição dos corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra registou ontem «razoável afluência», revelou fonte da associação.

O número de eleitores ronda os catorze mil, mas a abstenção é habitualmente elevada, apesar do acto eleitoral se repartir por dois dias.

Se o escrutínio da noite de hoje revelar que nenhuma das quatro listas concorrentes obtem mais de 50 por cento dos votos, realizar-se-á segunda volta nos dias 14 e 15 do corrente mês.

Petroleiro iraniano reparado na Lisnave

O petroleiro iraniano Khark 5, responsável pelo derrame de 70 mil toneladas de crude ao largo de Marrocos, deverá ser reparado nos estaleiros da Lisnave, afirmou fonte da empresa.

O Khark 5, que em Dezembro se incendiou ao largo das ilhas das Canárias, terminou terça-feira a trasfega de 200 mil toneladas de crude para outro petroleiro iraniano, e dirige-se para a Europa Ocidental para ser reparado.

Relatório sobre cloro derramado refere falha de actuação

A administração da Companhia de Celulose do Caima revelou que no acidente verificado em Constância, a 29 de Janeiro, apenas se perderam na atmosfera 3.680 quilogramas de cloro.

O relatório do acidente apresentado pela empresa à Autoridade Técnica de Riscos Industriais Graves reitera a tese de erro humano.

A sequência praticada pelo operador, diz o relatório, «não respeitou as instruções de trabalho e o motorista do camião cisterna participou nas operações de transfega, contrariando as regras de segurança da empresa».

Estação dos CTT informatizada em Estremoz

É hoje inaugurada a primeira estação de correios do Alentejo a ser informatizada -- a de Estremoz -- que dispõe de cinco posições de atendimento, serviço de correio rápido (CORFAC), express mail e 420 apartados.

A estação fica ainda equipada com cinco cabines telefónicas e todos os serviços financeiros postais.

Estrada da Circunvalação

Na nossa edição de ontem, na reportagem sobre a estrada da Circunvalação, referimos Artur Montenegro como «um dos vereadores comprometidos com o pelouro do Trânsito» o que não é exacto. Artur Montenegro está, de facto, comprometido com o pelouro do Trânsito, mas na qualidade de assessor do vereador respectivo, Machado Rodrigues. Pelo lapso, as nossas desculpas.

Impaciência de utentes explode no Cacém

Cansados de esperar, os passageiros invadiram a estação ferroviária, apedrejaram comboios, partiram vidros e portas

Portas e vidros partidos é o resultado do «assalto» que os passageiros da CP fizeram ontem à noite à estação do Cacém, quando a circulação para Sintra foi interrompida devido à queda de uma catenária. A avaria foi reparada esta madrugada, e esta manhã a ligação Sintra-Lisboa estava-se a efectuar dentro da normalidade para um dia de greve.

Segundo afirmou ao «DL» um funcionário da estação do Cacém, a actuação dos utentes da linha de Sintra foi como «um assalto à estação», que nem a GNR «conseguiu deter».

A queda da catenária obrigou à suspensão da circulação entre o Cacém e Sintra. Foram pedidos autocarros alternativos, que partiram de Sete Rios, em Lisboa. Era hora de ponta e o trânsito intenso, pelo que os autocarros levaram «muito tempo» a chegar, segundo o funcionário da CP.

Para os utentes, cansados

já dos habituais atrasos e da supressão de várias composições devido à greve dos maquinistas, aquela avaria foi a «gota de água»: invadiram a estação, apedrejaram comboios, partiram vidros e portas.

Gerou-se a confusão, e a intervenção da GNR não susteve a fúria das pessoas. A composição que tentou partir para Lisboa foi apedrejada, e o maquinista ferido. Uma multidão postou-se na linha para evitar que o comboio, com os passageiros dentro, seguisse viagem.

«Entraram pelo escritório do chefe da estação dentro, empurrando mesmo os agentes da guarda», relata o mesmo funcionário da CP, que ontem estava de serviço.

Cerca das 22 e 30 horas, os ânimos acalmaram e as pessoas foram dispersando. Mas os funcionários ficaram «a tomar conta da estação», não fossem «as coisas voltar a aquecer» -- disse aquele

funcionário.

Às 4 e 35 da manhã a circulação foi restabelecida, após a reparação da catenária que esteve na origem do incidente.

Hoje a circulação «está normalizada», segundo os termos da CP e efectua-se com partidas de Sintra e do Cacém, com o reforço de autocarros alternativos, devido à greve dos maquinistas, que prossegue.

Na linha de Cascais, a circulação funciona em horário de domingo, igualmente com o recurso a alternativos.

E, segundo Américo Ramalho, das Relações Públicas da CP, nos outros sectores da empresa estão a fazer-se composições dentro de um plano estabelecido pela CP para obstar aos efeitos das paralisações parciais dos maquinistas, com excepção dos comboios de mercadorias, regionais e inter-regionais, onde se registam supressões.

O conflito que opõe os ferroviários à gerência da CP parece não ter fim à vista.

Hoje mesmo, até às 18 horas, os trabalhadores filiados na Federação dos Ferroviários (CGTP), realizam uma acção de sensibilização da opinião pública na Rua Augusta, em Lisboa. Os maquinistas, por sua vez, prosseguem, determinados, as suas paralisações diárias de quatro horas no início de cada turno.

Mais satisfeitos parecem estar os sindicatos da UGT, que assinaram um acordo com o Conselho de Gerência.

Em comunicado enviado à Imprensa, as estruturas da UGT na CP (Sinase, Sindefem, SNFTR e Sinfes) afirmam que «conseguiram do Conselho de Gerência o início efectivo do processo de revisão do regulamento de carreiras».

Como os próprios afirmam, aquela negociação insere-se no processo reivindicativo dos ferroviários, que engloba, entre outras matérias, «a antecipação da idade de reforma e a redução do horário de trabalho».

Rui Godinho presidiu a reunião na CML

Adiada a aprovação de proposta sobre efluentes industriais

A questão do regulamento sobre o lançamento de efluentes industriais na rede de colectores de Lisboa apresentada na reunião de ontem da Câmara Municipal de Lisboa gerou uma «pequena polémica» levantada pelo vereador do PPM. De facto, Luís Coimbra, ao saber do seu agendamento, defendeu a aprovação daquela proposta para altura posterior, invocando a necessidade de estudar o assunto «com mais tempo».

O «incidente» acabaria por ser sanado. Afinal, a proposta só foi analisada e ainda nada de definitivo se decidiu.

Segundo Rui Godinho, subscritor da proposta e que ontem substituiu Jorge Sampaio na presidência da reunião, a questão do tempo nem se chegou a pôr já que «o projecto do regulamento havia sido distribuído à vereação há 15 dias».

O vereador do PCP sublinhou o facto de isso acontecer «ao contrário do que o engenheiro Abecasis, que chegava a entregar as propostas poucos minutos antes do início de

cada sessão».

Referindo-se à pertinência do documento, Rui Godinho disse ao DL que este tem «vital importância para a cidade e para a despoluição do rio Tejo» e referiu que o seu agendamento apenas se destinou a «dar conhecimento do projecto e a abri-lo ao debate interno entre os vereadores».

O projecto ficará assim à disposição dos vereadores que lhe queiram dar o seu contributo e posteriormente deverá ser apresentado também às entidades directamente envolvidas nesta matéria, nomeadamente, à Comissão da Associação Industrial Portuguesa para o Ambiente, CAIPA.

Esta fase de apreciação e de ajustamentos deverá demorar cerca de 30 dias e implica igualmente uma compatibilização com a legislação sobre a água (à espera de aprovação do Parlamento). Depois disso a proposta, nos seus moldes finais, irá para aprovação no plenário da Câmara e finalmente para ratificação na Assembleia Municipal.



Luís Coimbra pediu mais tempo para analisar a proposta sobre os efluentes industriais

O plenário aprovou durante a sessão de ontem uma proposta que isenta os proprietários que pretendam realizar obras de beneficiação geral de edifícios. Tal deliberação aplica-se no corrente ano. De acordo com o município, esta medida «representa mais um incentivo para a melhoria da qualidade do parque habitacional da cidade».

Ministro e médicos: encontro positivo

O estatuto disciplinar e código deontológico dos médicos foram ontem, pela primeira vez, tema de debate entre o ministro da Saúde, Arlindo de Carvalho e a Ordem dos Médicos.

O ministro entregou aos representantes dos médicos um «pacote» de propostas de lei sobre o estatuto disciplinar, código deontológico e titulação dos médicos para que «os possamos examinar, fazer críticas e propostas», referiu Machado Macedo.

O presidente da Ordem dos Médicos qualificou a reunião de «especialmente positiva» e afirmou que «só existe um diferendo em relação à titulação, mas que poderá perfeitamente ser ultrapassado pela via do consenso».

O projecto de estatuto disciplinar apresentado pelo Ministério «é praticamente sobreponível ao que a ordem havia apresentado há cerca de oito anos e que hácerca sempre insistido para que fosse aprovado».

A «instituição» avó tende a desaparecer

A função tradicional de guarda-dos netos menores está comprometida nas gerações mais novas. E as creches são inacessíveis a muitas famílias

A insuficiência de creches e jardins de infância a preços acessíveis, e com qualidade de funcionamento, é um sério obstáculo ao emprego das mulheres - revela um inquérito, realizado pela UMAR, Movimento para a Emancipação Social das Mulheres Portuguesas. Esta análise teve em conta uma amostra global de 2078 famílias, com filhos de idade inferior a seis anos, de zonas periféricas, em termos sociais, e menos carenciadas, de Lisboa. A incompatibilidade com os horários dos pais é também uma forte condicionante para o acesso das mulheres a um emprego.

A «instituição» avó como guarda de crianças continua a ter um papel relevante, apesar desta forma de apoio tender a rarear, já que as avós das gerações mais novas são também empregadas. A opção ama surge, quase sempre, como uma situação de recurso perante as dificuldades existentes.

Este inquérito revelou ainda que enquanto nos sectores com maior poder económico, 93 por cento das mães exercem uma actividade profissional, nos sectores mais carenciados, só 56,7 das mães é que estão empregadas e a grande maioria trabalha em limpezas ou serviço doméstico. Neste sector, quando as mães vão trabalhar, os filhos ficam sozinhos ou acompanhados de irmãos menores. Só 49,6 por cento das famílias inquiridas conseguem colocar os filhos em estabelecimentos ou em amas.

Das mães que não colocam os filhos em creches ou jardins de infância, 86,4 por cento apontaram como motivo principal, a ausência de vagas e 76,6 por cento das mesmas disseram não optar por essa solução por os considerarem muito caros.

Cerca de 83 por cento das famílias que têm os filhos em infantários utilizam os equipamentos que têm o apoio do Estado, já que os estabelecimentos particulares cobram mensalidades incompatíveis para as remunerações médias destes estratos.

Ainda de acordo com um trabalho realizado pela UMAR - com base no relatório «Criança Portuguesa, Que Acolhimento?», da Rede Europeia de Acolhimento de Crianças e do Instituto de Apoio à Criança - em Portugal 50 por cento das crianças entre os 0 e os três anos são filhas de mães trabalhadoras (219 mil crianças). Destas, 24 mil estão em creches ou amas o que dá uma taxa de cobertura de 11 por cento.

Em Lisboa, das 86 mil crianças menores de três anos, só 5200 estão em creches e 332 em amas. No distrito de Setúbal, que comporta 30 mil crianças com menos de três anos, apenas 1857 se encontram em creches e 312 em amas.

O Porto apresenta uma taxa idêntica. Das 79 mil crianças



As creches permitem às mães desenvolver as suas actividades profissionais. No entanto, por falta de melos, muitas crianças ficam sozinhas ou acompanhadas de irmãos menores

dos 0 aos três anos, 3 400 estão cobertas por creches e 232 por amas.

Os infantários oficiais apenas cobrem 1,3 por cento dos casos existentes, os que estão a cargo das autarquias 0,5 por cento e os particulares satisfazem a maior fatia, cerca de 10,5 por cento.

Segundo a UMAR, «o apoio do Estado à resolução deste problema, de cariz familiar, social e educacional, com implicações no desenvolvimento das novas gerações, é diminuto e apresenta-se com tendência para uma desresponsabilização progressiva».

Examinadores em greve querem conhecer diploma

«Campanha de contra-informação» foi como Sindicato da Função Pública do Sul classificou, ao «DL», o comunicado do Governo anunciando que o diploma de estruturação das carreiras dos inspectores-examinadores e agentes técnicos de viação estava a ser ultimado. A falta desta legislação é o motivo do terceiro período de greve de 10 dias, iniciado na terça-feira.

«Há sete meses que a Secretaria de Estado da Construção e Vias Terrestres acordou com os sindicatos a definição das carreiras. Já tiveram muito tempo para o aprovar. Mas o problema principal é que em 31 de Janeiro fomos informados por esta Secretaria da existência de alterações no referido documento e o Governo negou-se a apresentar a nova versão», esclarece António Franco, do Sindicato. Este pergunta ainda: «Como é que se pode aprovar um texto difer-

ente daquele que foi acordada entre as duas partes?»

A Secretaria de Estado alega que o tempo de espera corresponde ao período normal dos trâmites legais conducentes à aprovação do diploma. Segundo o Sindicato, este apenas precisa «das assinaturas dos membros do Governo. Não é crível que tenham levado tanto tempo para isso. O Conselho de Ministros reúne-se todas as quintas-feiras», acrescenta aquele sindicalista.

Por sua vez, o Gabinete de Imprensa do Ministério das Obras Públicas Transportes e Telecomunicações disse ao «DL» que «a aprovação do documento envolve vários ministérios. Independentemente de estarmos empenhados em resolver o assunto, isto demora o seu tempo».

Quando não apresentação do documento final, o Ministério informou que

este não pode ser divulgado sem estar aprovado.

Os inspectores-examinadores e agentes técnicos de viação contrapõem dizendo que enquanto o Governo «não dialogar com as estruturas sindicais e dar conhecimento imediato da actual versão do diploma bem como garantias formais da sua aprovação de acordo com o texto há sete meses acordado» manter-se-á a greve.

Ontem, segundo dia de paralisação, o nível de adesão atingiu 90 por cento, tal como acontecera terça-feira, segundo os dados fornecidos pelo sindicato. Dos cerca de 100 trabalhadores, apenas se apresentaram ao serviço dois em Setúbal e seis no Porto. A forma de luta dos examinadores, concretizada às terças, quartas e quintas-feiras, impede que sejam passadas mil cartas de condução por dia de paralisação.

MALHAS DA JUSTIÇA

E agora?

Ela estava ali, no banco dos réus e ele nada podia fazer senão crisar as mãos, num nervosismo contagioso. Ela estava ali, a sua Rosário, sentada frente ao juiz, aguardando a expulsão. E ele nada mais podia fazer senão estar. Ali, também.

Rosário chora. Baixinho, quase imperceptivelmente, o lenço cor de rosa enxuga as teimosas lágrimas. O juiz pergunta: E agora?

«Agora vocês é que sabem. Eu não tenho nada a dizer. Falei verdade», diz.

E falou. Entrou em Portugal em Abril de 87, em trânsito para a Holanda. Um amigo de Cabo Verde, como ela, convenceu-a a ficar mais do que os quatro dias. E ela foi ficando, ficando até que o Serviço de Estrangeiros a detectou.

E agora? Agora vive com «aquele rapaz ali sentado», aponta, olha para trás, para ele, ele sorri, encoraja-a e ela prossegue. «Damo-nos bem e pensamos casar.»

«Pois sim, pois sim, mas não aqui. Sabe que não pode ficar, não sabe?»

Rosário sabe. Isso, e muito mais. Sabe que vai ter que ir para Cabo Verde nos próximos trinta dias, que durante um ano está proibida de entrar em Portugal, que «tudo é tão distinto do que pensava». Ela e ele. O juiz decretou, está decretado. Rosário recorre, uma vez mais, ao precioso lenço cor de rosa. A ele, ouviu-se o coração bater, forte, em protesto.

Emília Trindade

D. Branca condenada a dez anos de prisão

O Tribunal da Boa Hora condenou ontem D. Branca a dez anos de prisão, em cúmulo jurídico. A sentença constitui o desfecho de um processo iniciado em Outubro de 1984 com a prisão da arguida. Foi o julgamento mais longo na história criminal portuguesa. Maria Branca dos Santos, actualmente com 78 anos de idade, emprestava dinheiro a juros de 10 por cento ao mês.

A chamada «banqueira do povo» foi condenada a oito anos de prisão por crime de burla agravada a seis anos por crime continuado de emissão de cheques sem provisão, o que perfaz dez anos de prisão por cúmulo jurídico.

O Tribunal condenou ainda 44 réus a penas entre dois e oito anos de prisão e absolveu 23. Dos 44 condenados, 13 ficam com pena suspensa por quatro anos e seis por cinco anos. Não ficou provada a existência do crime de associação criminosa.

Dos 67 réus julgados, apenas continua detido José Pedro Marta da Costa, condenado a oito anos de prisão. Trinta réus foram julgados à revelia. Suscetíveis de detenção estão Marcos Fernandes e Maria Branca dos Santos. O primeiro, em liberdade provisória, vai recorrer para o Supremo Tribunal e D. Branca vai requerer liberdade provisória.

Professores do particular querem segurança social

Uma delegação de professores do ensino particular e cooperativo pediu ao Presidente da República para intervir, dentro das suas competências, para a resolução das questões relativas à segurança social que atingem estes profissionais.

Em conferência de imprensa ontem realizada pelo Secretariado Nacional da Fenprof foi denunciada a ausência de um estatuto «claro» em matéria de segurança social para estes professores. «Desde Setembro de 1988 que os docentes do ensino particular e cooperativo não sabem a quem recorrer quando estão de baixa, de licença de parto, no desemprego ou para receberem outros abonos e subsídios», disse Manuel André, da Fenprof.

Estação de lixos em Cascais beneficia três concelhos

A futura estação de tratamento de resíduos sólidos que será utilizada pelos concelhos de Oeiras, Cascais e Sintra deverá começar a funcionar no primeiro trimestre do próximo ano. O valor da obra está orçado em 2,4 milhões de contos.

Os três municípios associaram-se para a realização da obra que ficará localizada em Trajouce. A construção deverá concluir-se ainda este ano, seguindo-se-lhe um período de ensaios.

A estação transformará em fertilizantes a matéria orgânica dos lixos dos três concelhos, separando para reciclagem, além disso, diversos materiais, como o papel e o plástico.

Deputados reconhecem no Algarve:

Governo tem de dar mais dinheiro a concelhos atingidos pelas cheias

Pontes aluidas, casas destelhadas, estradas esburacadas e pomares amarelecidos — por todo o lado, no Sotavento algarvio, se notam ainda os efeitos dos temporais de fins do ano passado. E foi com esse quadro que, durante dois dias, se viram confrontados os deputados do grupo de trabalho da Comissão Parlamentar da Administração do Território, Poder Local e Ambiente constituído para proceder ao levantamento daqueles prejuízos. Previamente a uma análise mais pormenorizada da situação, a partir dos dados que a visita lhes permitiu recolher, uma certeza já adquiriram: os auxílios financeiros providenciados pelo Poder Central estão por ora muito aquém do necessário à reparação cabal dos danos causados pelas cheias, não excedendo um alcance de paliativo.

Foi o próprio coordenador do grupo, Gameiro Santos,

quem o reconheceu ao "DL": os 500 mil contos a fundo perdido previstos pelo decreto que considerou em situação de calamidade os concelhos de Faro, Olhão e Tavira, destinados à indemnização dos afectados e ao remedeio dos estragos, em sectores tão diversos como a agricultura, a pesca, a habitação, o comércio, são manifestamente insuficientes, quando só na última dessas autarquias, a mais flagelada das três, as obras com as infra-estruturas absorverão 700 mil contos.

O balanço dos prejuízos ocasionados pelas inundações subsequentes às chuvadas de 21 de Novembro e, em particular, de 3 de Dezembro últimos não foi porém o principal objectivo da visita dos deputados ao Algarve. A sua maior preocupação terá antes sido a detecção dos motivos das cheias, que a pluviosidade não explica inteiramente. E também neste pormenor a



Uma ponte que não resistiu à violência do caudal



A histórica ponte romana de Tavira esteve à beira do aluimento e carece de ser restaurada

visita terá sido esclarecedora, estando apurados já os factores de uma situação irresolúvel sem a tomada de medidas de fundo.

Na reunião que, no final da visita, Gameiro Santos (PS), Batista Cardoso e António Vairinhos (PSD), Lurdes Espanhol (PC), André Martins («Os Verdes») e Carlos Lilaia (PRD) efectuaram com os autarcas locais, tais medidas, do âmbito do ordenamento do território e da hidráulica, foram inisistentemente enunciadas, tendo sido expresso que constarão do relatório a submeter pelo grupo à Assembleia da República.

A obstrução das linhas de água

Particularmente visados foram os serviços hidráulicos, aos quais se imputou responsabilidade, por omissão, no assoreamento das numerosas ribeiras que correm da serra algarvia para o litoral, onde se situam as zonas mais afectadas. De acordo com o apontado pe-

los edis e verificado em muitos locais pelos parlamentares, as inundações ficaram em grande parte a dever-se à falta de uma limpeza regular desses cursos fluviais, na generalidade dos quais ocorreram obstruções que provocaram a subida de nível das águas.

A mesma circunstância determinou a erosão dos pilares das pontes, tendo como consequência o aluimento de algumas.

Embora Faro como Tavira e Olhão não se contem entre os concelhos algarvios afectados pela construção civil imoderada, obras imponderadamente empreendidas em linhas de água arvoraram-se em outros factores da catástrofe. Em Olhão, os deputados puderam registar o inverosímil, na forma do bloqueamento de um canal de drenagem subterrâneo, para facilidade de manobra na reparação de uma linha férrea.

Na sua intervenção final, Gameiro Santos pôs aliás o dedo nessa ferida, ao referir que muitos investimentos,



Auto Monumental do Alentejo
S.A.



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nobrega, 8 — Telef: 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



Os deputados do grupo de trabalho da Comissão de Administração do Território reunidos com o governador civil de Faro e autarcas algarvios

quer privados quer públicos, estão a ser concretizados em edificações à revelia da Direcção-Geral de Hidráulica.

Também a eucaliptização da serra não sairá com toda a probabilidade absolvida do processo que a Comissão de Administração do Território se prepara para instruir em torno das cheias no Algarve. De acordo com Gameiro Santos, é ela a responsável pela erosão dos solos serranos e sua crescente impermeabilidade, favorecedoras ambas do afluxo das águas pluviais e de detritos às ribei-

ras. Para o deputado, este problema será tanto mais influente quanto não existem na região barragens que, em caso de necessidade, assegurem a contenção dessas massas líquidas.

Outro aspecto enfatizado pelo parlamentar socialista foi a falta de coordenação entre os vários serviços chamados a acudir à catástrofe e os próprios órgãos autárquicos.

Como condição óptima para essa articulação de esforços, veio aliás à baila a questão da regionalização,

com o advento da região do Algarve.

«Andar-se a acudir aqui e acolá, sempre que catástrofes como a de Dezembro se registam, sem enfrentar conjunta e globalmente o problema» — acentuou um deputado — «nada resolverá de forma definitiva».

E o risco que se corre é grave. Não foram só os presidentes dos municípios mais atingidos, casos de Faro, Olhão e Tavira, que expuseram os prejuízos sofridos pelos seus concelhos; também se queixaram

os de Lagos, Castro Marim, Vila Real de Santo António, Aljezur, Vila do Bispo... O montante global, esse ultrapassará os três milhões de contos. Ora, como foi assinalado por parlamentares e autarcas, a repetição das inundações não implicará somente a duplicação do dispêndio: invalidará tudo o que para reparações venha agora a ser canalizado.

Inundação sem precedentes

A grande conclusão extraída desta observação das

áreas algarvias afectadas pelas inundações parece ser realmente a de que elas não se deveram fundamentalmente a factores naturais. Trata-se de zonas tradicionalmente castigadas por alta pluviosidade, e por onde se escoam a água procedente da serra. Em Tavira, a maioria das habitações, quer urbanas quer rurais, exibe nas portas calhas para tampões, preventivos de cheias. Simplesmente, o que ocorreu em 3 de Dezembro passado não tem precedentes na história da vila. Água que transbordou do rio Gilão atingiu mais de 2 metros de altura e invadiu os pisos térreos da generalidade das casas, ocasionando tantos mais danos quanto o fenómeno se caracterizou pela rapidez e o imprevisto. Na sua cavalcada pelas ruas, arrastou automóveis para o leito do rio, despedaçou embarcações atracadas contra os paredões das margens, pôs inclusivamente em risco de derrocada a histórica ponte romana. Nesta, verificou-se o aluimento de um dos apoios e a erosão dos restantes alicerces, o que implicará a edificação de uma nova ponte provisória, num total de encargos por calcular e que a Câmara diz exceder a sua capacidade e competir à Direcção-Geral de Portos, à Junta Autónoma de Estradas e ao Instituto Português do Património Cultural.

Nas zonas rurais, cultivos e pomares foram alagados, do que resultou a destruição dos primeiros e a morte de numerosas árvores, que os

tractores começam agora a arrancar. A fruta pendente foi levada pelo dilúvio. Hortas desapareceram. As estufas ficaram em destroços.

Também as estruturas viárias sofreram profundos estragos, acontecendo que em muitos casos contribuíram para as dimensões da catástrofe pelo facto de, como foi observado, obstruírem linhas de escoamento de água, cuja existência não fora considerada pelos autores dos seus projectos. E, só nesta rubrica, a Câmara Municipal de Tavira prevê que as necessárias despesas ascendam a cerca de 500 mil contos. Tudo somado, e pelas contas do mesmo órgão, os prejuízos, entre os quais se incluem famílias a realojar, perfazem 2 652 140 contos.

Ao pé destes números, os acusados pelas Câmaras de Olhão e Faro — em estimativas provisórias, 450 e 300 mil contos, respectivamente — parecem coisa pouca.

Entretanto, um novo problema relacionado com a reparação dos efeitos da catástrofe foi já denunciado pelas autoridades locais e exposto aos deputados que se deslocaram ao Algarve. Trata-se de reconstruções a que estão a proceder agricultores e residentes das áreas atingidas. Na verdade, em muitos casos, estão a reerguer-se muros e aterros que deram a sua contribuição para a catástrofe, por impedirem o normal escoamento das águas. De acordo com o que o governador civil de Faro transmitiu à representação da Assembleia da República, tais iniciativas particulares não estão a ter em conta um estudo elaborado por técnicos da Direcção-Geral de Hidráulica, Junta Autónoma de Estradas, Direcção Regional da Agricultura e Protecção Civil com que se visa, precisamente, erradicar as condições para a repetição das cheias. O governador civil Cabrita Neto sublinhou a determinação dos responsáveis autárquicos de demolirem todas as construções que não atendam àquele estudo, que será apresentado publicamente em Faro ainda esta semana.

Por outras palavras, os autores de tais construções arriscam-se a estarem a dilapidar as verbas indemnizatórias que as Câmaras, sobretudo a agricultores, já começaram a distribuir.

Entre as recomendações que tenciona inserir no relatório desta visita, Gameiro Santos revelou ainda ao "DL" que proporá ao Parlamento, além de um robustecimento do empréstimo a fundo perdido, julgado particularmente justificado no caso de Tavira, a desburocratização da linha de crédito prevista no decreto que oficializa a situação de calamidade pública nos referidos concelhos do Sotaventor.

F. Brederode dos Santos



Destroços de uma estufa já recuperada parcialmente

ECONOMIA

Serviço mais rápido com Express Mail

CTT e Unipost assinam acordo de cooperação

Os CTT e a Unipost assinaram, hoje de manhã, um contrato de cooperação que abrange essencialmente os serviços de correio acelerado Express Mail e de encomendas internacionais.

Este contrato, assinado por Silva Marques, presidente dos CTT e por Guy Meynie, director-geral da Unipost, representa um salto qualitativo na forma tradicional de gestão dos correios e, ao mesmo tempo, significa a evolução daqueles serviços para uma gama de alta qualidade.

A rapidez, a segurança e a comodidade são as apostas que presidem a este novo acordo de cooperação. Este tipo de contrato foi, aliás, assinado recentemente entre a Unipost e os correios franceses, ingleses, irlandeses, canadianos e norte-americanos.

Os contratantes estabeleceram normas específicas de funcionamento. Cabe aos CTT cumprir prazos de transporte e entregas e incrementar os sistemas de controlo de qualidade e de pesquisa informatizada dos objectos.

A Unipost, por sua vez, obriga-se a assistir as administrações postais no desenvolvimento dos negócios, dos novos produtos e serviços, no melhoramento da rede de transportes internacionais e dos procedimentos alfandegários.

No início do ano passado, 21 administrações postais de diversas partes do mundo criaram uma «holding» cujo objectivo foi o de desenvolver os serviços de Courier com vista a liderar o mercado. Esta sociedade tem sede em Bruxelas e dela fazem parte a EMS-Express Mail e a Unipost.

Investigadores na expectativa face a Programa Ciência

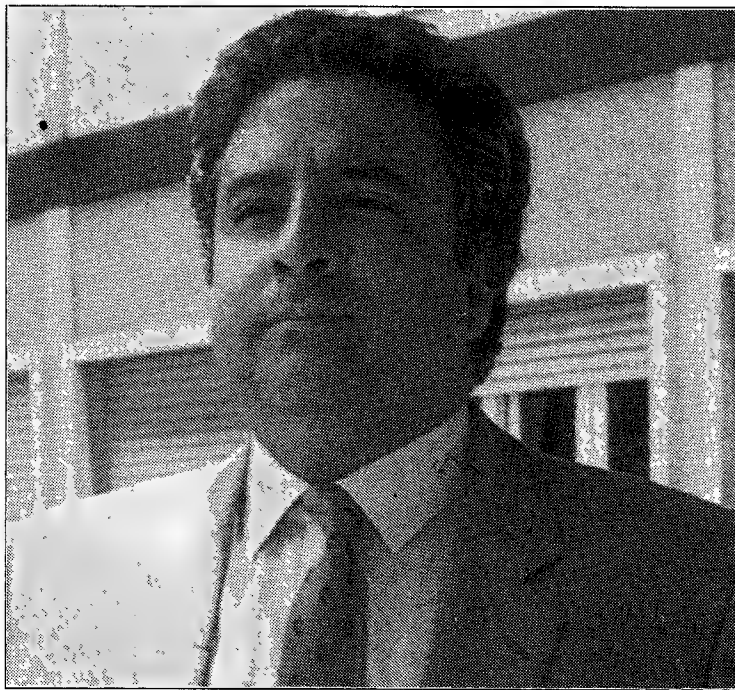
Comunidade científica queixa-se de falta de diálogo por parte do Governo

«A nossa posição sobre o Programa Ciência é de expectativa. As verbas embora elevadas não resolvem os problemas, mas ajudam a caminhar no sentido positivo. Esperamos pelo diálogo para sabermos quais os objectivos e que prática vai ser seguida. Se este processo for burocratizado e estatizado, não obterá certamente bons resultados», disse ao DL o Prof. José Tribolet, presidente do INESC, Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores.

O Programa Ciência, orçado em 51,6 milhões de contos (304 milhões de ECU) é formalmente aprovado em Bruxelas dentro de dias. Destina-se a eliminar as situações de carência em infra-estruturas de equipamentos e de recursos humanos. Este programa entra em vigor no primeiro semestre deste ano e termina em 1993.

José Tribolet, eleito recentemente para vice-presidente da ACTD, Associação de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento, sublinha que a comunidade científica, nomeadamente a ACTD e os seus 500 associados, esperam com agrado o desenrolar do processo, deixando para mais tarde críticas e objecções que porventura devam ser feitas.

«Penso que o processo se tem que desenvolver numa perspectiva de base para cima. Saber, por exemplo, quais



José Tribolet: «Esperamos pelo diálogo»

os investigadores que vão estar envolvidos, que objectivos científicos vão ser seguidos e com que tecnologia. Até agora não conhecemos a forma como vai ser posto em prática o referido Programa», afirma José Tribolet.

Este investigador defende, por outro lado, que nada pode avançar nesta área sem a garantia de re-

speito pela «liberdade dos investigadores». Nos últimos anos, os cientistas portugueses têm vivido num cenário fundamentalmente abalizado entre os programas mobilizados pelo JNÍC, a nível nacional e, internacionalmente, pelos programas tecnológicos da CEE.

«É um panorama de graves proble-

mas estruturais, com falta de infra-estruturas e de investigadores, em que as áreas básicas, no plano científico, não têm sido contempladas», acentua José Tribolet.

Registe-se que o INESC apresentou uma pré-candidatura para o Programa Ciência orçada em 13,5 milhões de contos, num total de projectos que corresponde a 200 milhões de contos. Resta saber como será justificada a diferença entre aquela verba e os 51,6 milhões aprovados e que critérios vão ser seguidos na sua utilização.

É nesta expectativa que se encontra a ACTP, bem como os 2.600 concorrentes às bolsas de estudo consagradas no Programa Ciência.

O ministro do Planeamento e da Administração do Território, Valente de Oliveira, no final da reunião do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, realizada no passado dia 6, disse a este propósito que «o total e eficaz aproveitamento de investigação científica e da inovação tecnológica exige a criação de iniciativas que reforcem, no plano institucional, o apoio à inovação de base científica nas empresas».

Defendeu, igualmente, a transferência vertical de tecnologia e a valorização no mercado, dos resultados das actividades de investigação e desenvolvimento.

R.F.S.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48\$50	54\$50
ALEMANHA FED. (marco)	87\$50	88\$70
ÁUSTRIA (xelim)	12\$40	12\$60
BÉLGICA (franco)	3\$981	4\$231
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	121\$60	124\$10
(notas de 5 a 1000)	122\$10	124\$60
DINAMARCA (coroa)	22\$60	23\$00
ESPAÑA (peseta)	1\$311	1\$431
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145\$70	149\$20
(notas de 5 a 1000)	146\$20	149\$70
FINLÂNDIA (marka)	36\$90	37\$50
FRANÇA (franco)	25\$70	26\$40
HOLANDA (florim)	77\$50	78\$60
IRLÂNDIA (libra)	232\$70	236\$70
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (iene)	\$953	1\$008
NORUEGA (coroa)	22\$55	23\$05
REINO UNIDO (libra)	246\$90	251\$40
SUÉCIA (coroa)	23\$80	24\$30
SUÍÇA (franco)	97\$60	99\$10
VENEZUELA (bolívar)	3\$181	3\$981

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

B R E V E S

Reforço da cooperação entre Lisboa e Bissau

Portugal e a Guiné-Bissau reforçam laços de cooperação que, na fase actual, está a nível de contactos oficiais entre o ministério português do Emprego e da Segurança Social e ministério guineense da Função Pública e Trabalho. Neste âmbito insere-se, também, o apoio que a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa está a conceder para desenvolvimento dos Serviços de Apostas Mútuas naquele país africano.

A deslocação de Silva Penada, ministro do Emprego e da Segurança Social, à Guiné-Bissau, a convite da sua homóloga, Henriqueta Godinho Gomes, insere-se nos planos de cooperação, à semelhança do que aconteceu anteriormente com as visitas a Moçambique, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde.

Estas iniciativas estão enquadradas num programa de cooperação técnica com as administrações dos países africanos de expressão oficial portuguesa, que visa principalmente a formação de quadros da administração do Trabalho, inserida no âmbito tradicional de actuação e com o objectivo de contribuir para a dimensão social do desenvolvimento dos referidos países africanos. Ao longo dos últimos anos a formação profissional tem sido um dos vectores mais beneficiados, uma vez que os cinco países lusófonos estão a levar a cabo acções tendentes a pôr em funcionamento estruturas governamentais de segurança social.

Sector do «leasing» cresce em Portugal

O sector de locação financeira, actividade designada por «leasing», cresceu em 1989 de 24,1 por cento em relação ao ano anterior, o que corresponde a um montante global de créditos superior a 147,1 milhões de contos.

No caso do «leasing» mobiliário, o crédito concedido pela empresa de locação ou «leaser» consiste na aquisição de equipamentos escolhidos por um agente económico, em-

presa ou indivíduo de profissão liberal, que utilizará o material em causa mediante o pagamento de um aluguer.

Em 1989 operaram em Portugal doze sociedades de locação financeira mobiliária, tendo sido criadas, ao longo do ano, cinco novas empresas: CISF Equipamentos, Leasing Atlântico, Hispano-Americano, Comercial de Leasing (grupo BCP) e Sociedade Internacional de Leasing (grupo Espírito Santo).

A Sofinloc, a Locapor, a Lusoleasing e a Euroleasing são as sociedades com maior implantação em Portugal, detendo 66,6 por cento do mercado. A Sofinloc foi líder do mercado com 22,3 por cento do total dos contratos, situação que já acontecera no ano anterior.

As novas empresas obtiveram no conjunto uma quota de mercado de 9,77 por cento, 5 por cento dos quais pertencem à CISF Equipamentos. Registe-se que o volume de negócios do sector «leasing» cresceu a um ritmo acelerado nos últimos anos, tendo aumentado 146 por cento em 1987 e 134 por cento em 1988.

O futuro da indústria analisado em livro

Foi apresentado na Associação Industrial Portuguesa o livro «Indústria Portuguesa - Que Futuro?». Da autoria de Rui Guimarães e Maximiano Martins, a obra foi editada no âmbito das comemorações dos 150 anos daquela instituição empresarial.

«A questão básica que se coloca no conjunto da investigação reunida reporta-se ao homem, aos recursos, à organização e às motivações que poderão garantir um bem sucedido desenvolvimento industrial para Portugal», afirmou na cerimónia de lançamento Rui Magalhães.

O livro analisa pormenorizadamente os vários sectores industriais portugueses e põe em foco a capacidade tecnológica do sector transformador. Por outro lado, procede a uma abordagem das respostas estratégicas necessárias a Portugal para enfrentar o futuro próximo.

CULTURA

«Revista de Estética» lançada ontem, na Escola Superior de Belas-Artes

Jovens e inconformados

As ideias felizes nascem assim. Num dia como qualquer outro, sem que nenhum sinal dos céus ou dos homens o deixasse prever, um indivíduo munido de razoáveis capacidades imaginativas é tomado de um frêmito súbito e dispõe-se a lutar por ele, mesmo quando os obstáculos adquirem proporções ciclópicas.

No caso da «Revista de Estética», cujo primeiro número foi ontem lançado na Escola Superior de Belas-Artes, em Lisboa, a ideia apareceu «há mais de um ano», quando o João Soares Santos e o Tomás Maia, hoje director e director-adjunto da revista, pensaram a sério em erguer do nada uma publicação consagrada à estética e às suas diversas expressões.

Só que, como nos confidenciou João Barroca Inácio, um dos coordenadores da revista, «é difícil trabalhar em Portugal». Convictos da vitalidade do seu projecto, eles enfrentaram, todavia, a angústia suscitada pelo fechar das muitas portas que, de algum modo, lhes poderiam fornecer o apoio económico indispensável ao empreendimento. A este propósito, João Soares Santos dir-nos-ia que «muitas dessas portas continuariam sem se abrir até que aparecesse uma coisa mais concreta», este primeiro número que, assim, também está revestido de uma finalidade bem pragmática: mostrar a eventuais apoiantes o que, de facto, se pretende fazer.

Não obstante, a perseverança de um grupo de jovens na sua maioria constituído por alunos da E.S.B.A.L, foi além da teimosia dos poderes instituídos e, ao fim de um ano de esforços, a revista está no mercado ao preço de novecentos escudos, com os apoios do Ministério da Juventude, do Conselho Directivo da escola e, «last but not the least», da sua associação de estudantes que, de resto, também a edita.

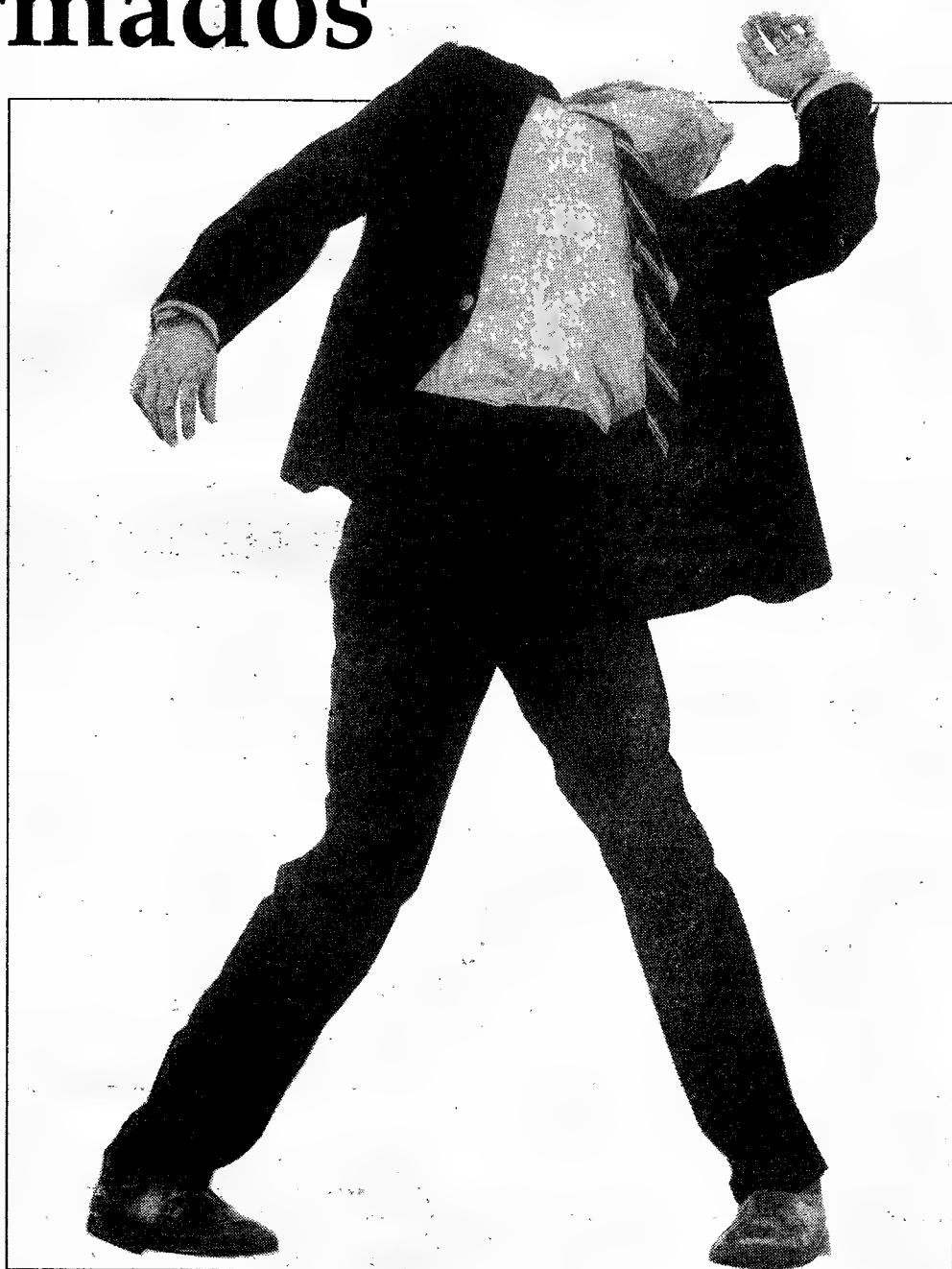
A reacção entusiasta das individualidades chamadas a colaborar no primeiro número (António Quadros Ferreira, João Pinharanda e António Ramos Rosa, com uma participação substancial ao nível da escrita e do

desenho), diz, de resto, da utilidade do projecto. Na excelência das colaborações, se possível satisfazendo os objectivos interdisciplinares da revista, reside, aliás, um dos seus maiores trunfos, quer do ponto de vista do conteúdo textual, quer do destacável que doravante reproduzirá obras de «pessoas que -disseram-nos- estão de algum modo fora do circuito comercial». Os primeiros eleitos foram Fernando Manuel, Jorge Martins, Pedro Rosa, Manuel Baptista, Gonçalo Byrne com Eduardo Trigo de Sousa e esperamos que, ao mesmo tempo que assegura um momento de fruição visual ao leitor, a «Revista de Estética» consiga fazer algo de bom pela carreira dos menos consagrados.

Uma tal atitude integra-se, aliás, no que parecem ser os propósitos de quem a edita, marcar, segundo João Soares Santos referiu ao «DL», «uma diferença construtiva, sem radicalismos maniqueístas» face ao que dizem ser no nosso mundo «um fervor flexível de estimulações» em que «o pensamento está em voga». Os filósofos tomam-se de amores pelo assaz transcendente sistema do «best-seller» e namoriscam com a mais escandalosa facilidade de espírito. A direcção/redacção da «Revista de Estética» não é assim, antes pelo contrário. São jovens e inconformados, não lançam ao ar «sementes de violência», mas também não se contentam com um consumismo febril. Acreditam que os radicalismos estão em crise e na boa estrela deste seu projecto. Por isso, não deixam que a vontade se perca. O segundo número subordinado à temática do corpo enquanto lugar de consciência (o primeiro ocupara-se dos anos 80) terá melhor papel, melhor impressão (ambas as medidas são urgentes) e um novo preço que suportará os melhoramentos entretanto introduzidos.

Maria João Martins

*«Revista de Estética», nº 1, Edição da Associação de Estudantes de Artes Plásticas e Design, preço 900\$.



O homem moderno, uma questão em debate no primeiro número da «Revista de Estética»

Os (Últimos) Dias de Charles Baudelaire

É, definitivamente, um romance este livro do filósofo francês Bernard-Henri Lévy? Sem dúvida que sim, apesar da evidente semelhança, que também tem, com um ensaio sobre a vida e a obra de *Les Fleurs du Mal*. Há, na verdade, no enunciado aspectos claramente romanescos: a narrativa historicamente fidedigna ou verosímil da estada de Baudelaire em Bruxelas, onde o surpreenderá a crise final que o conduzirá à morte, cruza-se com o enredo fictício do roubo do manuscrito do derradeiro livro do escritor francês, «Pauvre Belgique», ditado por Baudelaire ao narrador, furto perpetrado por esse mesmo narrador.

Registe-se, porém, que o narrador só se assume como personagem participante na parte final do livro, obrigando mesmo o leitor a refazer, ou pelo menos retocar, a história, uma vez que, aparentemente, a neutralidade narrativa é posta em causa quando aquele se assume explicitamente como

um discípulo de Charles Baudelaire e o livro como uma homenagem e um acto de expiação de culpas e de arrependimento.

A construção romanesca é, de facto, bastante engenhosa. Perante os nossos olhos irão sucessivamente assumir-se como narradores metadiegticos a senhora Lepage, proprietária da pensão que aloja o poeta; o fotógrafo belga Charles Neyt; Jeanne Duval, que foi amante de Baudelaire; o editor Poulet-Malassis; e ainda a mãe do poeta e o padre Dejoncker. Finalmente é o próprio narrador que abandona a obscuridade para vir ocupar um lugar bem no centro do palco, prejudicando com isto a sua, até ali inquestionável, condição de responsável imediato pela totalidade do texto narrativo.

Cada uma das vozes narrativas do romance deixa transparecer a sua simpatia ou antipatia relativamente ao autor de *Les Paradis Artificiels*, mas é evidente, por detrás de todas elas, a mão

que orienta o leitor no sentido da recepção de um determinado Charles Baudelaire: o de Bernard-Henri Lévy. O poeta é-nos, assim, oferecido como uma espécie de anjo caído, um génio cuja obra foi tocada por uma maldição, que se transmite ao próprio narrador quando este se apropria de um texto baudelaireano: um jovem escritor, desprovido de verdadeiro talento, mas respeitador e bem sucedido, passa a ser incapaz de alinhar duas frases direitas no preciso momento em que julgava ter assimilado o génio do mestre; e o próprio livro furtado a Baudelaire é recebido com desdém pela crítica que se interroga sobre a preocupante regressão do jovem promissor.

Bernard-Henri Lévy, chefe de fila dos chamados «novos filósofos», estreou-se como romancista, em 1984, com *Le Diable en Tête*, de imediato galardoado com o prémio Médicis. Contava já, no entanto, com uma considerável

obra ensaística em que sobressaía *La Barbarie à l'usage Humain*, uma contundente crítica ao socialismo e à própria ideia de progresso. O profundo pessimismo existencial que ressaltava de *Os Últimos Dias de Charles Baudelaire* bebe nas mesmas fontes da sua obra filosófica. Ao desfolhar perante o leitor a biografia de Charles Baudelaire, Lévy coloca-nos face a um mundo onde o génio é quase obrigatoriamente marginal e maldito e a levandade recompensada com o reconhecimento público.

Não basta a Baudelaire a bajulação aos vultos cimeiros das letras francesas do momento, casos de Victor Hugo, Sainte-Beuve ou Théophile Gautier, para lograr atingir um lugar de relevo na literatura francesa, aos olhos dos seus contemporâneos. Isso só poderá suceder depois da sua morte: só esta redime o homem de génio e o integra na sociedade do seu tempo. Assim começa a acontecer quando é anun-

ciada, afinal prematuramente, a morte de Charles Baudelaire; assim ocorre, paradigmaticamente, quando morre o pintor Delacroix e os mesmos «eunucos» que o degladiavam em vida se apressam a canonizá-lo e a disputar-lhe os despojos.

Ao mesmo tempo, o romancista não escapa à tentação de submeter a uma minuciosa observação psicanalítica a obra do poeta, explorando nomeadamente a conflituosa relação de Baudelaire com o padastro, o general Aupick, usurpador do seu lugar junto da mãe.

No entanto, esta «explicação» da obra de Charles Baudelaire acaba por ficar submersa face à grandiosidade de outro problema que atormenta o poeta: um profundo sentimento de culpabilidade, herança paterna, pois não consegue deixar de assumir a traição do progenitor, que renúncia ao sacerdócio sucumbindo à tentação da «carne». A alegoria é subtil, porque

inspirada em dados biográficos seguros, mas quem é que não transpõe este sentimento pessoal de culpa para uma dimensão humana global e não reconhece nele a questão central da ética cristã, o pecado original?

Condenadas por imoralidade, as *Fleurs du Mal* metamorfoseiam-se assim numa das criações mais profundamente religiosas e cristãs do homem moderno. Assim o compreende, no essencial, o padre Dejoncker: «E ainda está longe o tempo em que os homens da Igreja e da fé hão-de ver na sua doutrina da queda, do pecado, da natureza ou do castigo, a marca de um catolicismo evidentemente desviado mas que, nesse mesmo afastamento, até mesmo na sua grosseria, é um testemunho em defesa da Santa Cruz.»

António Apolinário Lourenço

Bernard-Henri Lévy, «Os Últimos Dias de Charles Baudelaire», Quetzal Editores/1989 (tradução de António Guerreiro).

O monstro dentro de nós

Fantasporto. Não são os «monstros exteriores» que criam o terror: o terror é criado (e surge) através dos traumas da nossa mente

Do nosso enviado

A concurso no Fantasporto, esgotou a lotação do Auditório Carlos Alberto o filme britânico «Diamond Skulls» (com, em português, o título de «Ciúmes Loucos»), do realizador Nick Broomfield. E esgotou porque? Esgotou porque, dias antes, se falava já de uma excitante película erótica... Mas é mais do que isso - e estamos em crer que, até porque dentro dos processos tradicionais narrativos, caso venha a ser exibido nas nossas salas de cinema, é filme para se manter durante semanas.

Pena será que o público seja apenas atraído pelas seqüências em que o erotismo irrompe de maneira violenta, e não saiba descortinar o verdadeiro problema que enforma a história que nos é contada.

Não vamos, claro, contar em pormenor a história, mas diremos, isso sim, que é o problema da posse, a um tempo sexual e amorosa, de um homem que se julga traído (com ou sem razão) pela mulher com quem se casou.

Se logo na primeira noite de núpcias, quando ciúmes ainda não havia, e homem se apossa da mulher de maneira antinatural, «marcando-a» com a sua força viril, sucede que, quando ciumento, e transcorridos que foram meia dúzia de anos (entretanto o casal teve um filho), ele de novo tenta lembrar à companheira (um ex-modelo elegantíssimo) que se terá de

sujeitar à «prova» dos longínquos primeiros dias, a fim de que ele se sinta dono e senhor do corpo amado, assim esmagando, na memória dela, o eventual amante. Ela recusa-se a tais práticas, mas no fundo, e talvez até por luxúria, sente que não terá forças para lhe resistir... Além disso - ama-o, embora não seja insensível aos galanteios dos outros homens.

Lord Hugo, o marido (interpretação impecável de Gabriel Byrne), antigo oficial, «man of property», isto é, homem de propriedade e posse, quando regressa a casa após um jantar de confraternização com os seus colegas de Regimento, atropela uma jovem, que julga morta de momento, mas que só viria a morrer dezassete horas depois. (Logo: falta de assistência). Quando abandona o corpo na estrada, ele, obcecado por ciúmes (infundados ou não), é assaltado pelo seguinte pensamento: «Atropei esta jovem julgando atingir mortalmente a minha mulher...» É todo um processo psicológico que o guia, a ele e (naquele momento) ao automóvel. Ou por outros termos: o espectador não pode afirmar que Lord Hugo atropelou de propósito uma desconhecida, nem tão pouco que a julgou de imediato morta. O seu sentido de posse (e de amor exarcebado) só tem uma direcção: estar com a mulher (interpretada de maneira sóbria por Amanda Donohue), que, naquela noite, dá uma festa em que está presente o homem



«Diamond Skulls», de Nick Broomfield, ontem no Fantasporto

que, por boatos e gracejos alheios, o enciuma (actor que surge numa única seqüência, anónimo quase, num passo de dança).

Tudo, a princípio, se processa normalmente entre marido e mulher, com uma ou outra pergunta indiscreta do primeiro. Sucede, porém, que um dos companheiros de Lord Hugo, que, com outros, viera com ele no automóvel «assassino», confessa à sua «girl-friend» o desastre havido na estrada, e afirma que Lord Hugo atropelara a jovem quando pensava tirar vingança da mulher. As palavras vão-se espalhando - e não tarda muito que a Polícia esteja em campo, procedendo aos interrogatórios costumeiros.

Vai-se apertando o cerco a Lord Hugo, com deferências de parte a parte (tudo se passa no mundo da alta roda e da aristocracia inglesa), até que é assassinado quem dissera dos propósitos inconscientemente culposos do marido ciumento. Este, embora a mulher lhe confesse um amor constante, e os ciúmes não tenham muita razão de ser,

tem sempre em mente a prova da posse extrema, de «man of property», de marca sexual antinatural. E para tal (enquanto as investigações prosseguem) se prepara com todo o ritual...

O que neste filme de Broomfield se impõe é a inteligente inexistência de «monstros exteriores» que monstrem como desculpa dos «monstros interiores» que nos habitam. Aqui, numa filmagem límpida, com alguns momentos de «suspense», Nick Broomfield exhibe, com mestria, que os únicos monstros que existem somos nós próprios, e que nos é de todo necessário uma «catarsis» nossa, uma purificação sem limites, a fim de que nos possamos compreender mutuamente - e o terror termine em nossos olhos.

Enfim: sem recorrer a monstros postiços, um filme, na via da psicanálise, que espelha os monstros, os fantasmas, os traumas que, de uma maneira ou de outra, habitam dentro de nós. Excelente exercício cinematográfico.

Pedro Alvim

Pintura portuguesa em leilão

Um «tríptico-primitivo», cujo preço de catálogo varia entre os dez mil e os 15 mil contos, é a peça mais valiosa do leilão que a «Leiria e Nascimento» realizará em Lisboa de 8 a 10 de Fevereiro.

O leilão vai decorrer no Palácio de Exposições da Tapada da Ajuda, onde os interessados terão à sua disposição 1017 lotes de peças de arte que poderão apreciar nos dias 6 e 7.

Além da pintura denominada «tríptico-primitiva», atribuída à escola portuguesa do século XV e pertencente à colecção dos herdeiros do comandante Ernesto de Vilhena, são também pinturas as restantes quatro obras mais valiosas. São elas: «As Tentações de Santo Antão» (seis a nove mil contos), peça atribuída à escola flamenga do século XVII; «O Homem da Gaiola» (cinco a oito mil) de José Malhoa; «A Cena de Debulha» (3 a 5 mil), de Júlio Pomar; e uma «composição» de Eduardo Viana.

Entre os autores modernos representados no leilão estão Júlio Pomar, Arpad Szenes, Sofia Delaunay, Stuart Carvalhais, Almada Negreiros, Salvador Dalí, Rafael Bordalo Pinheiro, Falcão Trigo, José Malhoa, Júlio Resende, Silva Porto, Carlos Reis, Francis Smith, Lima de Freitas, João Hogan e Carlos Botelho.



Porterhouse

Se a memória não me trai, nunca guardei más recordações dos congelados televisivos *made in Great Britain*. Talvez fosse mais longe, e tentasse mesmo reclamar um estatuto de eterna saudade para algumas dessas séries nascidas e criadas sob os mantos de Suas Majestades. E nestas alturas em que se fala da questão alemã e do nazismo, salta-me logo à memória aquela maravilhosa «História do Imprevisto» em que Roald Dahl - dessa vez sem ser ficcionista - nos contou a lenda-realidade do nascimento do Hitler. (Bisem-na, senhores!). Ontem no 2, voltou a haver estreia britânica «Histórias de Porterhouse». O episódio inaugural tem quase todos os ingredientes do bom entretenimento relaxante: humor, burlesco, crítica de instituições, tradição da tradição crítica, e também um ligeiro e suave naco de metafísica.

Nada é poupado ou evitado: os clérigos, os mestres universitários, a própria «England made me». Quando o anarquismo é assim matizado, a instituição sai reforçada - talvez seja uma primeira consequência a tirar. Depois, ninguém grita por socorro pedindo bóias de salvação para evitar o naufrágio da monarquia ou do Governo. Finalmente, a crítica satírica, enquanto for mesmo satírica, constitui a melhor vacina contra tentações de censura. Sempre que existir uma sátira institucionalizada, o vírus das reais ou republicanas mesas censórias não penetra. A pontinha de metafísica acima referida e que fica a ruminar quando séries destas surgem no ecrã, diz respeito a uma possível relação entre tradição satírica e qualidade dos serviços noticiosos. Será apenas por acaso que quando a BBC informa, ninguém ousa levantar a pedra para procurar estilhaçar telhados de vidro? Ou, dito por outras palavras, por que será que uma tradição tão longa e ininterrupta de falta de censura se aplica a muito poucos países?

Não interessa falar, agora, da censura animalca do pré-1974. Mas basta juntar hoje à mesa do café meia dúzia de amigos que tenham algo a ver como escrita pública e logo se escutam histórias mais ou menos rocambolescas de facaditas na liberdade de Imprensa, e em que o argumento era sempre o mesmo: «crítica, sim, desde que seja construtiva».

Não só é triste que um país tenha mais polícias de instituições que satíricos - é também um certificado de «habilitações literárias»: a vocação de policial instituições é directamente proporcional ao grau de imbecilidade e analfabetismo. Mas a RTP não pode só colher louros pela estreia de ontem: as frases em latim do filme «Porterhouse» não foram traduzidas, mutilando, assim, muito do sentido do humor da história britânica. Que raio! Num país tão clerical não haverá ninguém para fazer uns biscoitos e traduzir meia dúzia de palavras do latim?



José S. Montelro

Teatro da Cornucópia

SALADA

(TEXTOS dos PALHAÇOS)



«Há muitos anos que não ria tanto num espectáculo» — *Jornal de Letras*

«uma autêntica explosão lúdica» — *Diário de Notícias*

«um momento de teatro divertido e despretençoso» — *O Jornal*

«Uma salada para todos e que vai alimentar muitas horas de prazer» — *Semanaário*

«uma arte de inteligência e divertimento que não pára de se divertir conosco e consigo própria» — *Expresso*

«o que nós nos rimos?... ? uma das propostas teatrais mais modernas que a Cornucópia nos apresentou.» — *Independente*

«um dos espectáculos mais soltos, mais felizes e mais comoventes do seu historial» — *Fim de Semana*

«lamentável, morto, sem graça [...] o pior espectáculo da Cornucópia de sempre» — *Capital*

3.ª a sábado às 21.30 — Domingos e feriados às 16 h

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA Telef.: 66 15 15/66 92 05

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Santana Lopes diz que vai disciplinar a SEC

O secretário de Estado da Cultura, Santana Lopes, afirmou ontem que vai «ser intransigente na condução» dos serviços da sua competência.

Santana Lopes falava na cerimónia de tomada de posse dos novos directores-gerais da Acção Cultural, Maria Pinto Barbosa, e dos Espectáculos e dos Direitos de Autor, António Xavier, para a qual foi também nomeado um sub-director, Pedro da Costa Cordeiro.

«Se algumas lacunas e falhas» naqueles serviços «eram perfeitamente compreensíveis», dada a ausência de responsáveis, «agora não o serão», afirmou.

O secretário de Estado da Cultura disse que os serviços «deverão também ser intransigentes uns com os outros», para que as falhas sejam ultrapassadas.

Apesar da tomada de posse que ontem teve lugar, Santana Lopes referiu que «não ficará ainda reposta a normalidade» naqueles serviços, a qual só deverá ocorrer «daqui a um mês».

Relativamente aos novos directores-gerais, Santana Lopes manifestou a esperança de que as suas tomadas de

posse «não signifiquem para os funcionários qualquer ideia de ruptura face às políticas até aqui desenvolvidas».

«Julgo que a continuidade dos serviços deve manter-se» nos momentos em que se dão alterações a nível governamental, pois «importa que a estabilidade seja assegurada», defendeu.

O novo responsável pela Direcção-Geral dos Espectáculos e dos Direitos de Autor, precisou que a actuação do seu sector se voltará, fundamentalmente, para o cumprimento da lei, admitindo que os prevaricadores andam sempre à frente e é preciso lutar contra eles, «embora não tenhamos a utopia de dizer que vão acabar».

António Xavier disse, ainda, que os seus serviços privilegiarão medidas preventivas, informativas e orientadoras, fazendo desde já um apelo aos utentes e proprietários de casas de espectáculos para que sejam eles próprios a colaborar na vigilância das condições de segurança.

**Antero Ferreira
no IPPC**

Ontem, ainda, o secretário

de Estado da Cultura empossou o novo presidente do Instituto Português do Património Cultural, Carlos Antero Ferreira.

Em cerimónia realizada no Palácio da Ajuda, Santana Lopes repetiu o que tinha dito em relação às direcções-gerais anteriormente referidas, ou seja: «Serei intransigente convosco», a finalizar uma intervenção na qual defendeu a dinamização e valorização dos museus e da defesa e do património, assim como a criação de estruturas que permitam o acesso a deficientes.

Por seu turno, o novo responsável pelo IPPC - que substituiu António Lamas - referiu que «o campo de acção dos seus serviços tem vindo a largar-se, devido à expansão do próprio conceito de património, o qual engloba actualmente expressões tão diversas como a pintura, arte têxtil, monumentos e legados culturais».

«Não se pode fazer tudo ao mesmo tempo e bem, mas estamos empenhados em fazer muito», disse Antero Ferreira a finalizar.



O Presidente e o escultor, durante a visita à exposição

Mário Soares condecora Martins Correia

O Presidente da República condecorou ontem o mestre escultor Martins Correia com o grau de Grande Oficial da Ordem de Santiago da Espada, na inauguração de uma exposição, na Galeria de Arte do Casino Estoril, que coincidiu com a passagem do 80º aniversário do artista.

Mário Soares, começando por dizer que se associava com muito gosto à homenagem que se estava ali a prestar ao escultor e à sua obra, impôs depois a condecoração a Martins Correia, «em nome de Portugal, com o reconhecimento de todos nós», agradecendo-lhe - como Chefe de Estado e admirador - «o que tem

feito pela Arte e por Portugal».

Na presença de largas centenas de convidados, naturalmente amigos na esmagadora maioria, e também do secretário de Estado da Cultura, Natália Correia lembrou que «nunca é de mais pedir aos governantes que se prestigiem, galardoando os artistas», dizendo ser, aquela, «a festa de um grande e singular artista».

Mestre Martins Correia, depois de agradecer a condecoração, a presença de tantos amigos e as numerosas prendas de aniversário que recebeu, acompanhou o casal Soares numa visita à exposição, através da qual está bem patente o real mérito do autor.

Polícia impede Rushdie de sair do esconderijo

O escritor Salman Rushdie, autor do polémico livro «Versículos Satânicos», tentou sair do local onde está escondido, para participar numa conferência em Londres, mas a polícia impediu a sua saída, por motivos de segurança.

A polícia convenceu Rushdie a não ir ao Instituto de Arte Contemporânea de Londres, para ler pessoalmente uma comunicação, numa conferência internacional contra a censura.

As autoridades receavam que se cumprissem as ameaças de morte lançadas há um ano pelo falecido líder iraniano Ayatollah Khomeini, na sequência do lançamento do livro que os fundamentalistas muçulmanos consideram blasfemo em relação ao Islão.

Na comunicação, que acabou por ser lida pelo dramaturgo Harold Pinter, Rushdie referia-se à «agonia e frustração que sente por não poder retomar a sua vida normal», tendo ainda escrito sobre a sua paixão pela Literatura e ter descoberto que, afinal, «para milhões de seres humanos, os livros não têm valor algum».

Desiludam-se as sensibilidades mais românticas. Na Feira Internacional, ARCO, esta tarde inaugurada em Madrid, a arte contemporânea é uma indústria que, como qualquer outra, se serve dos meios mais sofisticados que a alta tecnologia lhe permite

Galerias embandeiraram de ARCO e cifrão

Do nosso enviado especial

Inaugurada pelo ministro da Cultura, Jorge Semprún, a nona edição da ARCO reúne qualquer coisa como duas centenas de galerias, representando 20 países, o que a transforma numa competição global, a par da Documenta de Kassel, ultrapassada que está já a FIAC francesa (Feira Internacional de Arte Contemporânea).

As portas abriram ontem à tarde exclusivamente para profissionais, coleccionadores e «opinion makers», e pouco mais serviu que para perceber por que artes se estende este terreno, localizar postos de trabalho para desenvolver amanhã.

Registando-se a maior presença da RFA, com 31 galerias, seguida dos Estados Unidos com 20, a ARCO incluiu este ano as representações (com duas galerias) da Austrália e

Canadá.

Excluídas a Novo Século e Quadrum, a representação portuguesa faz-se este ano através das galerias de Lisboa (111, EMI-Valentim de Carvalho e Luís Serpa) e as Pedro Oliveira e Nasoni, do Porto.

A 111 readopta a estratégia que tem vindo a defender desde há três anos, e que consiste em apresentar um só artista, reservando as eventuais vendas apenas às instituições, e nunca a particulares.

Estratégia iniciada com Júlio Pomar, que este ano volta a estar presente com sete trabalhos da série os índios de Xingú, a 111 vendeu o ano passado na ARCO uma significativa percentagem da obra de Paula Régio.

Por seu lado, a galeria Pedro Oliveira, anunciando que a exposição que o escultor António Campos Rosado fará já em Abril nas

suas instalações do Porto, trouxe à ARCO 90, em Madrid, as instalações Isocefalia e Isomatria, que amanhã abordaremos mais em pormenor.

Repartida por três enormes pavilhões, a ARCO absorve violentamente o público pela simultaneidade de acontecimentos; da noite a que enviamos este despacho, 10 da noite ainda estão a decorrer uma mesa redonda (Gestão de instituições culturais: a experiência americana) e os IV Encontros Internacionais de Arte Contemporânea.

Dispensando particular atenção ao problema da SIDA, que em Espanha, nomeadamente em Madrid, assume valores pánicos, a direcção da ARCO promove conferências sobre a doença e suas repercussões no início da década de 90.

Jorge Fallorca



FEIRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA
MADRID

Com o apoio



Somos especializados em livros estrangeiros

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Com 20 milhões de francos de resultados no ano passado e um currículo editorial que é todo um património, a Gallimard é um orgulho cultural da França. Hoje, porém, as coisas estão em risco de mudar. A filha mais velha do fundador pôs à venda as suas acções. O equilíbrio financeiro da empresa familiar ameaça desfazer-se... e os americanos espreitam

Gallimard: uma questão de família

Na Gallimard reacende-se a luta familiar. E de uma forma bastante inesperada, visto que desta vez é Françoise Gallimard, a mais velha dos quatro filhos, quem toma a ofensiva, ao encarregar o banco de investimentos nova-iorquino Henry Ansbacher de pôr em venda os seus 12,5%.

Na disputa dos «herdeiros Gallimard» pelo controlo da mais prestigiada casa editora francesa, fundada em 1911 por Gaston Gallimard, só se falava até aqui na luta entre o filho mais velho, Christian Gallimard - afastado da empresa por seu pai, Claude, em 1983 - e o seu irmão mais novo, Antoine, PDG desde 1988 e principal accionista com 33% do capital. As duas irmãs, Françoise e Isabelle, a mais nova, eram consideradas como bases de apoio, tendo que decidir dar o seu apoio a um ou a outro dos irmãos.

Confessando-se «cansada desta situação e destes estereótipos», Françoise Gallimard fez questão de afirmar a sua presença autónoma nesta batalha. Sendo a mais velha da irmandade, teria sido a legítima pretendente à sucessão de seu pai, se, como ela própria afirma, «fosse um homem» e se a «lei sálica», que outrora se aplicava ao reino, não continuasse em vigor na prática social. Ao confiar a defesa dos seus interesses a americanos (o seu primeiro marido era americano e ela manteve muitas relações nos Estados Unidos), Françoise Gallimard não ignora que «internacionaliza» o conflito familiar.

Ela não ignora também que provoca a cobiça que não pode deixar de existir à volta da Gallimard, «Esta jóia da edição francesa, editora de, entre outros, Jean-Paul Sartre,

Albert Camus e Marcel Proust», como a apelidou o «New York Times» ao publicar a primeira notícia na sua edição de sexta-feira, 26 de Janeiro. O relevo dado a esta notícia num país que tem a reputação de não se interessar muito pelo que se passa no estrangeiro, é mais um sinal do interesse suscitado, fora de França, por este símbolo do património cultural francês.

Estagnação do problema familiar

Françoise Gallimard declarou-nos que «não conhecia este significado cultural, muito pelo contrário, mas que a sua decisão era, antes do mais, resultado de uma «saturação perante a estagnação do problema familiar: Há dois anos que os nossos advogados andam a negociar sem qualquer resultado. Cheguei recentemente à conclusão que os meus dois irmãos jamais se poderiam entender o que era necessário que eu, como mais velha, tomasse a iniciativa e rompesse este círculo infernal da família». «Por outro lado», acrescenta Françoise Gallimard, «quis que as minhas acções fossem avaliadas pelo seu justo valor. E se me dirigi a um homem de negócios estrangeiros é porque pensei que ele fosse mais objectivo. Após um estudo que durou vários meses, ele chegou à conclusão que o valor de cada acção Gallimard se situava à volta dos 22 000 francos».

Esta avaliação elevaria o valor do grupo Gallimard (79 000 acções repartidas por oito accionistas) (1) a 1,8 biliões de francos. O próprio Christian Gallimard, que, no Verão passado, afirmava, em entrevista ao «Nouvel Obser-



Albert Camus e Jean-Paul Sartre, dois dos grandes autores editados pela Gallimard

vateur», que o irmão subvalorizava gravemente a empresa, calculava que o seu valor não excedia 800 milhões de francos.

«Existem várias soluções para a nova situação criada pela minha decisão de vender», considera Françoise Gallimard. «Ou os meus irmãos se põem de acordo, ou um dos dois reforça a sua posição comprando as minhas acções, ou então... tudo pode acontecer.» Todavia este «tudo pode acontecer» é

limitado pela estrutura das edições Gallimard, uma sociedade anónima de tipo fechado.

Numa sociedade deste tipo, qualquer accionista que queira vender as suas acções tem de dar prioridade aos outros accionistas e qualquer novo accionista tem de ser aprovado pelo conselho de administração; se, além disso, o conselho de administração considera que o preço proposto para a venda é demasiado elevado, pode designar um perito que se encarregue do «exame do justo preço».

Além disso, para conseguir o controlo da Gallimard seria preciso que o potencial comprador dos 12,5% de Françoise Gallimard garantisse também a compra das participações de Christian Gallimard (11,75%), de Isabelle Gallimard (12,5%) e da principal accionista não pertencente à família, Muriel Toso (15%).

Até este momento, Muriel Toso não fez qualquer declaração. Isabelle Gallimard contenta-se em esclarecer que «não tem qualquer intenção de vender».

Quanto a Christian Gallimard, «recusa fazer qualquer comentário sobre este assunto».

O PDG da empresa, Antoine Gallimard, diz que tem de responder «simultaneamente pelo futuro da empresa e pelos aspectos culturais que ela simboliza». «Fui

nomeado, de acordo com as normas, pelo conselho de administração», disse-nos. «Afirmo que lidero uma maioria: os meus 33% aos quais se juntam os accionistas não pertencentes à família. Quando o meu irmão saiu, em 1983, o meu pai quis dar-me os meios que garantissem a direcção da empresa e constituir à minha volta uma maioria. Não se tratava, evidentemente, de espoliar a família fosse de que maneira fosse, mas de garantir a coerência e a independência da empresa.»

«No meu espírito, vender a sociedade Gallimard está fora de questão», acrescenta. «Sou o garante deste património, que pertence à cultura francesa, o que, a meu ver, exclui hipótese de qualquer participação estrangeira nesta casa. Além do mais, do meu ponto de vista, o morgadio não confere automaticamente a qualidade para dirigir a empresa.»

É preciso dar provas

«Não basta o simples facto de ser um dos herdeiros. É preciso dar provas. Eu acho que as dei. Pode ajuizar-se pelos resultados financeiros da casa nos últimos anos. No último exercício - que encerrou em Fevereiro de 1989 - a nossa facturação foi de um bilião de francos e os nossos resultados atingem 20 milhões de francos. Por outro lado, a empresa reencontrou

o seu dinamismo intelectual com o recrutamento de novos colaboradores, a vinda de novos autores e directores de colecção, como aconteceu recentemente com Danièle Sallenave, o retomar de actividades por parte da comissão de leitura e a chegada, que já posso anunciar, de um novo editor, Severo Sarduy, que deixa as Edições du Seuil para se juntar à equipa da Gallimard.»

«Acho que uma casa editora não se recupera como uma fábrica de recuperação de metais. O seu bom andamento está ligado à confiança que existe entre os autores, o pessoal e o editor. E esta confiança, eu tenho-a.»

Ainda não se sabe se ao vigor contido nas declarações de Antoine Gallimard irá seguir-se a compra, por ele próprio das acções da irmã, o que iria exigir uma aliança com parceiros financeiros. O que se sabe é que pelo menos, responde a um dos desejos formulados por Françoise Gallimard ao explicar o seu golpe de teatro: que os seus irmãos «cheguem a acordo».

Josyane Savigneau
Serviço exclusivo
«Le Monde»/«DL»
Tradução de Maria
Otília Moreira

(1) Claude Gallimard, Antoine Gallimard, Christian Gallimard, Robert Gallimard, Françoise Gallimard, Isabelle Gallimard, Muriel Toso e Monique Hoffet.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
ENCENAÇÃO GEMIAL DE JOÃO MOTA... UM GRANDE MOMENTO DESTA FESTIVAL...
UMA PAIXÃO! - P.B. - «LE QUOTIDIEN» - FRANÇA - NOV. 89

NOVOS HORÁRIOS DE ENCENAÇÃO: 19h30 e 21h30 - 1ª e 2ª SÉRIAS - 19h30 e 21h30

ESPECTÁCULO DE QUALIDADE - D.G.E./D.A.
TEXTO: NATÁLIA CORREIA
ENCENAÇÃO: JOÃO MOTA
MÚSICA: JOSE MARIO BRANCO

A PECORA
«AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MELÂNIA»

APOIOS: PUBLICAÇÕES B. DIXEIRE - TRAC - CAMELEIRO CITY - RÁDIO COMERCIAL - ANTENA 9
DIÁRIO DE NOTÍCIAS

PRACA DE ESPANHA - MARCENIS TEL. 726 08 16
Subsídios: Secretaria do Estado da Cultura e Fundação L. A. Gomes Cardozo

NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO * UM NOVO EXITO *

FESTIVAL DA OTITE!

SABADOS AS 24h * APOIO SAMSUNG

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Dança Grupo estreia esta noite mais uma Mostra de Dança Portuguesa Contemporânea

Alto Contraste

Que se faz pouca dança em Portugal é uma daquelas afirmações que não carece de grandes premissas justificativas, basta apenas consultar os calendários. Que a sua localização geográfica se restringe quase exclusivamente à capital (num país onde o parque teatral é inconsistente e de qualidade nem sempre recomendável) também não é novidade! E que o ensino da dança está longe de se considerar a par do de países com uma «política cultural» pensada e delineada olhando o futuro, e que o número de agrupamentos profissionais de bailado é escasso relativamente à população total do País, também não deixa grandes dúvidas...

Actualmente, «dança de qualidade» apenas acontece com regularidade nos palcos da Fundação Gulbenkian (seja no Grande Auditório como no Centro de Arte Moderna) e, pontualmente, nos Teatros S. Carlos e S. Luiz. De acordo com a presença do público também não será particularmente difícil concluir que a dança académico-clássica - pelo menos a patenteada pela Companhia Nacional de Bailado - vai caminhando cada vez mais para um beco sem saída, ao contrário da dança contemporânea, representada por um alargado leque de grupos, que têm vindo nos últimos anos a atrair um público jovem e despojado, finalmente relacionado com a arte de Terpsicore de um modo mais verdadeiro, fiel e intenso.

Certamente por isso - e porque além de tudo o que atrás se referiu ainda se verifica que uma parte substancial da dança praticada nos nossos palcos é de origem estrangeira e (quantas vezes) também dançada por artistas estrangeiros - uma **Mostra de Dança Portuguesa Contemporânea** não deixa de ser um acontecimento, prometendo encher a sala polivalente do Acarte durante os meses de Fevereiro e Março, começando já hoje, pelas 21 e 30, com uma estreia absoluta do Dança Grupo, «Alto Contraste». Trata-se de mais um ciclo «acarinhado» pela figura ímpar de Madalena Perdigão, para «dar oportunidade a experiências que de outro modo poderiam ficar marginalizadas», vontade que não deixará de ser lembrada cerca de dois meses depois da morte da directora daquele serviço.

Uma vontade social

O Dança Grupo, companhia profissional «não institucionalizada» e fundada em 1979 (integrando originalmente uma meia dúzia de alunos de Elisa Worm), está vocacionada para a dança contemporânea nos seus mais variados aspectos. É possivelmente o único conjunto português que tem vindo a desenvolver um trabalho colectivo, e no qual em tempos Olga Roriz ensaiou algumas das suas experiências coreográficas. Segundo a sua coordenadora artística, Elisa Worm precisamente, insere-se ele no nosso panorama de dança com uma proposta consistente e original: «A sua vontade de criar e descentralizar, num país que deveria ter muito mais vontade de produzir arte.»

«A política cultural deste país tem que passar por uma vontade social, a capacidade que os seus responsáveis tenham de deixar como herança às futuras gerações aquilo que é a vontade colectiva neste momento... É esse conjunto de circunstâncias que fazem a história, o conhecimento e em última análise a cultura», considera a responsável pelo Dança Grupo, afirmando ainda: «Consideramos que uma «política cultural» não tem nada a ver com a organização de espectáculos isolados com o artista A, B ou C, com eles gastando centenas de contos. Nem muito menos com Noites de Fado ou Comemorações dos Descobrimentos, com custos de milhares de contos. Isso é política de fachada, decorada com fogo-de-artifício.»

Actualmente sediado em S. Pedro de Sintra, no edifício da Sociedade União Primeiro de Dezembro, o Dança Grupo desenvolve

uma actividade regular ao longo da temporada, actuando nas principais cidades do País e também no estrangeiro. Apesar disso, o seu trabalho não é tão conhecido quanto devia. «Neste país desorganizado por excelência existe publicidade de tanta coisa que uma estrutura algo carente como a nossa, preocupada sobretudo com o investimento no seu desenvolvimento artístico, não pode canalizar verbas para alimentar uma voz que seja suficientemente forte para competir com as vozes por exemplo da política... O Dança Grupo vive das receitas dos seus espectáculos (geralmente garantidos pelas autarquias locais) e consideramo-nos, por consequência, um grupo com algum sucesso económico», refere Elisa Worm ao «DL».

Lisboa é pequeníssima

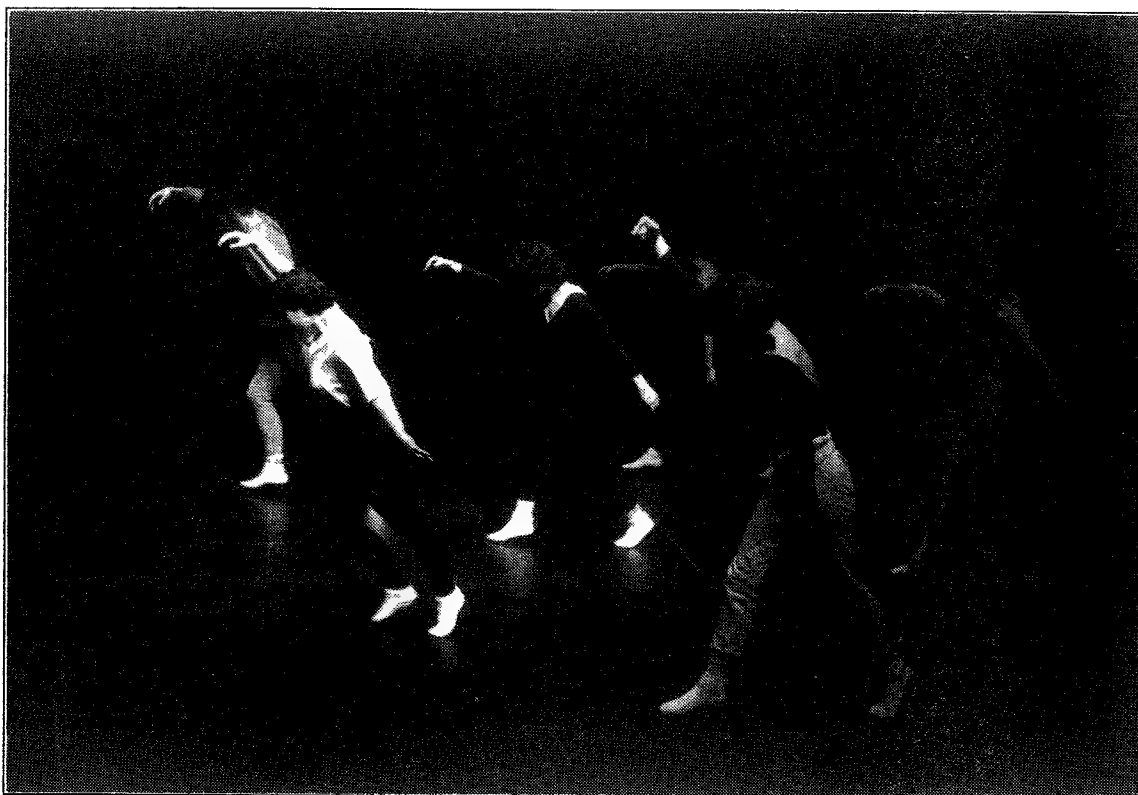
Mas nem sempre a companhia teve apoios oficiais: «A Secretaria de Estado da Cultura julga a nossa produção insuficiente, objecção que refutamos por considerarmos impossível ter feito mais do que até aqui. Presentemente, a edilidade sintense proporcionou-nos um subsídio inicial para obras de recuperação do magnífico edifício que nos serve de ponto de criação artística, para além da assinatura de um protocolo que garante uma base de apoio para os próximos dez anos», ficamos igualmente a saber.

No ano passado o Dança Grupo apresentou-se no Centro de Arte Moderna com a obra «Voos Domésticos», que depois de estreada no S. Luiz levaria à União Soviética, Itália, Jugoslávia, Marrocos e França (aqui designadamente nos Rencontres Internationales d'Istres, onde arrecadou um terceiro prémio coreográfico. A propósito das apresentações públicas do grupo no nosso país, diz-nos Elisa Worm: «Portugal talvez seja grande para passar férias, mas é profissionalmente muito pequeno. Lisboa então é pequeníssima e com a agravante de ter um público do qual apenas uma elite restrita entende - entender no sentido de estar disponível - o bailado, pois na sua grande parte é totalmente gerido por padrões. É um público reprimido e com medo de estar errado, não admitindo consequentemente que os artistas possam correr riscos e talvez falhar...»

De pés nus

A obra com que o Dança Grupo inicia esta Mostra foi integralmente custeada pelo Acarte, «o maior subsídio que jamais tivemos» segundo adiantou ao «DL» a sua directora artística. Luís Carolino, autor da ideia original da coreografia que será dançada logo à noite, informa-nos entretanto que 95% do resultado «não foi exclusivamente seu mas colectivo». Partiu ela de um «pensamento» de Jean Genet, «calo-me e caminho de pés nus», gerando um trabalho em duas partes «cuja imagética - diz - sugere o complexo mundo do indivíduo, tudo se passando à sua volta e registando-se todas as situações a «preto e branco» como motivos fotográficos, de cinema ou de vídeo».

Ainda Luís Carolino: «O movimento sugere uma linguagem gestual própria (aproximando-se por isso de uma vertente mais teatral da dança), projectada numa paisagem povoada por elementos cénicos que funcionam como obstáculos e barreiras limitativas do espaço.» Assim, os bailarinos deverão reproduzir «estados emocionais recortados ininterruptamente por outros estados emocionais, como se de um ritual se tratasse». Isto na primeira parte, porque na segunda transpõe-se todo o material coreográfico para um grupo de «personagens» que se «parecem libertar



não só dos objectos e da ausência de cor mas também de todos os valores individuais». Só que, «condicionados pela sociedade em que se inserem, são gradualmente forçados a outros valores e a caminhar de pés nus». O título da obra é a imagem mais imediata que o espectáculo pode oferecer, e não obstante prometer surpresas, não deixa de ser vagamente irónico.

Colaboram igualmente neste «Alto Contraste» as bailarinas Fátima Niza, Luísa Palha,

Maria João Alves, Suzana Telhada e Clara Niza, o luminotécnico Orlando Worm, o cenógrafo e figurinista Nuno Carinhas e os compositores Nuno Rebelo (dos Mler Ife Dada) e José Peixoto (do Trio Shish). Mais do que o preto e o branco, o indivíduo e o grupo, tomados como extremos, o Dança Grupo propõe uma viagem pela infinidade de «nuances» onde a vida se desenrola e acontece...

António Laginha

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

14 de FEVEREIRO de 1990

CONCERTO na AULA MAGNA

TERESA BERGANZA

Direcção musical:
Max Bragado Darman

CONCERTOS

Bilhetes à venda na
biblioteca do T.N.S.C.
e agências ABEP e ALVALADE.
Também na AULA MAGNA
no próprio dia do Concerto.

Preço máximo: 5.000\$00
Preço mínimo: 1.000\$00

Patrocínio da Fundação de Mercearia Cultural do Teatro Nacional de São Carlos

APOIOS: RTP / Antena 1 / Rádio Comercial / Rádiorádio / O INDEPENDENTE

DESPORTO

«Não queremos mais Franciscos Silvas a dirigir jogos do Benfica»

Há corrupção no futebol (Gaspar Ramos) e existem focos de podridão na Federação Portuguesa de Futebol (João Santos)

Com a presença de João Santos, Gaspar Ramos, Luís Tadeu, Susete Abreu e José Capristano, o Benfica promoveu uma conferência de Imprensa, destinada a alertar as instâncias oficiais e a opinião pública para a necessidade de serem denunciadas, de forma clara e frontal, as situações lamentáveis que vêm ocorrendo, com vista à defesa intransigente da verdade, do prestígio e da dignificação do futebol nacional. Razão próxima da convocatória feita aos jornalistas: a deplorável actuação do árbitro Francisco Silva no encontro do passado domingo no Bonfim, entre o clube da Luz e o Vitória de Setúbal, que terminou com o afastamento do Benfica da Taça motivado por dois erros graves do árbitro algarvio. Ainda que os dirigentes benfiquistas releve o facto dos sadinos terem actuado de forma superior ao quadro liderado por Eriksson, afirmou Gaspar Ramos «nem sequer ganha a equipa que joga melhor e desta vez o Vitória jogou melhor mas apenas venceu porque os seus golos foram fabricados pelo árbitro».

Antes da leitura do comunicado emitido pelos dirigentes benfiquistas, Jorge Castelo mostrou no vídeo diversos lances em que foram evidentes os lapsos de julgamento de Francisco Silva, nomeadamente nos lances que antecederam os golos sadinos.

Sobre o comunicado lido por João Santos, aqui fica a síntese do desabafo de revolta benfiquista:

Perseguição deliberada

Sempre o Benfica tem sabido pautar-se, civilizadamente, pelo assumir de posições de independência, objectividade e não interferência nem pressões nos meandros da arbitragem.

Jamais pretendeu extrair daí benefícios, lutando apenas no campo, lealmente, para o que apresenta, por norma, equipas bem apetrechadas que estejam tão-somente sujeitas às contingências próprias do jogo.

No entanto não deixa de estar atento a reagir quando a persistência de situações de duvidoso sentido e com certa tendência dissipam dúvidas e deixam a nu a existência das manobras que visam desvirtuar a verdade desportiva e lesar uns em favor de outros.

Por sistema, não participa em críticas às arbitragens, nem com elas justifica insucessos desportivos, felizmente raros.

Mas agora trata-se da defesa da dignidade e da justiça.

Sem de modo algum se pretender atingir os méritos do Vitória de Setúbal, não se pode calar a revolta e indignação ocasionadas pela tendenciosa arbitragem feita por Francisco Silva.

Talvez não saciado com o procedimento que já tivera no jogo Porto - Benfica para o campeonato nacional e porventura com incontinência de ser prestável e reconhecido, aquele árbitro assinalou, de modo sistemático, faltas que não eram cometidas pelos jogadores do Benfica e só em delírio seriam figuradas.

Foi no uso desses critérios de sofisma e ardil, que inventou o livre que originou o 1.º golo do nosso adversário e ignorou o fora-de-jogo em que foi marcado o 2.º, bem como uma grande penalidade sobre o nosso jogador Hernâni que, ostensivamente, foi desequilibrado e retardado pelo guarda-redes, dentro da grande área, impedindo que alcançasse a bola que perseguia. Haverá nova lei que exija que o jogador caia ao chão?

Assim foi construído um resultado a que é totalmente alheio o jogar melhor ou pior que o adversário.

Chegou a hora de dizer basta à perseguição deliberada.

Não queremos mais Franciscos Silvas.

Mas tão ou mais graves culpas recaem sobre quem chamou ao seu exclusivo foro, o «encargo» da nomeação de árbitros.

Designar árbitros não é igual a arbitrariedade.

Reclama conhecimento, ex-



Francisco Paraiso

Erros de Francisco Silva mostrados no vídeo

periência e a observância de critérios de total isenção e igualdade de tratamento. Não basta afirmar imagem de imparcialidade e honestidade, sendo necessário proceder de modo a não gerar o risco de empalidecer e se extinguir por completo, como acontecerá a repetirem-se actos desta natureza.

Lourenço Pinto no «fio da navalha»

Face às conhecidas ligações do sr. presidente do CA da FPF, à sua infeliz e extemporânea intervenção pública acusatória do treinador do Vitória de Guimarães, quando do jogo no Porto, e às contestações que o sr. Francisco Silva tem sofrido, sempre pelos mesmos motivos, como no recente desafio entre aquelas equipas, a mais elementar prudência aconselhava a que aquele árbitro não fosse nomeado para um jogo de alto risco.

Manifesta-se um certo desdutor, que nos surpreende e conflagra e que pode obrigar a retirar a confiança que sempre concedemos, por princípio.

Torna-se necessário libertar o sr. presidente do pesado fardo de ter a escolha exclusiva dos árbitros.

Impõem-se por termo a essa situação, assim como à operacionalidade duma Comissão Executiva, que perante o actual número de membros da Comissão Nacional deixou de ter qualquer justificação, sendo premente, para arredar suspeições e criar transparência, devolver ao plenário, como é regra dos órgãos colegiais e onde predominam elementos da própria arbitragem, naturalmente mais conhecedores.

Pretende ainda afirmar que esta atitude não é tomada com a intenção de criar qualquer ambiente que favoreça indevidamente o Benfica na fase decisiva que se aproxima. Só que não pode consentir que outros, que não se pautem pela mesma forma esgripulosa

de estar, procurem interferir, buscando benefícios próprios e prejuízos alheios.

Está nas mãos dos dirigentes, da Comunicação Social e dos adeptos do futebol para, com a serenidade indispensável, proceder à alteração de tão chocantes acontecimentos que só prejudicam o futebol sendo certo que o Benfica não se exime da responsabilidade nem do direito que lhe assiste no desporto português.

«Queremos transparência na nomeação dos árbitros»

Após a leitura do contundente documento, o chefe do executivo benfiquista e Gaspar Ramos não pouparam severas acusações sem se esquivarem a proceder ao anúncio a certos indícios de factos pouco abonatórios para o sector de arbitragem. João Santos foi peremptório ao afirmar que Francisco Silva «escamoteou o resultado do jogo e atentou contra a verdade desportiva. E causa espanto que aquele senhor algarvio tenha sido nomeado em cima da honra substituindo outro colega que há 15 dias estaria escalado para o encontro». Seguidamente foi Lourenço Pinto o alvo: «O Benfica não admite que as nomeações sejam exclusivamente feitas por um só dirigente. E repare: essa foi uma exigência feita por Lourenço Pinto para aceitar a ocupação do cargo. Queremos nomeações feitas com transparência e formalizadas colegialmente e, nesse sentido já enviámos uma exposição ao Conselho de Arbitragem da FPF. Admitindo que aquele órgão federativo não tome decisões rápidas sobre o assunto avançaremos para outras instâncias.»

Muito contundente foi também Gaspar Ramos: «Será uma afronta que não silenciaremos, se houver por parte do Conselho de Arbitragem a desfaçatez de voltar a nomear Francisco Silva para jogos do Benfica. Esse senhor não contará mais com a nossa confiança e quanto ao dr. Lourenço Pinto começamos a não confiar nos

seus métodos. A arbitragem está sendo prejudicada pelas decisões do seu chefe e a instabilidade já está instalada entre a classe. Atentem neste elucidativo pormenor: no último domingo nenhum árbitro de Lisboa foi nomeado para os jogos da Taça.» Outras denúncias foram feitas pelo chefe do departamento futebolístico do SLB.

«Estejam descansados porque a Taça virá para o Norte»
Coube seguidamente a Antó-

nio Manuel Morais lançar mais caruma para a fogueira. «Francisco Silva tem um filho a estudar no Porto às custas de um benemérito nortenho», «Francisco Silva terá almoçado dias antes do jogo, no Restaurante Mané, no Algarve, com o presidente do Vitória de Setúbal», «um dos fiscais de linha de Francisco Silva talvez seja empregado de uma empresa de Fernando Oliveira».

A juntar a estes factos outro. Disse João Santos: «Um dos nossos associados telefonou-nos do Norte dizendo-nos que, no exacto momento em que decorria o jogo do Bonfim, Lourenço Pinto afirmara num camarote do campo do Paredes: estejam descansados que a Taça virá para o Norte.» Gaspar Ramos volta à liça: «Há manobras montadas que tudo faremos para denunciar e derrubar.» Disse ainda: «Chego à conclusão de que, na realidade, existe corrupção no futebol» para João Santos rematar: «...e existem focos de podridão na Federação Portuguesa de Futebol.» Assim vai o futebol português.

Alves Henriques

B R E V E S

Futebol: jogos antecipados

A Federação Portuguesa de Futebol autorizou as seguintes alterações, relativas à próxima jornada dos campeonatos nacionais. 1.ª Divisão: Feirense - Amadora (15 horas); Sporting - Beira Mar (16 horas) e Chaves - Boavista (21.30, com transmissão directa na RTP-2), realizam-se no sábado. Quanto à 2.ª Divisão, apenas o Académica - Lousanense foi antecipado jogando-se no Municipal de Coimbra a partir das 15 horas. 3.ª Divisão: Ovarense - Oliveira do Hospital e Estrela de Portalegre - Mirandense (ambos no sábado, 15 horas). A FPF determinou que seja guardado um minuto de silêncio em todos os encontros oficiais em memória de Zé Beto.

Escândalo nos Barreiros

Agressões e escândalo foram as características que dominaram o encontro entre o Marítimo e os germânicos do Leverkusen que terminou com o triunfo dos alemães por 3-0. O principal protagonista das lamentáveis cenas ocorridas nos Barreiros, foi o treinador Gelsdorf que, através de diversas atitudes de indisciplina, incendiou toda a plateia com rastilho lançado no palco. Na refrega, esteve envolvido o antigo futebolista (do Marítimo e do Benfica) Chino e pela pista rolaram garrafas de vidro. Uma vergonha.

UEFA castiga Dnepr

A UEFA suspendeu os jogadores Cherednik e Tichenko, do Dnepr, parceiro do Benfica na Taça dos Campeões.

Riachense organiza Nacional de pesca

No próximo dia 11, a Barragem do Maranhão vai ser palco do 6.º Concurso Nacional de Pesca, organizado pelo Clube Atlético Riachense que, com apoio da Camping Gaz, vai atribuir prémios superiores a 250 contos pelos pescadores que conseguirem maior captura de carpas, bogas, barbos e outras espécies piscícolas. Há também uma viagem a qualquer ponto da Europa a sortear entre os pescadores que, até ao fim do dia de hoje, se inscreverem pelos telefones 29466 e 29472 (rede de Torres Novas: 049).

Guarda-redes do Tirsense assassinado à facada

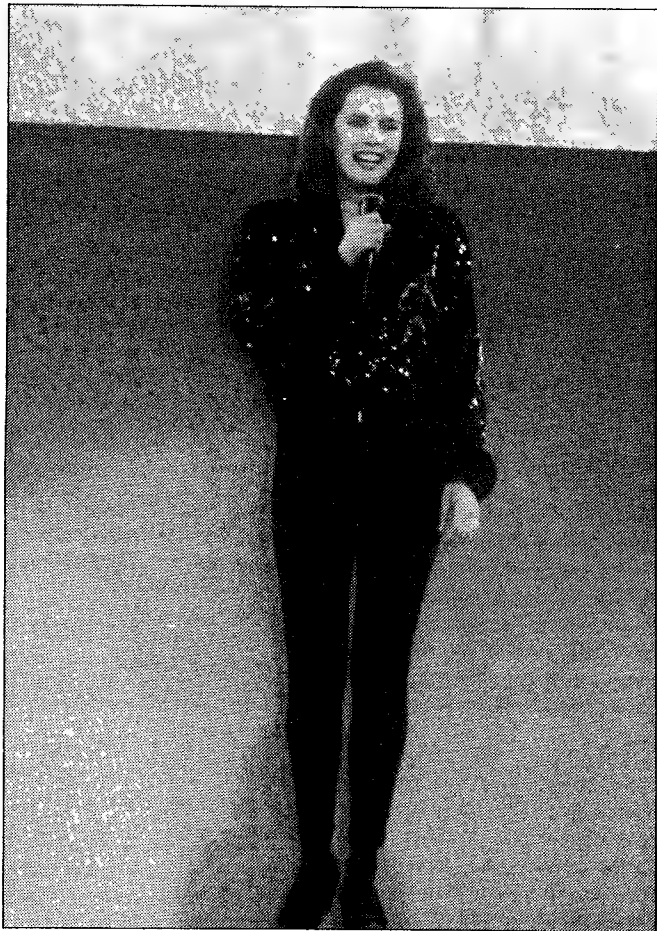
Reis, guarda-redes suplente do Tirsense, foi assassinado à facada na noite de ontem na Póvoa de Varzim. O atleta (de 26 anos), esta época transferido do Varzim para o Tirsense, foi esfaqueado por desconhecidos, quando pretendia evitar o furto do seu automóvel.

Reis tinha-se deslocado ontem à Póvoa de Varzim para visitar o seu amigo e ex-colega José Maria, (também atleta do Tirsense) e sua mulher, em casa de quem passou a noite.

DESPORTO

Agrestemente, na «grande gala do futebol mundial»

Di Stefano: «Sporting? Não me lembro de nada»(2)



Abel Dias

A luxemburguesa Desirée Nosbusch que, em Munique (1985) apresentou o Eurofestival de canções está amanhã em Lisboa, para o «show» da Alfa-Romeo, no Meridien. Em Colónia, esta locutora «free lancer» caprichou em só falar a língua alemã, obrigando 80 por cento da plateia a interrogar-se sobre o que estava a dizer...



Abel Dias

Sandra: uma canção (em «play back») em troca de 2500 contos!

Do nosso enviado especial

Foi um dos dez maiores jogadores de todo o futebol mundial, cobrador de golos sem limite, fabuloso a entrar do meio-campo para as ameias do castelo. Depois, multimilionário, senhor todopoderoso na sua Argentina, tornou-se treinador: e, um belo dia, apareceu em Alvalade. Quando ouve falar nisso, Alfredo Di Stefano fica com pele de galinha:

— Sporting? Não me lembro de nada...

Lá para dentro, deve soltar um palavrãozinho. Depois, notando que está no centro das operações, vai soltando:

— Já me esqueci do Sporting, onde havia um fotógrafo que dava ordens a um directivo que não percebia nada de futebol...

Di Stefano refastela-se na cadeira. Pela frente, continuam a desfilar figuras do «jet set» ou do desporto internacional que a «Adidas» e o «France Football» reuniram em Colónia na deslumbrante «Grande gala do futebol mundial». Beckenbauer e Breitner rodeiam Eusébio. Gullit desabafa com Rinus Michelis. Vata está com três amigos do Zaire, Manuela Paulino e Luís Feits abraçam amigos.

Sepp Maier escuta uma tradutora que lhe vai contando da admiração dos romenos Mateut e Coras pela ciência com que travava os ataques à sua baliza. Di Stefano enrugaa testa:

— Sim: parece-me que o fotógrafo tinha esse nome. Capela ou Igreja, assim uma coisa. Falava de mais. E o directivo, talvez ainda ande por lá...

— Seria o então presidente João Rocha?

Don Alfredo dá um pulo:

— Presidente? Não servia para nada, nem para olhar quem chegava...Adelante: já esqueci tudo isso. O que posso dizer? O Sporting tinha jogadores muito bons e Lisboa é muito bonita. Preciosa...

Actualmente, vejo muito futebol português: em televisão, em vídeo, as selecções, os principais clubes, quando jogam na Europa. Estranho que não esteja classificado para o Mundial, pois tem magníficos atletas.

Cumprimentando a saudade:

— E havia aquela sensacional equipa que, em 1966, brilhou no mundial, em Inglaterra...Hoje, sigo o que fazem o Benfica, o Porto, o Sporting. Em Portugal pratica-se um futebol muito vistoso, de qualidade. É uma pena não ir até Itália, mas o futebol é assim: esperam-se sempre épocas melhores...

Alfredo Di Stefano: nascimento a 4 de Julho de 1926, num bairro de barracas, na capital argentina. Desfilou por diversos emblemas: River Plate, Huracan, Millionários de Bogotá (Colômbia), Real Madrid e Espanhol (Espanha). Internacional pela Argentina e por Espanha. Cinco vezes conquistador da Taça dos Campeões Europeus, campeão intercontinental, oito triunfos no campeonato de Espanha, dois na Argentina, um na Colômbia. Campeão latino e conquistador de duas «Taças» de Espanha. Casado (com Sara) pai de três filhos, seis netos. Prémios e distinções aos montes, desde a «Ordem de Isafel a Católica» até ao ouro que salientou «o melhor futebolista mundial», em 1957.

— E, no entanto, o meu sonho de miúdo era ser en-



Abel Dias

Di Stefano recebe o troféu «challenger» que coube ao Real Madrid



Abel Dias

«La saeta rubia» falando para Portugal: Ribeiro Cristóvão (Rádio Renascença) e o nosso colega Neves de Sousa recolhem as duras palavras do técnico que (celeremente) desfilou por Alvalade

genheiro agrônomo...

Di Stefano recupera imediatamente de um passo à rectaguarda

— Futre? É conhecido em todo o Mundo. Um excelente jogador. Se o gostava de ver no Real Madrid? Isso é uma questão que deve apresentar ao presidente do clube. Futre tem grandes condições para jogar em qualquer equipa.

Portugal também tem rapazes com bom futuro: belos jogadores, que vi na Arábia Saudita, na Escócia e na Dinamarca. Não, não me pergunto nomes: fixe o colectivo, não vi ninguém sobressair por aí fora. João Pinto? Quem? Nunca reparei nele...

Está um pouco surdo, o Di Stefano/1990. Quase é preciso gritar-lhe ao ouvido. Mas vai respondendo, com saída airosa:

— Nunca andei longe do futebol: estou em todo o lado, não apenas como «manager» do Real mas (sobretudo) porque a minha missão é ver futebol. Palpite para o Mundial de Itália? Todos os países que se qualificaram têm possibilidades de ganhar.

Categórico:

— Não há qualquer diferença entre o futebol do meu tempo e o actual: é igual. Os bons de qualquer época são sempre iguais: são sempre bons.

Sabe qual é o fascínio do futebol?

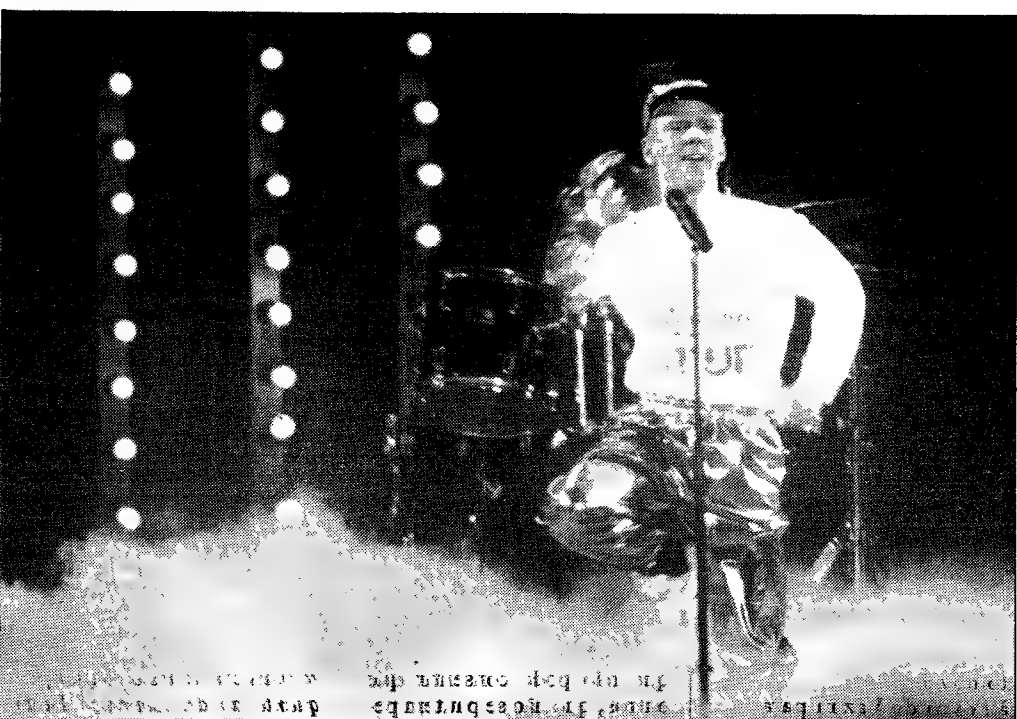
Porque é um jogo contranatura. O menino pega em tudo com a mão: na teta, na chupeta, no biberão, no brinquedo. E o futebol joga-se com os pés. Poucos o conseguem fazer: é muito difícil e bonito. Está explicado porque milhões de pessoas vão todas as semanas delirar com o futebol!

Conclui:

— Em Espanha está a jogar-se muito bem. A selecção tem uma óptima campanha e fará coisas bonitas em Itália. Há executantes com muita classe, muita qualidade. Mas o Real Madrid é o melhor. O Atlético, o Barcelona, todos os outros clubes, andam sempre atrás do Real!

Neves de Sousa

Amador Baltazar: há cinco anos estive no Benfica!



Jimmy Sommerville: «gay's king» entre fumos

DESPORTO



O presidente do LGC (Fernando Caldeira) mostra a Rego Mendes o barracão que irá dar lugar a um polidesportivo.

Vereador Rego Mendes visitou o Lisboa Ginásio Clube

O vereador do Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Lisboa, (Rego Mendes), confirmando as intenções que oportunamente revelou ao «DL», iniciou uma longa maratona com paragem nas 53 freguesias da capital, inteirando-se da realidade desportiva da cidade, através das informações recolhidas nas autarquias locais e da visita às coletividades vocacionadas para desenvolver a prática do desporto. Rego Mendes já andou por Marvila e outros bairros da zona oriental e, na passada terça-feira, foi a vez de fazer a «avaliação» do que se passa na zona dos Anjos, reunindo-se com o presidente (Silva Dias) e outros membros da Junta, para, seguidamente, visitar a mais «nobre» das coletividades locais, o velho Lisboa Ginásio Clube, sendo recebido por Fernando Caldeira (presidente do executi-

vo) e por outros dirigentes. Depois de visitar as modernas instalações do LGC, escutou o leque de preocupações dos dirigentes que se ficam na ampliação do espaço que permita melhores condições para a prática desportiva, sendo de destacar a intenção de demolir o velho barracão dando lugar a um novo polidesportivo.

No âmbito dos projetos e da actividade, os dirigentes do LGC informaram Rego Mendes ser intenção do clube impulsar o desenvolvimento da ginástica, voleibol, basquetebol e andebol. O projecto do futuro polidesportivo (segundo assegurou Rego Mendes) irá ser cuidadosamente analisado pelos competentes serviços da Câmara e ficou a promessa de que o protocolo será negociado.

Rego Mendes visitou ainda a Junta de Freguesia dos Mártires.

Até dispor de um projecto aprovado

Autodril mantém decisão de encerrar o Autódromo

A administração da Autodril reconheceu que a recente decisão de encerrar o Autódromo do Estoril aos pilotos portugueses é uma «forma de pressão» para ser aprovado o seu projecto turístico para a zona. «É uma forma de pressão legítima, pois só nos regimes democráticos se pode fazer pressão» — disse em conferência de Imprensa, João Pereira, administrador da empresa proprietária do Autódromo do Estoril.

A Autodril decidiu recentemente encerrar o Autódromo do Estoril às corridas do Campeonato Nacional de Velocidade e dos troféus monomarcas, depois de ter visto serem reprovados diversos projectos turísticos para «rentabilizar» o circuito.

O Automóvel Club de Portugal (ACP) anunciou, entretanto, na semana passada que abdicara das instalações do Autódromo do Estoril para realizar a primeira «super-especial» do Rali de Portugal e ameaçou cancelar o Grande Prémio de Fórmula Um, caso a questão não se resolva até ao início do Mundial, em 11 de Março. Ao mesmo tempo, o Tribunal de Cascais deverá decidir nos próximos dias uma acção interposta pela Autodril contra a Câmara Municipal de Cascais, pedindo a anulação do protocolo que viabiliza a realização do Rali de Portugal e do Grande Prémio de Fórmula Um, no autódromo, assinado pelas duas entidades em 1984.

«Ainda não chegou uma 'perestroika' ao automobilismo» — afirmou João Paulo Teotónio Pereira, para quem é possível que «os pilotos nacionais tenham medo de lhes acontecer o mesmo que sucedeu a Ayrton Senna se abriu o 'bico'».



César Torres: apoio incondicional

Para os responsáveis da Autodril, a solução para a questão do Autódromo do Estoril apenas poderá passar por duas vias: a aprovação do actual ou de qualquer outro projecto turístico para a zona, ou a negociação com o Estado português.

João Paulo Teotónio Pereira revelou, no entanto, que está a reflectir sobre a hipótese de vir a fechar as portas do Autódromo às marcas e escuderias internacionais, para a realização de apresentações comerciais e testes desportivos. O administrador da Autodril referiu que o Autódromo ainda é palco destes eventos «porque havia compromissos assumidos até Junho ou Julho», além de a sua conservação ser mais fácil se a pista for utilizada.

«Os autódromos são como os barcos: parados deterioram-se muito mais depressa» — sublinhou, acrescentando: «Se em Junho fechar o Autódromo aos testes e às apresentações, ele estará deteriorado dentro de um ano e meio».

Após considerar que na zona de paisagem protegida, onde se situa o Autódromo, foram construídos «verdadeiros abortos», o administrador da

Autodril, Abel Pinheiro, sublinhou: «O Estado é a única figura com competência legal para negociar connosco».

A administração da Autodril defendeu que o Autódromo do Estoril necessita de ser rentabilizado, pois os prejuízos acumulados por si gerados já atingiram os 291 mil contos.

Depois de lembrarem que o proprietário do autódromo francês de Paul Ricard resolveu fechar o seu circuito, os administradores da Autodril revelaram ter o governo francês adquirido outra pista e gasto nela o equivalente a 4,5 milhões de contos, «pois consideraram que a França não se pode dar ao luxo de perder a Fórmula Um».

«Não podemos suportar mais prejuízos e estes não se medem apenas pelo que se perde, mas também por aquilo que se deixa de ganhar» — disse Abel Pinheiro, acrescentando que a Autodril pretende «rentabilizar o investimento feito no Autódromo».

Direcção do ACP solidária com César Torres

A direcção do Automóvel Clube de Portugal deliberou por unanimidade, «exprimir

publicamente a sua inteira concordância com a actuação do seu presidente» e considerou que César Torres tem-se «empenhado profundamente na salvaguarda dos interesses públicos relacionados com a prática do desporto automóvel».

A decisão foi comunicada por carta à administração da Autodril, proprietária do circuito, onde a direcção do ACP também reafirmou «a sua preocupação pelos reflexos, da atitude volúvel e caprichosa dos representantes» desta empresa. «Ao ACP não interessa prejudicar ou preterir direitos de terceiros, mas sobretudo, atenta a sua índole, preservar a plena utilidade de um parque desportivo, cuja finalidade não se compadece com visões acanhadas de interesses de ocasião» — refere o documento.

Segundo os dirigentes do ACP, «uma coisa é o autódromo, outra é o complexo turístico ou urbano ou turístico-urbanístico que a empresa pretende ver aprovado».

A direcção do ACP adiantou ainda que a Lei de Bases do Sistema Desportivo «é um diploma aprovado pela Assembleia da República, sem votos contrários de qualquer partido, e não um produto de congeminações de bastidores».

Roberto Carneiro vai intervir

Segundo informações prestadas por Manuel Janes, assessor do ministro da Educação, Roberto Carneiro «está preocupado com o conflito entre a Autodril e o Automóvel Clube de Portugal que poderá originar o cancelamento do próximo Grande Prémio de Portugal de Fórmula Um» e por isso irá tentar mediar o «caso», mas apenas na componente desportiva por não pretender intervir no conflito em si mesmo, por não ser esfera da competência do seu Ministério.

B R E V E S

RECORDE : a soviética Lyudmila Narohileko, estabeleceu novo recorde mundial de 60 metros barreiras em recinto coberto, no decurso dos campeonatos de atletismo da União Soviética, disputados em Chelyabinsk, percorrendo a distância no tempo de 7,71 segundos. O anterior máximo (7,73) pertencia à alemã (RDA) Kornelia Oschkenat.

assim vai o

totobola

Penalti: 112 121 XX2 1112; O Algarve: 111 1XX X12 XX12; O Jornal de Amarante: 111 1X1 112 1112; Jornal da Beira: 11X 1X1 X12 2112; Cardeal Saraiva: X11 121 X11 X112; O Comércio de Leixões: 112 X2X 212 XX1X; De Tudo Um Pouco: 11X 1X1 X12 X1X2; Correio de Coimbra: 112 1XX 212 1X22; Correio do Vouga: 11X 1XX 212 1X1X; A Defesa: 11X XXX X11 1X11; Defesa de Espinho: 111 1XX 112 X212; O Diário: 111 1XX X12 1112; Diário de Lisboa: 111 XX1 X12 1112; Diário de Viseu: 111 1XX 212 2122; Rádio Nova Antena: 11X 112 X12 XX12; Folha de Domingo: 11X 121 X12 1X22; Ecos de Cacia: 11X 1X1 212 X112; O Jornal de Felgueiras: 11X, 1XX X12

111X; Jornal do Fundão: 11X 111 X1X 11X1; Jornal de Gaia: 11X 11X 1XX 11XX; Gazeta das Caldas: 11X 1X1 112 111X; Rádio Guarda: 111 111 112 1X2X; Jornal da Graça: 11X 121 212 2X1X; Rádio Totobola: 11X XXX 1X2 111X; Linhas de Elvas: 111 111 X1X 11X2; Litoral: 1XX 12X 212 21X2; O Jornal da Lixa: 11X 1X1 X12 111X; Maria da Fonte: 11X 1X1 X12 21X2; No Estúdio e no Estádio: 11X 1XX 21X 1212; Notícias de Chaves: 111 1XX 2X1 X221; Notícias de Felgueiras: 11X 1XX X12 111X; Notícias de Gouveia: 21X 22X 211 1112; Notícias de Viseu: 11X 121 X12 2122; Quadrante Norte: 11X 12X X12 1112; Semanário da Região Baixradina: 11X 1XX X12 1XX2; Bom Dia:

112 121 X11 XX12; Resenha Desportiva: 111 1X1 X12 1X12; RR/Desporto: 111 111 X12 X1XX; Bola Branca: 11X 111 11X 111X; Frente Desportiva: X11 1XX X12 1112; A Voz do Domingo: 11X 12X XX2 XX1X; Voz de Lamego: 111 1X1 X12 1X12; A Voz dos Ridículos: 111 111 X12 X112; Desporto/Rádio Guarda: 111 11X 2X2 2121; Contacto/Rádio Guarda: 111 11X X1X 1X12; Meia Tarde: 111 111 2X1 112X; Encontro Com a Manhã: 111 11X 11X X2X1; Covidámos Para Lançar: 111 11X 1X2 2X1X; Sons da Madrugada: 11X 121 11X 1111; Tarde Desportiva: 122 X11 XX1 2112; Livre e Directo: X11 12X X12 1112; Rádio Viriato: 112 11X 212 1112; Um Caso Por Semana: X1X

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 6/90 DE 11 DE FEVEREIRO

	R E S U M O			B O L A S (º)		
	1	X	2	1	X	2
1. Benfica - Guimarães	60	7	1	10	1	1
2. Sporting - Beira Mar	67	1	0	11	1	1
3. Chaves - Boavista	26	35	7	5	6	1
4. Tirsense - U. Madeira	57	8	3	10	1	1
5. Feirense - E. Amadora	20	30	18	4	5	3
6. Braga - Belenenses	35	30	3	6	5	1
7. Marítimo - Setúbal	15	36	17	3	6	3
8. Portimon. - Nacional	57	11	0	10	2	1
9. Joane - Famalicão	8	15	45	1	3	8
10. Guarda - U. Leiria	28	29	11	5	5	2
11. Salgueiros - Espinho	41	20	7	7	4	1
12. Covilhã - Águeda	44	14	10	8	2	2
13. Juventude - Farense	8	21	39	1	4	7

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
11X 1X1 X12 X112

12X 21X XX12; Foi Notícia: 11X 1X1 1XX X21X; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 11X 22X X1X 2121; Cultura e Recreio: 111 X22 X1X 1112; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 111 2X1 2X1 X21X; Tempo e Resultados: 11X

1X1 212 1X12; Rádio Comercial/Secção Desportiva: 111 111 112 X112; Tempo de Desporto: X1X 121 X12 1112; Informação Desportiva: 11X 111 X12 1X12; Notícias de Évora: 11X 1X1 X12 11XX; Jor-

nal de Sintra: X1X X21 112 XX12; Jornal de Notícias: 111 1XX X1X X122; Alvo Suplemento: 11X 111 112 X2XX; Alvo Suplemento: 111 1XX 11X 1XX2; Rádio Alvo: X1X X11 X12 X111; Alvo: 112 112 21X 21XX.

I Série N.º 33
Dia 8 de Fevereiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério da Defesa Nacional

Decreto-Lei n.º 42/90:

Modifica o processo de nomeação dos vogais do conselho fiscal da Cruz Vermelha Portuguesa. Altera o Decreto-Lei n.º 36 612, de 24 de Novembro de 1947.

Decreto Regulamentar n.º 4/90:

Prorroga o prazo de vigência das medidas preventivas fixado pelo Decreto Regulamentar n.º 50/87, de 31 de Julho.

Portaria n.º 94/90:

Aprova o Regulamento de Amparos.

Ministérios dos Negócios Estrangeiros

Avisos:

Torna público que o Governo da Bulgária depositou junto do Secretário-Geral das Nações Unidas o instrumento de adesão à Convenção de Viena sobre Relações Consulares.

Torna público ter o Governo da Hungria, em 13 de Setembro de 1989, declarado reconhecer a competência do Comité contra a Tortura, nos termos dos artigos 21 e 22 da Convenção contra a Tortura e Outras Penas ou Tratamentos Cruéis, Desumanos ou Degradantes.

Torna público terem os Governos da Suazilândia, Nepal, Zimbábue e Moçambique depositado os instrumentos de adesão, junto do Governo dos Estados Unidos da América, ao Acordo Intergovernamental Relativo à Organização Internacional de Telecomunicações (INTELSAT) e ao Acordo de Exploração, concluídos em Washington a 20 de Agosto de 1971.

Torna público ter o Governo das Ilhas Marshall depositado junto do Governo dos Estados Unidos da América o instrumento de adesão à Convenção para a Repressão da Captura Ilícita de Aeronaves, assinada na Haia a 16 de Dezembro de 1970.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 43/90:

Altera o Decreto-Lei n.º 274-A/88, de 3 de Agosto (regulamenta a Lei da Caça), e aprova a lista de espécies animais que constituem fauna cinegética.

Decreto-Lei n.º 44/90:

Racionaliza os recursos humanos afectados aos quadros dos organismos de coordenação económica extintos pelo Decreto-Lei n.º 15/87, de 9 de Janeiro.

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 45/90:

Estende a aplicação do Decreto-Lei n.º 223/87, de 30 de Maio, ao pessoal não docente dos centros integrados de formação de professores e escolas superiores de educação que já havia beneficiado das suas disposições.

Ministério do Comércio e Turismo

Decreto-Lei n.º 46/90:

Estabelece o regime das receitas provenientes da aplicação de coimas afectadas à Direcção-Geral de Inspecção Económica como receitas próprias.

AGENDA

H O J E
CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro: Céu geralmente muito nublado. Vento em geral fraco e períodos de chuva fraca durante a madrugada e manhã. Mar encrespado com ondulação Oeste de 4 metros.

Regiões do Sul: Céu geralmente pouco nublado e neblina matinal. Mar encrespado com ondulação Oeste de 3 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação Sudoeste de 1 metro na Costa Sul.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco.

No Funchal, céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

Na Costa Norte, mar de pequena vaga, tornando-se cavado com ondulação Noroeste de 2 metros.

Na Costa Sul, mar encrespado com ondulação inferior a 1 metro.

Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento moderado de Nordeste. Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento fraco ou moderado de Nordeste.

AÇORES

Grupo Ocidental: Céu muito nublado. Vento moderado de Oeste. Períodos de chuva. Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.

Grupos Central e Oriental: Céu geralmente muito nublado e vento fraco ou moderado do quadrante Oeste. Períodos de chuva fraca a partir da tarde. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.

Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento moderado de Noroeste. Aguaceiros.

Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Nordeste. Aguaceiros pouco frequentes.

Amanhã

No Continente:

Céu muito nublado nas regiões do Norte e geralmente pouco nublado nas regiões do Centro e Sul. Vento fraco e possibilidade de períodos de chuva fraca nas regiões do Norte.

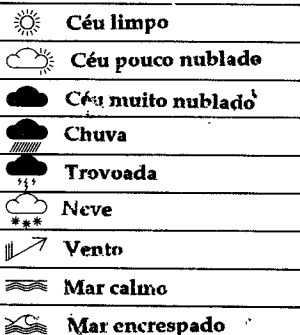
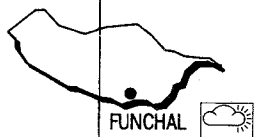
Depois

No continente:

Céu muito nublado nas regiões do Norte e pouco nublado nas regiões do Sul. Vento fraco soprando moderado do quadrante Oeste nas regiões do Norte, onde ocorrerão períodos de chuva fraca durante a madrugada e manhã.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



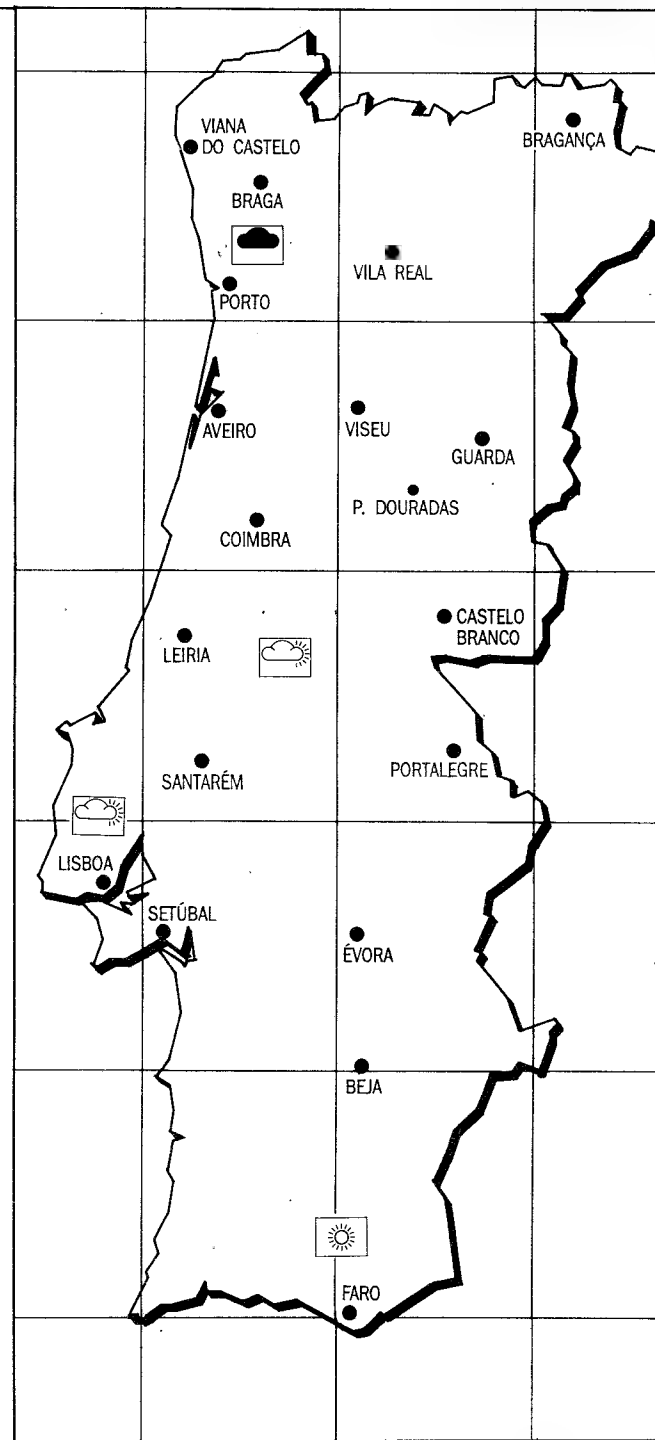
M A R É S

Hoje

PRAIA-MAR	BAIXA-MAR
02.02 3,7m	07.59 0,8m
14.30 3,5m	20.05 0,9m

Amanhã

02.46 3,9m	08.39 0,7m
15.11 3,6m	20.43 0,7m



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança.....	8	9	Chuvisco
V. Castelo.....	14	15	Chuva
Vila Real.....	10	11	Aguaceiros
Porto.....	14	14	Chuvisco
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	13	13	Chuvisco
C. Carvoeiro.....	15	15	Encoberto
C. Branco.....	9	10	Neblina
Portalegre.....	10	10	Nevoeiro
Lisboa.....	13	13	Neblina
Évora.....	11	11	Neblina
Beja.....	10	11	P. nub.
Sines.....	13	13	P. nub.
Faro.....	9	9	Limpo
Sagres.....	10	11	P. nub.
P. Delgada.....	12	12	Chuvisco
Horta.....	12	12	Chuva
Funchal.....	13	13	P. nub.

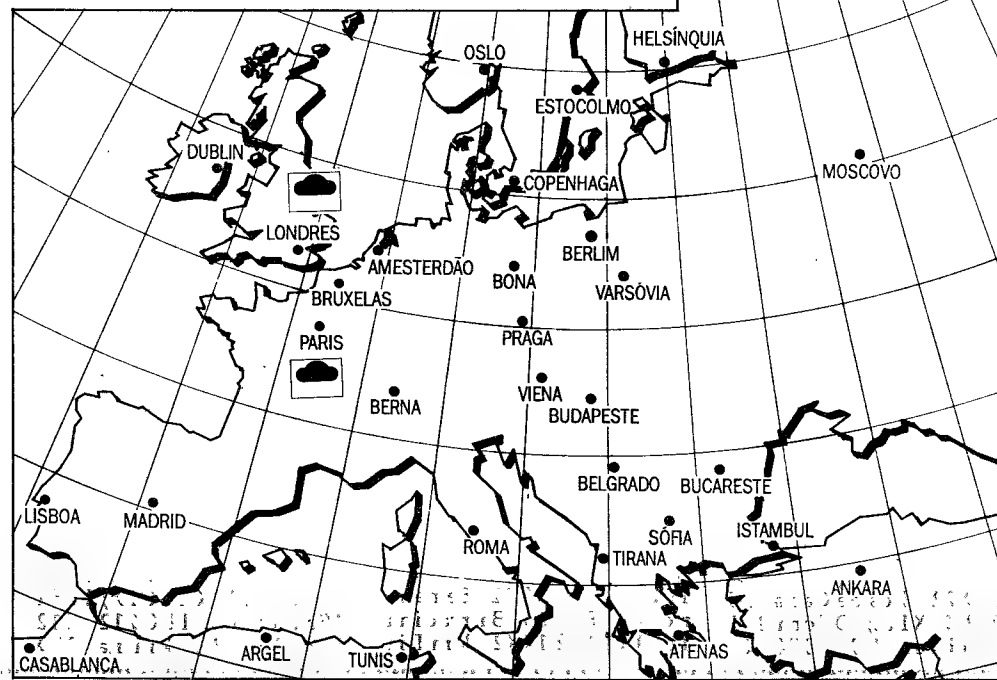
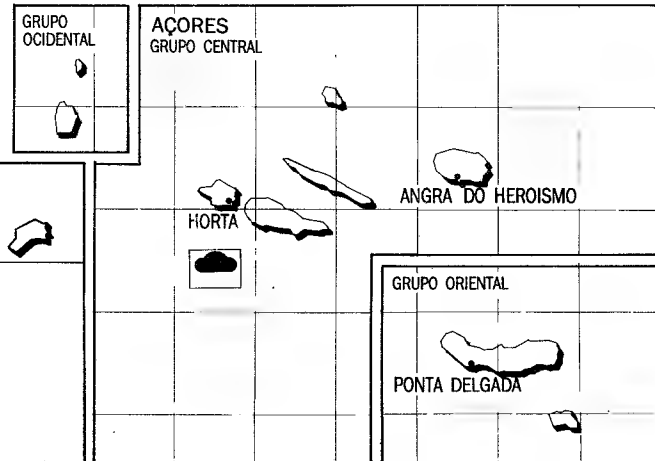
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 18; Porto, 16; Faro, 18; P. Delgada, 17; Funchal, 21.

E U R O P A

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Madrid.....	4	4	Nevoeiro
Londres.....	8	8	M. nub.
Paris.....	11	12	Chuva
Bruxelas.....	12	14	Chuva
Amsterdão.....	11	12	P. nub.
Ginebra.....	6	10	P. nub.
Roma.....	1	2	Nevoeiro
Oslo.....	1	2	M. nub.
Copenhaga.....	7	11	Chuva
Estocolmo.....	5	5	Chuva
Berlim.....	11	13	Encoberto
Viena.....	-2	-1	Neblina
Varsóvia.....	4	6	M. nub.
Atenas.....	7	8	M. nub.
Moscovo.....	0	1	Neblina

M U N D O

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Chicago.....	-1	7	P. nub.
Houston.....	3	14	P. nub.
Los Angeles.....	6	16	Aguaceiros
Montreal.....	-7	3	P. nub.
Nova Iorque.....	2	9	Aguaceiros
S. Francisco.....	4	13	P. nub.
Toronto.....	-3	5	Limpo
Vancouver.....	1	6	P. nub.
Washington.....	3	14	P. nub.
Hong Kong.....	8	16	P. nub.
Melbourne.....	14	22	Limpo
Pequim.....	-7	1	Limpo
Perth.....	14	31	P. nub.
Singapura.....	24	32	Trovoada
Sydney.....	16	22	Chuva
Tóquio.....	0	4	P. nub.
Wellington.....	10	18	P. nub.



O PCP e a nova situação na África Austral

Últimos acontecimentos na África do Sul

HOTEL PENTA

Hora: 20.30 — data 9/2/90
com: Domingos Lopes
José Goulão

Dorl do PCP



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Apeadeiro do Areeiro: Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 890331; **Campo de Ourique:** Castro Fonseca, Rua 4 Infância, 28-A, Tel. 688857; **Campo Pequeno - Av. Roma:** Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A, Tel. 774920; **Carnide:** Guimarães, Rua Neves Costa, 33-35, Tel. 7140081; **Encosta Restelo - Moinhos:** Tanara, Rua Rodrigo Reinell, 3-A, Tel. 611814; **Igreja de Arroios - Chile:** Oriental de Lisboa, Rua Alves Torgo, 2-B, Tel. 545079; **Lumiar:** Central Lumiar, Alameda das Linhas de Torres, 254-B, Tel. 7588063; **Pampilha - Janelas Verdes:** Nazário Pinto, Rua Presidente Nazário, 39, Tel. 667460; **São Sebastião:** Sá Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42; **Sapadores:** Branquinho, Rua dos Sapadores, 87-89, Tel. 8142725; **Sé:** Santa Luzia, Rua Saudade, 2-B, Tel. 869831; **Tivoli - Restauradores:** Galénica, Rua das Pretas, 12-14, Tel. 322588; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Império, Rua 1.ª de Maio, 48-A, Tel. 2513234; **Odiveiras:** Gonçalves, Rua Dr. Egas Moniz, 30-B, Tel. 9815662; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Alto Pina: Eusil, Rua Barão Sabrosa, 104, Tel. 8141912;

Alto Santo Amaro - Rio Seco: Dilena, Rua Aliança Operária, 49 A-B, Tel. 3636620; **Alvalade:** Roma, Av. Roma, 85-B, Tel. 772466; **Bairro Alto:** Labor, Rua Diário Notícias, 73-83, Tel. 323428; **Benfica - Igreja - Cemitério:** Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A, Tel. 703393; **Campolide:** Imparcial, Rua General Taborda, 28-30, Tel. 680931; **Chelas:** Banha, Estrada Chelas, 173-175, Tel. 382241; **Estefânia:** Universal, Rua Actor Taborda, 5-7, Tel. 544158; **Marquês Pombal:** Ribeiro & Castro, Rua Braancamp, 52-C, Tel. 543409; **Martim Moniz:** Tavares, Rua da Palma, 194, Tel. 863350; **Olivais Sul:** Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43, Tel. 310026; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olivais Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D.

Firmino Rebelo: Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco, Tel. 2435147. Até às 22 h; **Oeiras:** Ribeiro, R. Dr. Flávio Resende, 9-A, Tel. 4466066. Permanente; **Parede:** Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 5, Tel. 2477838. Permanente; **Sasoeiros:** Amaral Semblano - Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; **Cascais:** Misericórdia, R. Regimento 19, 41, Tel. 280141. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A, Tel. 4932210. Permanente; **Melo:** P. D. João I, 9-B, Tel. 4932756. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; **Queluz:** Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A, Tel. 4365849.

Permanente: Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Araújo e Sá, P. Paço Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088.

OUTRA

BANDA

Almada: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9, Tel. 2768030. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62, Tel. 2750221. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Moderna, Rua Dr. Ant.º Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Piçarra, Av. Bocage, 65-A, Tel. 2074771. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-A, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535474. Até às 19 h; **Amora:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, Tel. 2212923. Permanente; **Seixal:** Seruca Lopes, Tv.ª Paz - Casal Marco, Tel. 2210369. Até às 22 h; **Montijo:** Higiene, R. José Marques, 142, Tel. 2310370. Até às 22 h.

HÁ 20 ANOS



Migs abatidos no Egipto

Dois jactos egípcios Mig foram hoje abatidos por aviões israelitas, num combate aéreo que se travou sobre o sector setentrional do delta do Nilo - anunciou em Tel-Aviv um informador militar. Em Moscovo, entretanto, a "Pravda", órgão oficial do Partido Comunista, acusou os Estados Unidos de bloquearem as consultas das quatro potências para uma solução pacífica do problema do Médio Oriente.

Toureiros pedem 8 contos por mês

Ao Grémio Nacional de Empresas Teatrais e Similares foi apresentado um projecto de contrato colectivo de trabalho em que se pede para os bandarilheiros o vencimento mensal de dois contos (presentemente auferem 1500 escudos) e para os espadas e cavaleiros, que vencem agora 4 mil escudos, 8 mil escudos, também mensais. Mas o Grémio - segundo o tesoureiro do Sindicato - acha muito.

Beckett na Casa da Comédia

Dentro de dias, a Casa da Comédia leva de novo à cena do seu teatro de bolso, às Janelas Verdes, a célebre peça de Samuel Beckett, "Os Dias Felizes", em que Glicínia Quartín, a grande artista dramática portuguesa, tanto êxito alcançou na estreia em Lisboa, há dois anos. A fim de homenagear o genial dramaturgo irlandês, "Nobel da Literatura 1969", a Casa da Comédia traz outra vez ao público da capital a oportunidade de ver e aplaudir este drama ímpar da moderna corrente de teatro.

EFEMÉRIDES

1861

• Formação dos Estados confederados da América e início da Guerra da Secessão.

1953

• Na Coreia, Kim il Sung cria o Exército Popular.

1965

• Morre, exilado no Brasil, o escritor português Tomás Ribeiro Colaço.

1974

• Três dos astronautas do laboratório espacial norte-americano «Skylab» regressam à Terra após terem estabelecido o recorde de 84 dias em órbita.

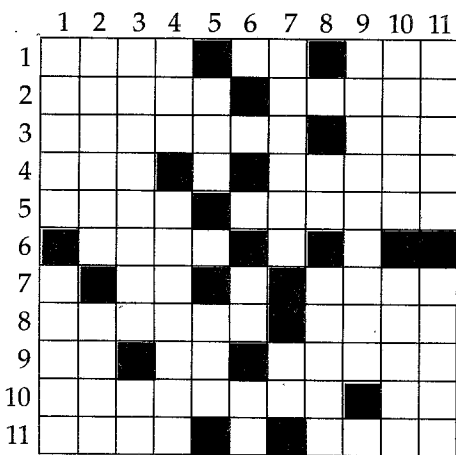
1979

• Portugal e a República Popular da China anunciam o estabelecimento de relações diplomáticas a nível de embaixadas.

1986

• O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, regressa à fortaleza de Peniche, 26 anos depois de se ter evadido do local que serviu de estabelecimento prisional durante o antigo regime e onde presenteemente funciona o Museu da Resistência

PALAVRAS CRUZADAS



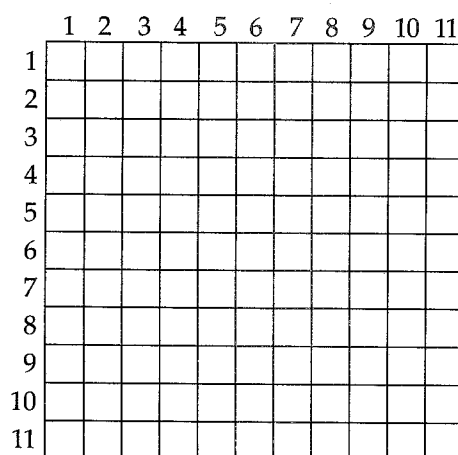
PROBLEMA N.º 17 854

HORIZONTAIS:

- 1 - Prédio. Preposição. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
- 2 - Previne. Mendigo.
- 3 - Inspirarei (fig.). Chefe etíope.
- 4 - Sacerdote gentílico do Aname. Engasta.
- 5 - Ecoas. Espécie de boné sem pala, redondo e largo.
- 6 - Senhores.
- 7 - Brisa. Viela.
- 8 - Cidade de Portugal. Enguias.
- 9 - Cento e um em romano. Moderato. Carro ligeiro de duas rodas, usado na África do Norte, para o transporte de pessoas e víveres.
- 10 - Receber em sua casa como hóspede. Crómio (s.q. e inv.).
- 11 - Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Medida de uma superfície.

VERTICAIS:

- 1 - Cidade de Espanha. Alimentação (pop.).
- 2 - Sôfregos. Feixes.
- 3 - Cercaram.
- 4 - Membro de ave. Doença febril eruptiva infecciosa e muito contagiosa.
- 5 - Sapo do Amazonas. Faça doação.
- 6 - Bário (s.q.). Preposição.
- 7 - Heróicos. Autores.
- 8 - Zomba. Capricho.
- 9 - Incluíra.
- 10 - Lavrava. Tapa.
- 11 - Molestas. Cidade do Japão.



PROBLEMA N.º 16 664

HORIZONTAIS:

- 1 - Freguesia que passou a denominar-se, a 5 de Julho de 1924, Vila Praia de Ancora, do concelho de Caminha.
- 2 - Casta de uva branca algarvia. Despachai.
- 3 - Porco (inv.). Género de batráquios, cujo tipo é o sapo-pariteiro (pl.).
- 4 - O mesmo que rabino. Alegria.
- 5 - Engorda. Alumínio (s.q.).
- 6 - Manto real. Criada grave. Freguesia do concelho do Vimioso.
- 7 - O mais. Governador de província ou chefe militar, na Turquia. Idem.
- 8 - Antiga Agência de Imprensa. Sufixo que designa estado. Chão.
- 9 - Conversa ou palavreado a toa (pl.). Nome antigo de uma música do.
- 10 - Condição etíope. Ave pernalta.
- 11 - Clima. Ósmio (s.q.). Freguesia do concelho de Sátão.

VERTICAIS:

- 1 - Freguesia do concelho e distrito de Aveiro. Cidade e porto no golfo da Guiné na costa do Ouro.
- 2 - Vestuário de homem, espécie de meia túnica (ant.). Molhar.
- 3 - Níquel (s.q.). Rio do Brasil.
- 4 - Pontal de areia em frente de Setúbal.
- 5 - Segula. Cidade de Itália.
- 6 - Guarneceram de arames.
- 7 - Cidade da Inglaterra. Figura que simboliza o povo americano.
- 8 - Previne. Arsénio (s.q.).
- 9 - Roça em que trabalhavam escravos (Bras.). Metal precioso de cor amarela.
- 10 - Sadio. Rebaixem.
- 11 - Separado de outro. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 853

HORIZONTAIS: 1 - DORME. SEM. 2 - Atoa. Aéreos. 3 - Uai! MCM. Ris. 4 - Lo. Pao. EC. 5 - Carro. Ada. 6 - SC. Nadar. Ir. 7 - Atacas. Avá. 8 - Cremária. Im. 9 - Eu. Asa. 10 - Ias. És. Roas. 11 - Asada. Fossa. VERTICAIS: 1 - Dáulis. CEIA. 2 - Otão. Caruás. 3 - Rói. Te. Sa. 4 - Ma. Panamá. Maracá. Ea. 6 - ACORD-ARÁS. 7 - SEM. Oásis. 8 - Er. Aaro. 9 - Merca. Os. 10 - Oi! DÍVIDAS. 11 - Assearam. Sa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 663

HORIZONTAIS: 1 - Valadares. 2 - Amor. Aulã. 3 - Loca. Li. Nab. 4 - Dia. Abarcar. 5 - Irra! Os. Ari. 6 - Ga. Ter. As. 7 - Er. Rugas. Lo. 8 - Matar. Lúpus. 9 - Maceraram. 10 - Rã. Anatem. 11 - Luar. Só. Ana. VERTICAIS: 1 - Valdigem. Pl. 2 - Amoiaram. 3 - Locar. Tara. 4 - Ará. Atracar. 5 - Eure. 6 - Aalborg. Rãs. 7 - Ruías. Alano. 8 - El. Asura. 9 - Sancas. Pata. 10 - Aar. Lumen. 11 - Lúbricos. Má.

PROVÉRBIO:
DORME SEM CEIA,
ACORDARÁS SEM
DÍVIDAS.

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora, em segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496

CORAÇÕES DE AÇO

Filme de Brian de Palma, c/ Michael J. Fox e Sean Penn
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1

OS REIS DA NOITE

Filme de Eddie Murphy c/ Eddie Murphy e Richard Pryor
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4

O CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Filme de Peter Weir c/ Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa
Tel. 691275

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5

SEXO, MENTIRAS E VIDEO

Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6

ENTRE PRIMOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7

VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8

REGRESSO AO FUTURO II

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/ Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10

O CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319

O CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15
Telef. 324194

A IRA DO TIGRE

Filme de Dickson Poon
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer
AS FANÁTICAS DO SEXO
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407

SEXO AO LUAR

Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

Com Sean Connery
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

Telef. 9434762
A MINHA MADRASTA É UM EXTRA TERRESTRE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA

ESTÚDIO SHEZA

MORTO A TIRO
Com Don Johnson e Penelope Ann Miller
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546529/546085

CICLO ANOS 60/ANOS 80

MÃEZINHA À FORÇA

De Garson Kanin, c/ Ginger Rogers e David Niven, às 18.30 horas.

A PAIXÃO DE SWANN

De Volker Schlöndorff, c/ Alain



A Vida é um Longo Rio Tranquilo

PUB

Em exibição sala 4

Quarteto

Maiores 12 anos

Delon e Ornella Muti, às 21.30 horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999

VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523

BRIGADA ASSASSINA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255

OS BRAVOS DA POLÍCIA

Filme de Beau Bridges c/ Beau Bridges e Subba Smith
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503
Tel 7145088

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2

VEREDICTO FINAL

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037

AUDITÓRIO 1

GENTE ESTRANHA

Filme de Andrei Kouchalovsky
Maiores de 16 anos

Sessões às 19.15 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2

O PROCESSO DO REI

Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes
Telef. 8480808

ABSOLUTAMENTE LOUCOS

Filme de Julien Ruben, c/ Jeff Goldblum e Geena Davis
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808

O CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2

VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/ Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2

BRIGADA ASSASSINA

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313

VALMONT

Filme de qualidade de Milos Forman, c/ Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão
Telef. 538743

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3

ENTRE PRIMOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362

O CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON

R. dos Condes, 4
Telef. 326283

A ESCANDALOSA GILDA

Maiores de 18 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA

R. dos Condes, 13
Telef. 325309

MULHERES TARADAS POR ANIMAIS

Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade

VALMONT

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2

BRIGADA ASSASSINA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA

R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305

OS REIS DA NOITE

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378

SKINDEEP-O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.



«Entre Primos», em exibição em várias salas de Lisboa.

CARTAZ

QUARTETO 3
CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30,
21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
A VIDA É UM LONGO RIO
TRANQUILLO

Filme de Etienne Chatiliez
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.30,
20.15, 22.00 e 24.00 horas.

SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144

OS REIS DA NOITE

C/Eddie Murphy e Richard
Pryor

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.15
horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE**DOS POETAS MORTOS**

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e
21.15 horas.

SÃO JORGE 3
CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e
21.45 horas.

7ª ARTE

Av. da República

Telef. 730715

O VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Telef. 804210

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 horas.

TERMINAL

Estação do Rossio

Telef. 371573

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30
horas.

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A

Telef. 706666

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 12 anos
Sessões às 15, 17.30 e 21.30
horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9

Telef. 3468446

FORÇA ESPECIAL

Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e
21.30 horas.

A CAMA QUE FALA

Maiores de 18 anos
De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

SINTRA**AMADORA**
BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia

Telef. 4934871

REGRESSO AO FUTURO II

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e
21.30 horas.

CACÉM
ESTÚDIO FLORES

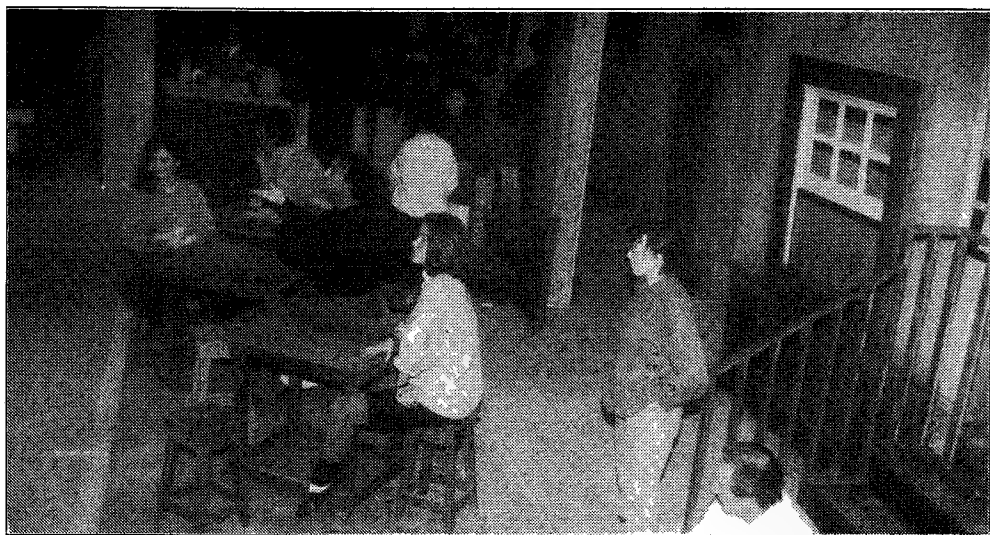
Telef. 9247570

ABISMO

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ
KING D. PEDRO III

Telef. 4364845



«SEVERA» de Júlio Dantas, em cena no Teatro Maria Matos

SALA 1
OS DEUSES DEVEM ESTAR
LOUCOS

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15
horas.

SALA 2**CHUVA NEGRA**

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30
horas.

SALA 3**O PELOTÃO DO MASSACRE**

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45
horas.

CASCAIS**OEIRAS****ALTO DA BARRA 1**

Telef. 4439759

BRIGADA ASSASSINA

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2**CHUVA NEGRA**

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS**CINE PALMEIRAS 1**

Telef. 2479144

VALMONT

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2**CHUVA NEGRA**

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653

SEXO, MENTIRAS E VIDEO

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS**MIRAMAR 1**

Telef. 2841744

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2**CLUBE****DOS POETAS MORTOS**

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD

Telef. 2865027

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos
Sessões de 2ª a 6ª às 16.00 e
21.30; Sáb. Dom. e Feriados às
15.30, 18.00 e 21.30 horas.

ALMADA**ALMADA****ACADEMIA**

Telef. 2752127

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA**CINEMA PESCADOR**

Telef. 2905350

A PATRULHA DA SELVA

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

TEATRO**LISBOA****A BARRACA****CINEARTE**

Largo de Santos, nº 2 -

Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom.
às 16 horas

MARGARIDA DO**MONTE**

De Marcelino Mesquita.

INSTITUTO FRANCO-
PORTUGUÊS

Av. Luís Bivar, 91 - Telef.

544389

De 5ª a Sáb. às 21.30; Dom.
às 17.00 horas

LES BATISSEURS**D'EMPIRE**

De Boris Vian. Encenação
de Daniel Beauron.

TEATRO DE CARNIDE
AZINHAGA das Freiras- Telef.

7145178

Sextas e Sábados às 21.30
horas

DIVINAS PALAVRAS

De Ramón del Valle-
Inclán.

TEATRO DA**COMUNA**

Praça de Espanha - Telef.

7260818

De 2ª a Sáb. às 21.30 horas.

Dom. às 17.00 horas,
descanço à 4ª Feira

SALA 1**PÉCORA** de Natália

Correia.

SALA 2

Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00
e 21.30; Domingo às 16
horas.

A PREGAÇÃO

De João Brites, pelo Grupo

O Bando.

CAFÉ TEATRO**FESTIVAL DA OTITE**

De Carlos Paulo. Sáb. às 24
horas.

TEATRO DA COR-
NUCÓPIA

R. Tenente Raul Cascais, 1-

A - Telef. 661515/669205

De 3ª a Sáb. às 21.30, Dom.
e Feriados às 16 horas

SALADA

De Tristan Rémy, é um
trabalho colectivo dos
actores da Cornucópia.

RITZ CLUBE

R. da Glória, 57 - Telef.

325140

De 3ª a Sábado às 21.30;
Sábado e Domingo às 16.00
horas

O REGRESSO**DE BUCHA E ESTICA**

Encenação de Mário

Viegas.

TEATRO ABC

Parque Mayer - Telef.

3466783

De 3ª a Domingo às 20.30 e
22.45. Domingos e Feriados
às 16 horas

AI CAVAQUINHO

De Eduardo Damas c/
Camilo de Oliveira, Miguel

Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha -

Telefone 778898

De 5ª a Sábado às 21.30
horas. Domingos às 16
horas

HAPPY END

De Dorothy Lane/Bertolt
Brecht.

TEATRO MAIZUM

R. dos Poiais de S. Bento,

75-B. Telef. 601866

Sáb. e Dom. às 16 horas

A LINGUAGEM**DOS ANIMAIS**

De António Botto.

TEATRO MARIA
MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras,

nº 52 - Telef. 897017

3ª, 4ª e 5ª, às 21.30. Sextas e

Sábados às 20.30 e 23.00.

Dom. e Feriados às 15.00 e

18.00 horas.

SEVERA

De Júlio Dantas

TEATRO**DA POLITÉCNICA**

R. da Escola Politécnica, 58

- Telef. 674474

De 3ª a Sábado às 21.00;

Domingos às 16 horas

D. JOÃO E A MÁSCARA

De António Patrício.

VARIEDADES

Parque Mayer - Telef.

326037

De 3ª a Domingo às 21.30;
Domingos e Feriados às
16.00 horas

OS MENINOS À RODA**DA MAMÃ**

Versão livre de Henrique
Santana.

RÁDIO**RENASCENÇA**

Desdobramento em Onda
Média - Emissores do
Litoral - e 99.4 em FM Zona
de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda;
15.00: Contraste; 17.00:
Antena 1 - Regiões; 17.15:
Porto d'Abriço

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Gerações por Mi-
nuto; 17.00: Sete Mares;
19.00: Informação e
Música; 20.00: No Estúdio
e no Estádio; 20.15: Musi-
cal; 20.30: A Viver também
se aprende; 21.00: Diálogo;
21.30: Imaginário. Noti-
ciários de hora a hora.

PROGRAMA 2**Rede Nacional FM 2 -**
Estéreo

16.30: Ao Correr da Pena:
Wolfgang Amadeus
Mozart; 18.15: Ângulos e
Reflexos; 19.00: Integrais
- Os 14 concertos para
cravo e orq., de João Se-
bastião Bach; 19.35: Álbum
Musical. - Obras de Leo-
pold Mozart, Monteverdi,
Albeniz, Beethoven e Ben-
jamin Britten; 20.40: Esta
Madrugada no Dois; 21.00:
Histórias de Música e
Outras; 21.30: Concerto
para clarinete e orq. em lá
maior K.622 de Mozart;
22.00: Música vocal
comentada; 23.00: No-
vidades discográficas; ;
02.00: Música na Madru-
gada. Noticiário de hora a
hora.

RÁDIO**COMERCIAL**

Onda Média 283, 290 e
397 m

16.30: Quando o Telefone
Toca; 17.00: Contacto;
19.00: Jornal; 19.30:
Quando o Telefone Toca;
20.00: Praça de Táxis; 21.00:
Pela Estrada Fora; 22.00:
Religiosos; 22.15: De-
sporto; 23.00: 24.ª Hora.
Noticiário de hora a hora

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis;
21.00: Mercador de Sonhos;
00.00: A Noite Passada;
01.00: Som da Frente; 03.00:
Quem Tramou o Locutor.
Noticiário de hora a hora

RÁDIO**RENASCENÇA**

Canal 1 - Rede Nacional
de OM-FM

15.00: Hora da Música;
16.00: Banda da Amizade;
18.00: Bola Branca; 18.30:
Transmissão do Terço;
19.00: A Viagem Continua;
20.00: Boa Nova; 20.30:
Conversa de Amigos;
21.00: Sequência; 22.00:
Revista; 22.30: Bola Branca;
23.30: Suplemento Espe-
cial da BBC; 23.55: Medi-
tando. Noticiário de hora
a hora.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede
Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; 19.00:
Atlântida; 20.00: Serra de
Estrelas; 22.00: Oceano
Pacífico.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde;
18.00: Bola Branca; 18.30:
Sete Colinas; 20.00:
Diálogo; 20.30: Transmis-
são do Terço; 21.00: Lis-
boa à Noite.

VOZ DO PORTO

16.00: Pólo Norte; 18.00:
Bola Branca; 18.30: Trans-
missão do Terço; 19.00:
Grande Porto - Informação;
20.00: Boa Nova; 20.30:
Conversa de Amigos;
21.00: Palácio de Cristal;
22.30: Bola Branca.

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo;
18.00: Bola Branca; 18.30:
Transmissão do Terço;
19.00: Alentejo em Notícia.

VOZ DO ALTO

SNOOPY POR SCHULZ



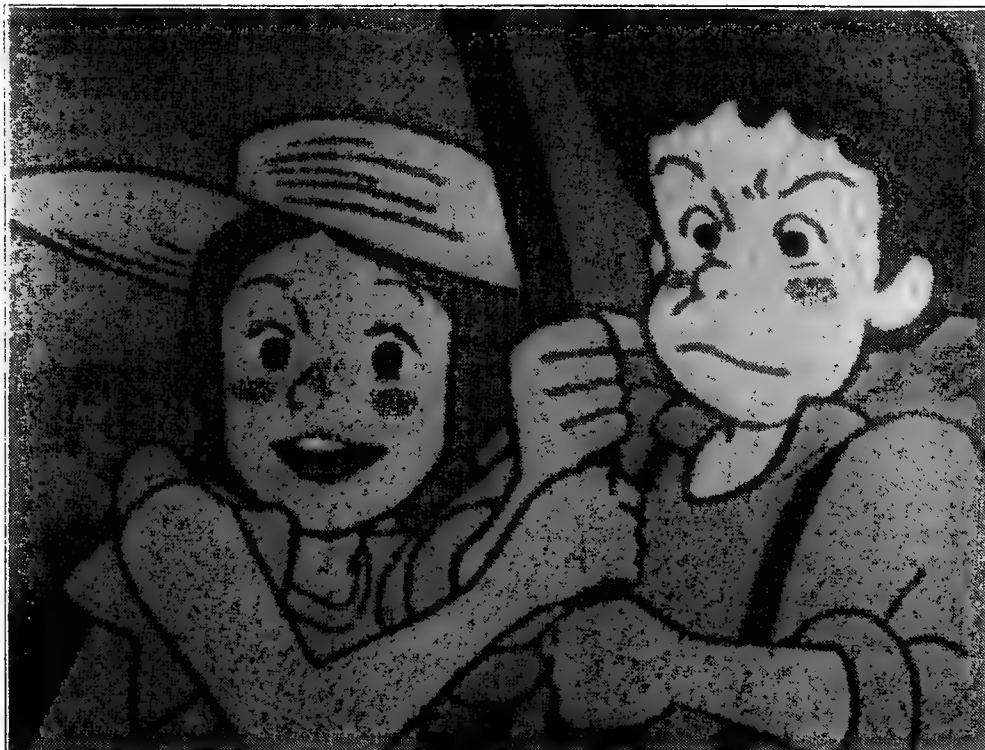
CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
69º episódio: Neste espaço dedicado aos mais pequenos, o João esquecido canta uma canção dedicada ao tema "recordar". Depois de mais algumas noções sobre o número 2, será tempo para falar de animais selvagens.
19.00- JOGO DE CARTAS
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08- BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - JUSTIÇA CEGA
5º e último episódio: Um acidente de viação leva os Serviços Secretos a desconfiarem da existência de actividades ilegais, o que coloca Katherine em grave perigo e origina vários conflitos. A defesa fica a cargo de um oficial das M15, Valentine, transformado em bode expiatório pelo seu colega Tyler. Valentine está na posse de informação que é uma verdadeira carga de dinamite a nível político.
22.50 - 24 HORAS
23.30 - REMATE

RTP-2

- 16.55 - BENJI E O PRÍNCIPE EXTRATERRESTRE
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
36º episódio: Eugénia procura Zezé para saber se ele viu quem roubou a medalha de D. Helena. Santinha e Gabriel espalham por toda a cidade que o ladrão é Zezé ou Juvenal, pois Vavá, seu filho, é muito bem educado



Às 17.25 no 1º Canal, "Brinca Brincando" - para os mais pequenos



No 2º Canal, há "Emoções" a partir das 21.30

e jamais faria algo assim. Todos acreditam. Eugénia procura Vavá e Santinha e ameaça esta última de que se arrependerá de ter levantado a calúnia. Jandira pede ao padre Rozendo que faça qualquer coisa, pois também não admite que Zezé

seja acusado desta forma. Ariovaldo é o único que defende Zezé.
18.20 - OS HENDERSON
8º episódio
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
"O Homem da Carabina" e "O Homem Invisível"
20.25 - MAGAZINE MUSICAL
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
3º episódio: Sandy convence Blue, a sua moderna colaboradora, de que deviam conhecer-se melhor. Blue mostra-se inteiramente de acordo e aparece em casa de Sandy às duas da manhã, fazendo-lhe uma surpresa.
21.50 - SINAIS DO TEMPO
Tema: RDA e RFA
22.50 - QUINTA DIMENSÃO
8º episódio: Um homem solitário marca um número de telefone errado e descobre a mulher dos seus sonhos. No entanto, a adorável interlocutora recusa-se, estranhamente, a encontrar-se com ele. Escrito por J.

Michael Straczynski, este episódio, intitulado "O Telefonema", foi realizado por Gilbert Sheldon.

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA

AUDIMAX

TEL. 410 62 75

ALGÉS



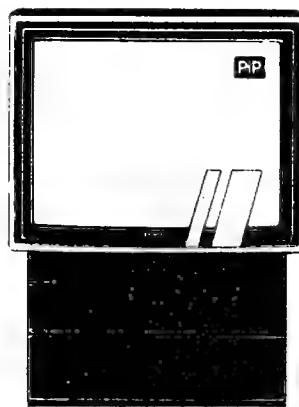
AMANHÃ RTP-1

- 10.00 - MAGAZINE ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - GLOSS
14.20 - PALAVRAS CRUZADAS
15.15- BAIRROS POPULARES
Sé
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.09 - DESCOBRIR OS
DESCOBRIMENTOS
20.20 - BOLETIM AGRÁRIO
20.25 - VALE TUDO
21.20 - MOBIL NOS CAMINHOS
DE PORTUGAL
21.35 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.25 - TELEMUNDO
22.55 - CHEFE, MAS POUCO
23.25 - 24 HORAS
24.00 - REMATE
00.10 - PELA NOITE DENTRO
"A Sombra do Passado"

RTP-2

- 15.00 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA ESCOLHA
16.55 - 3, 2, 1 CONTACT
17.20- UM BILHETE
PARA O MUNDO
17.45 - O MEU PÉ DE LARANJA
LIMA
18.25 - HAJA MÚSICA
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
20.30 - AS CIDADES E AS TERRAS
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.00 - ACERTO DE CONTAS
23.30 - ROTAÇÕES

BLAUPUNKT Seleccionou para si...



● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

CONFECCOES LINO'S

Calçada do Carmo, 17
Telef 32 22 06-1200 LISBOA

SALDOS

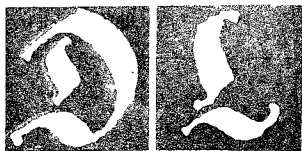
FATOS - CASACOS
CALÇAS - SOBRETUDOS
GABARDINAS
MALHAS E CAMISARIA

CONFECCOES
PARA SENHORAS



LINO'S
O QUE É MODA
é isto

PREÇOS SENSACIONAIS



«Não descansaremos enquanto não formos o maior partido nacional.»

Freitas do Amaral, «Diário Popular», 07.02.90

A PERGUNTA DO DIA



Montalvão Machado presidente do Grupo Parlamentar do PSD

Porque é que o PSD não aceita recandidatar o actual Provedor de Justiça?

«Como já disse no plenário da Assembleia da República, nada nos move de pessoal contra o Dr. Almeida Ribeiro. Todavia, temos como certo que não há lugares perpétuos em órgãos externos à Assembleia da República. O problema é, pois, de natureza política. Não queremos um Provedor de Justiça da nossa cor política, tal como não desejamos um Provedor de qualquer das cores das Oposições. Temos esperado pacientemente, mas sempre estivemos e estamos abertos ao diálogo para encontrar uma personalidade que preencha a nossa confiança e a dos socialistas. A Constituição ao marcar prazo certo para o exercício de funções, quer necessariamente que, no fim desse prazo haja uma nova manifestação de confiança por parte de quem elege. Se não fosse assim, não haveria prazo e o Provedor seria eleito vitaliciamente. Não admitimos que o Partido Socialista queira fazer prevalecer a sua vontade minoritária para além desse prazo, queira fazer manter no lugar quem já deveria ter sido substituído com a nossa vontade e a deles. Não admitimos, por isso, que o PS, ao bloquear um processo eleitoral normal com uma teimosia ilegítima e contrária aos princípios democráticos, venha querer ser apenas ele, que é minoritário, a escolher o Provedor de Justiça.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

Artigos de Fernando Piteira Santos e de Guilherme Oliveira Martins

Grande Angular: Ser diplomata em Portugal

ENTREVISTA

Raúl Solnado é um dos nossos cómicos mais populares. Actor, «mas sem culpa nenhuma», como uma vez afirmou, fez revista, comédia, televisão, cinema, construiu um teatro e agora está a preparar mais uma peça da sua vida

«Temos que fazer grandes teatros»



D.L. - Ri com frequência?

R.S. - Rio bastante porque no mundo inteiro há muita coisa para rir...

D.L. - Por exemplo?

R.S. - As afirmações idiotas de muita gente, as guerras idiotas - as guerras são todas idiotas! E depois há os *fait-divers*: as pessoas que no trânsito se enfurecem, que saem para bater nas outras... Isso dá-me vontade de rir porque é uma paranóia e há muita paranóia neste mundo.

D.L. - Como é que vai o riso em Portugal?

R.S. - É uma pergunta difícil de responder. Eu teria que dizer um lugar comum - a censura faz muita falta... - e eu não concordo com isso. Portugal é um país que teve um grupo de cómicos raro em qualquer país do mundo. Quando eu cheguei ao teatro havia uma dúzia de grandes cómicos...

D.L. - Quem eram?

R.S. - O Vasco Santana, o António Silva, o Costinha, a Teresa Gomes, a Laura Alves, a Hermínia Silva, o João Villaret (que fazia revista maravilhosa, não era um cómico, mas era divertidíssimo) e por aí fora...

D.L. - E hoje quais são?

R.S. - Os cómicos hoje são - todos! - o Herman, o Nicolau Breynier, eu, o Camilo de Oliveira (em primeiro plano). Depois, há alguns cómicos de segundo plano, como o Carlos Miguel, o Octávio de Matos... Agora, há uma porção de cómicos muito jovens, que estão a surgir com muita força. E cómicas, o que é muito mais raro. É o caso da Rita Blanco. Estou a dizer os que conheço... Há também o Miguel Guilherme, o José

Pedro Gomes... São novos cómicos, mas que precisam de fazer coisas populares para que o público os veja.

D.L. - Quer dizer que faltam espectáculos, faltam organizadores?

R.S. - Faltam grandes salas de espectáculo, onde se façam grandes musicais, porque os portugueses têm um grande fascínio pela incomodidade.

D.L. - Porquê?

R.S. - Pode ser uma coisa atávica, talvez não sei. Faltam grandes teatros, como há em todas as capitais da Europa. Falta-nos o Monumental, o Tivoli, o Éden, o Politeama e alguns já não se vão recuperar. Então, temos que fazer novos teatros!

D.L. - Tem fama de grande contador de anedotas...

R.S. - Não sou grande contador...

D.L. - Qual é o seu cómico favorito?

R.S. - Há muitos cómicos que eu gosto, mas... Naturalmente, o Woody Allen.

D.L. - Porquê?

R.S. - Porque é um homem muito inteligente, um homem com um grande sentido crítico da sociedade americana. E depois é um tipo com uma técnica fabulosa!

D.L. - A sua gaguez ajuda-o no seu trabalho?

R.S. - Eu acho que ela umas vezes ajuda, outras vezes prejudica. Porque às vezes eu queria dizer coisas mais claras e... não consigo.

D.L. - O que é isso de ser um «actor-personalidade», como um dia afirmou ao *Diário de Lisboa*?

R.S. - Há grandes comediantes que nunca conseguem uma grande popularidade. O actor-comediante é um actor

que vai como um mata-borrão absorvendo os papeis, as personagens, mas não tem pontos de referência para o público. O cómico-personalidade é o cómico que é imediatamente identificado, ele dá muito mais de si à personagem do que recebe.

D.L. - Continua a considerar-se «um orfão político»?

R.S. - Não tanto. Eu agora sou apenas um independente.

D.L. - Que é que isso quer dizer?

R.S. - Estou atento à política, mas não sou filiado em nenhum partido.

D.L. - No teatro, que está a fazer agora?

R.S. - Neste momento estou a preparar a produção de uma peça americana, do Neil Simon e penso começar a ensaiar a 5 de Março.

D.L. - Como se chama?

R.S. - Ainda não tem tradução portuguesa, chama-se «Last of the red-hot lovers».

D.L. - De que trata?

R.S. - É a história de um homem que tenta, sem conseguir, a sua primeira experiência sexual extra-conjugal e não consegue.

D.L. - Onde vai ser representada?

R.S. - No Teatro Villaret.

D.L. - No seu Teatro Villaret. Tem saudades do tempo de empresário?

R.S. - Não. Tenho saudades é do tempo da construção do teatro. O meu sonho não era ser empresário, o meu sonho era construir um teatro e conseguir pagá-lo.

D.L. - E conseguiu?

R.S. - Consegui. Paguei e depois acho que a minha missão ficou cumprida.

A.J.T.



meteorologia

Do baile dos bombeiros à ópera

Valmont, o último e magnífico filme de Milos Forman é um sedutor exercício de formas e mentalidades barrocas, assimiladas e fixadas pelo cinema. Espectáculo opulento, exibicionista, musical no sentido de festa permanente, mesmo se ganha contornos dramáticos; cerimonial de arquitectura, de organização dos espaços, catálogo de objectos, de tecidos, de portas múltiplas, de cortinados e cortinas, de casulos de caixas. Encenado para ser desnudado e ocultado, para ser ocultado e exibido, o coração humano, pervertido ainda por cima, pelo jogo do mundo que também é um jogo mundano.

O romance em cartas, de Laclos, *As Ligações Perigosas*, obra-prima da literatura barroca em mutação para o subtil e minucioso maneirismo, foi mais uma vez ponto de partida para essa missão impossível, de cinematização.

O narrador-realizador usou a liberdade: mostrar sem comentar o triângulo de tónica sado-masoquista, ou seja, o eu abismal, o desejo, o seu objecto. Mas, como se as pessoas fossem incapazes de desejar por si próprias: o objecto do desejo é anteriormente desejado por outro ou pertence a outro - intermediário. Daí nasce o jogo de xadrez, frio, quente, nunca tépido, movimento sem des-

canso, centripeto, centrífugo, concorrencional, desprovido de serenidade, sem modelo, contra o modelo; daí, se celebra um aleluia erótico, paixão e fingimento, sentimento e ressentimento, provocação.

O filme de Forman é mais sádico, mais cultural, à espera da Revolução Francesa com maior impaciência, do que o livro de origem. O seu *Valmont* é um D. Juan morto sem o Comendador. Tudo é uma extraordinária ópera *blasée*. Vingança do exilado que, na triste Praga dos anos 50 ou 60 fez a ópera dos pobres, idem maus: O Baile dos Bombeiros.

Jorge Listopad



A.M.A. Auto Monumental do Acuro

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa**

8 DE FEVEREIRO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Relance sobre Muhannad Hafiz, pág. 3; Entrevista com Martin Page, págs. 4 e 5; Polémicas de Amadeu Lopes Sabino e António Cabrita, págs. 5, 6 e 7; Leituras e ideias, pág. 8

O POLACO ARGENTINO: *escrita e crítica do exílio*

Milosz, à semelhança dos demais (literatos de uma certa escola, enfeudados na problemática «social»), experimenta conflitos, tormentos, dúvidas, sentimentos completamente ignorados pelos escritores de antigamente.

Rabelais não tinha nem ideia do que é «histórico» ou «suprahistórico». Não pretendia cultivar a «literatura absoluta» ou professar a «arte pura», nem tão pouco - bem pelo contrário - expressar a sua época; enfim, não pretendia nada porque escrevia sobre o mesmo impulso que leva um menino a fazer «o serviço» debaixo de um arbusto: para aliviar-se. Atacava o que o enfurecia; combatia o que se atravessava no caminho; e escrevia para deleitar-se - e para deleitar os demais - ; escrevia o que à pluma dava jeito.

Não obstante, Rabelais expressou a sua época e pressentiu a que se avizinhava, criando para além disso uma arte imperecível e puríssima; e foi assim porque, expressando-se a si mesmo com a maior liberdade de que era capaz, expressava ao mesmo tempo a essência eterna da sua humanidade: a si mesmo como produto do seu tempo e a si mesmo como germen do tempo futuro.

Em contrapartida, hoje em dia, Milosz (e não é o único) ampara a cabeça num dedo e medita: Como é que eu hei-de escrever? Qual é o meu lugar? Quais são as minhas obrigações? Deveria submergir-me na história? Ou tentar, talvez, «a outra margem»? Quem devo ser? Que devo fazer? Creio que era o defunto Zeromski quem costumava atalhar, nestas ocasiões: escreve o que te dite o coração - e eis o conselho que me leva.

Quando poremos fim à tirania dos fantasmas da abstracção, para ver de novo o mundo concreto? O poder destas antinomias «filosóficas» é tão grande que Milosz esquece por completo com quem está a falar e me sugere que adopte o papel de defensor da «arte pura», um papel quase de esteta. Que tenho eu a ver com isso? Se me oponho aos esquemas que ameaçam a literatura actual, demasiado actual, não é, em absoluto, para impôr outro esquema. Eu não me pronuncio a favor da arte eterna nem da arte pura e só quero



Witold Gombrowicz nasceu na região Sul da Polónia em 1904. Ao estalar a segunda guerra mundial, Gombrowicz, que havia sido convidado para a viagem inaugural de uma companhia de navegação, encontrava-se em Buenos Aires e por lá ficou, durante vinte cinco anos, conciliando dificilmente a sua vida de empregado bancário com a escrita. Aí publicou *A boda e Opereta*, peças de teatro, tal como os romances *Sedução e Transatlântico*. O seu último romance, *Kosmos*, publicado entre nós com tradução de Luiza Neto Jorge, ganhou o Prémio Internacional de Literatura, em 1967. Faleceu dois anos depois.

dizer a Milosz que há que ter cuidado, não vá a vida transformar-se, debaixo da nossa pluma, em política, em filosofia ou em estética. Eu não reclamo nem a arte aplicada nem a arte pura, o que reclamo é a liberdade, reclamo uma criação «natural», aquela criação que sai da realização não premeditada do homem.

Mas diz ele: - Tenho medo... medo de que assim que me afaste da história (quer dizer, dos lugares-comuns da época actual) me ache só.

Obsceno e, o que é pior, imaginário. Obsceno porque significa no fundo a

renúncia não só à celebridade como à própria verdade; a renúncia ao que é provavelmente o único heroísmo, e que constitui o orgulho, a força e a vitalidade da literatura. Aquele que tenha medo do desprezo humano e da solidão entre gente, que se cale! Mas este medo é também imaginário - a popularidade que se consegue ao serviço do leitor e das correntes da época resume-se a pouco mais do que a um subir das tiragens - e só aquele que ousou separar-se da massa e existir como um ser singular, para mais tarde, conseguir dois, três, mesmo dez correlegionários ou irmãos, só este se terá libertado da soli-

dão, nos limites permitidos à arte.

Ele volta a insistir (sempre dominado por um prisma de razoabilidade que contraria as virtudes mais valiosas da sua pessoa): Nós, os polacos, hoje em dia, podemos falar ao mundo ocidental com superioridade e valentia «simplesmente porque - cito literalmente - o nosso país é o terreno sobre o qual podem ocorrer as mudanças mais radicais, mudanças que contêm o «canto do futuro» que se alcançará assim que se derrubar o poder de Moscovo sobre as nações». O que mais uma vez contesto, aconselhando-o a dilatar essa visão à Bulgária ou à China, que também participam desta vanguarda histórica.

Não, meu querido Milosz: nenhuma história te substituirá a consciência, a maturidade, a profundidade pessoal; nada te absolverá de ti mesmo. Se pessoalmente és importante, ainda que vivas no lugar mais conservador do planeta, o teu testemunho sobre a vida será indispensável, enquanto nenhuma pressão histórica arrancará palavras relevantes a gente imatura.

Assim como tudo se torna difícil, duvidoso, obscuro, enrevesado, sob a pressão da complicada sofística dos (nossos) tempos; assim recobra a sua claridade cristalina no momento em que compreendemos que hoje não falamos e não escrevemos de uma maneira nova e particular, mas exactamente da mesma maneira ao que temos vindo a fazer desde o princípio do mundo. E não haverá concepção que substitua o exemplo dos grandes mestres, nem filosofia que substitua a árvore genealógica da literatura, carregada de nomes que nos enchem de orgulho. Não há alternativa: só se pode escrever como Rabelais, Poe, Heine, Racine, ou Gogol, ou não escrever. A herança desta grande raça, que nos tem sido transmitida, é a única lei que nos rege. Mas eu aqui não polemizo com Milosz, que é um puro sangue, só polemizo com a sua cólera, e com essa carroça de escrúpulos em que o seu passado o engatou.

Witold Gombrowicz
(Diário I, 1953-1956 versão
de António Cabrita, a partir da edição
da Alianza Tres, 1988)

CAMINHO

o prazer de ter bons livros para ler

NOVIDADES

A MULHER COM VÉU

RUTH RENDELL

Não há dúvida que ler Ruth Rendell é um acto sempre cheio de surpresas. «A Mulher com Véu», romance em que através do inspector Wexford a autora faz passar múltiplos fios que se cruzam, é mais uma vez uma história ao mesmo tempo sombria, emocionante e certa, que se lê apaixonadamente. De Ruth Rendell a Caminho de Bolso já publicou os notáveis livros que são «A Árvore das Mãos» (n.º 16), «Um Bando de Corvos» (n.º 32), «Carne Eléctrica» (n.º 44) e «Boneca Assassina» (n.º 70).

Tradução de *Fernanda Pinto Rodrigues*

ISBN 972-21-0464-0 / 264 pp / 320\$00

O ESPELHO DIABÓLICO
CONSTRUÇÃO DO OBJECTO
DA TEORIA LITERÁRIA

JOÃO FERREIRA DUARTE

«Tudo o que é factual é já teórico», dizia Goethe. Nada existe senão como objecto de um ver que a teoria é, um *speculum* da racionalidade que investe os discursos do saber, mesmo quando eles se iludem em denegá-la. Lugar privilegiado da imaginação conceptual, da pluralidade objectual e da transdisciplinaridade institucional, a teoria da literatura constrói aqui o seu objecto, num itinerário onde se cruzam Marx e Althusser, Freud e Lacan, Benveniste e Bakhtine, Wittgenstein e Searle... E tantos os objectos quantos os espelhos, ou será verdade o que dizia Nietzsche, que não é verdade, mas apenas interpretações.

ISBN 972-21-0462-4 / 144 pp / 1500\$00

A MORTE DA MÃE

MARIA ISABEL BARRENO

Somos seres humanos, mais especificamente somos mulheres e homens. Definirmo-nos, identificarmo-nos implica reconhecermos o rosto dos que, semelhantes a nós, nos precederam. Pai e mãe, e atrás deles todos os outros que os determinaram. Nesta medida, «A Morte da Mãe» é um livro subjectivo e emocional. Como tudo o que empreendemos.

ISBN 972-21-0457-8 / 368 pp / 1900\$00

NOVO CANCIONEIRO

Prefácio, Organização e Notas

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

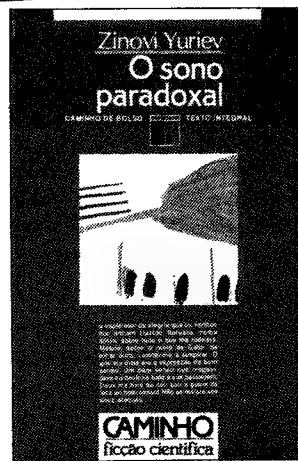
«A colecção do "Novo Cancioneiro", tendo revelado poetas da estatura de Carlos Oliveira, Manuel da Fonseca, Cochofel, Políbio Gomes dos Santos, Mário Dionísio, Francisco José Tenreiro, Joaquim Namorado, Álvaro Feijó, Fernando Namora e Sidónio Muralha, representa um dos momentos mais altos da lírica portuguesa do século XX, ao mesmo tempo que o verdadeiro "manifesto" poético do neo-realismo português.»

Albert Dessau

Universidade de Rostock

EDICÇÃO PATROCINADA PELO
INSTITUTO PORTUGUÊS DO LIVRO E DA LEITURA

ISBN 972-21-0456-X / 416 pp / 2700\$00

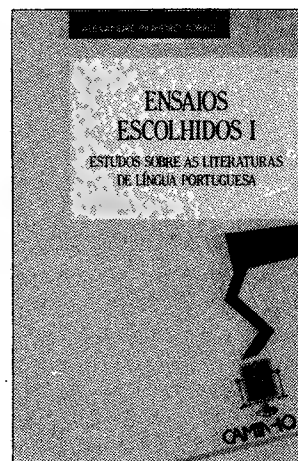
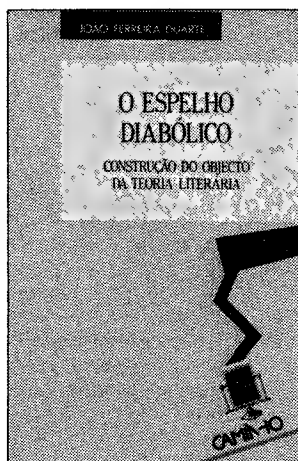


O SONO PARADOXAL

ZINOVI YURIEV

A Caminho de Bolso tem podido revelar ao leitor português alguma da melhor ficção científica soviética. Abrámov, Strugátski, Efrémov, Bulychév e Savcheko são os autores até agora publicados com real agrado do público. Zinovi Yuriev é outro nome que importava conhecer, pois o seu «sono paradoxal» é realmente o de uma história desconcertante e subtil sobre contactos com extraterrestres, ou com outros, num livro em que a limpidez e o encanto não encobrem a possibilidade de várias leituras. «O Sono Paradoxal» é um romance particularmente curioso, que, como o herói da história, deixará o leitor numa expectativa que talvez não seja vã. Um livro a não perder, por todas as razões.

ISBN 972-21-0461-6 / 200 pp / 320\$00

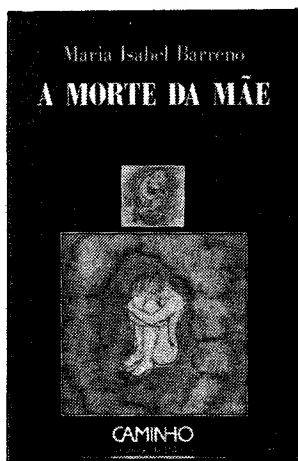


ENSAIOS ESCOLHIDOS I
ESTUDOS SOBRE AS LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA

«Alexandre Pinheiro Torres, nome já sobejamente conhecido no cenário intelectual português, destaca-se como um dos seus ensaístas mais lúcidos e mais avançados; intensamente participante das mutações por que está passando a vida contemporânea.»

Nelly Novaes Coelho
em O ESTADO DE S. PAULO

ISBN 972-21-0463-2 / 320 pp / 1800\$00



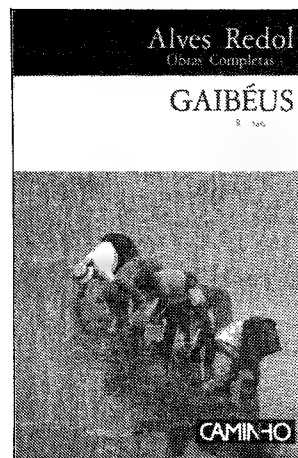
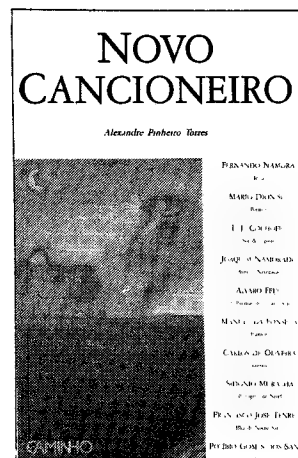
PRELÚDIO A UMA RECONSTRUÇÃO
DA ECONOMIA POLÍTICA

ANÍBAL ALMEIDA

Embora não faltando obras votadas a um confronto entre ambos os paradigmas (o clássico e o marginalista) que arduamente entre si se disputam o território da economia, nenhuma delas se aproxima, em minha opinião, do estrato hermenêutico em que o problema epistemológico surge e é necessário pô-lo e tentar resolvê-lo...

Por isso mesmo, este pequeno livro cumpriria o melhor dos destinos se os erros que contém se viessem a revelar fecundos, i. e., se ele viesse a merecer que outros, mais jovens ou, pelo menos, mais bem apetrechados, viessem superá-lo o que por si lhe atribuiria (por muito ténue que ele seja) o invejável estatuto de consequente relevante de Marx e de Sraffa, e antecedente necessário da sua própria superação.

ISBN 972-21-0468-3 / 332 pp / 1800\$00



GAIBÉUS

ALVES REDOL

O romance «Gaibéus» foi publicado pela primeira vez, há precisamente 50 anos, em 1939. É o ponto de partida da obra romanesca de Alves Redol. Mas é também o ponto de chegada de uma longa reflexão do autor sobre o significado e o papel da arte, o primeiro edifício do programa de uma literatura nova. Hoje «Gaibéus» é, comumente, aceite como o romance que marca o aparecimento do neo-realismo literário em Portugal.

ISBN 972-21-0459-4 / 312 pp / 1700\$00

CDL a distribuição

RELANCE SOBRE MUHAMMAD HAFIZ

Muhammad Hafiz, que Goethe, cerca de quatro centúrias mais tarde, elegia como seu único rival e irmão gêmeo em prazeres e tristeza, nasceu em Chiraz, capital de Fars, província meridional da Pérsia, talvez em 1325.

Pouco mais se apurou, da sua infância, além da incerteza do ano de nascimento e do ano da matrícula, na escola alcorânica (*madrasa*), com o nome de Muhammad. E, referente à adolescência, só nos resta a lenda, que conta que o Profeta lhe apareceu em sonhos, outorgando-lhe a ciência do Livro Sagrado (Alcorão), bem assim como o dom da poesia. Então, ter-lhe-ia sido atribuído o título de *Hafiz*, que significa, em árabe e persa, «aquele que sabe o Alcorão de cor».

Durante a juventude do poeta, Abu Ishaq Indju, sultão de Ispahan, apodera-se de Chiraz. Entre 1342 e 1353, o conquistador, dado ao luxo e às artes, protege o novíssimo cantor, que o vizir lhe recomendara.

A vida de Hafiz decorrerá num ambiente de truculentas convulsões militares e religiosas. O seu protector, Abu Ishaq, cultor de excessos e deleites, muitas vezes em flagrante contradição com os ditames da lei islâmica (*shari'ah*), acaba por, em 1353, ser vencido e destronado pelo sultão Mobáriz, que reinava em Yazd. A vitória do assaltante ortodoxo, mas fanático, instituiu, em Chiraz, um clima de apertada vigilância policial relativamente aos músicos e aos poetas, suspeitos de desviar o povo das mesquitas, arrastando-o para as tabernas, onde bailarinas, quase nuas, serviam vinho em taças de prata, enquanto dançavam e os poetas recitavam, ao som dos alaúdes.

Mas Mobáriz não conservará muito tempo o trono. Em 1358, atraído pela esposa, a ambiciosa Dilchâd Khâtun, é deposto pelos dois filhos que, conforme o uso, o cegam e lançam na prisão. Shah Khodja reina em Chiraz e, o irmão, Mahmud, em Ispahan. Hafiz, agora com trinta anos, vê, de novo, abertas as portas do palácio, de onde fora corrido, como um vadio, por Mobáriz, e é-lhe devolvido o prestígio de poeta favorito.

Entretanto, os dois irmãos tornam-se inimigos e guerreiam-se, como, aliás, todos os cavaleiros de Fars, indomáveis, à frente dos seus exércitos, ávidos por alargar os domínios e sedentos de tributos. E nenhum destes senhores feudais dispensava, na sua corte, um poeta, cronista dos seus feitos, garantia de perene e gloriosa posteridade. Transportavam consigo, quando as batalhas os obrigavam a percorrer longas distâncias, pequenas bibliotecas de livros encadernados com requinte, oirados, e peles de antílope especialmente preparadas para a escrita dos câlamos dos cantores.

Hafiz é um desses privilegiados, que,

devotando o talento às façanhas e virtudes do sultão, usufrui, ao seu lado, de um estatuto de alta nobreza, *kwâdje*, isto é, «senhor».

Sol de pouca dura: a sua irreverência e inabilidade, como cortesão, levam-no a entrar em disputa com Sha Khodja, também poeta, que não lhe perdoa o desassombro e o expulsa do palácio.

Pierre Seghers, cuja cronologia seguimos, (1) relata o episódio: «Sem se compenetrar de que o interlocutor era o sultão, respondeu com uma insolência a uma crítica deste: — A regra do *ghazal* exige a unidade do assunto. Tu, Hafiz, nos teus *ghazals*, passas de um assunto para outro, misturas tudo, o vinho e os místicos, o amor e a religião... E Hafiz retorquiu: — Tens razão, Senhor. É sem dúvida por isso que os meus versos são celebrados muito além das nossas fronteiras, ao passo que os versos de um poeta que eu conheço nunca irão além das portas de Chiraz...»



Longe da corte, Hafiz dedica-se inteiramente à poesia religiosa, livre das críticas invejosas e dos temas impostos pelo suserano, todo entregue ao lirismo místico, à profissão de fé na poesia como linguagem do sagrado e portadora de consolo na solidão mais extrema. A sua fama estende-se do Ganges ao Danúbio, mas, da sua vida, neste período, pouco mais se sabe, excepto o aludido retiro, a pobreza e a morte do filho, em 1362, noticiada num *ghazal*.

Os dois irmãos reinantes, entretanto, continuam a lutar entre si, cada vez mais afincadamente e sem tréguas até que, em 1364, Shah Khodja, derrotado pelo adversário, se refugia em Kirman. E Hafiz, reabilitado, aceitou o convite de Shah Mahmud para preencher as funções de poeta oficial da corte.

Novo sol de pouca dura: ao fim de dois anos de exílio, Shah Khodja regressa, triunfante, a Chiraz, depõe o usurpador e vota o poeta ao ostracismo. Este, após algumas viagens infrutíferas, em busca de

outro protector, desiludido, retorna a Chiraz.

Em 1384, Shah Khodja morre de uma congestão. O seu herdeiro, Zayn ul-Abidin, sobe ao trono, mas mantém o suspeito Hafiz afastado do palácio, de onde ele próprio, passados dois anos, foge, aterrorizado pelo invasor Tamerlão, esse tártaro devastador de meio-mundo e cognominado «o flagelo de Deus».

O poeta só recuperará a alta posição na corte, com Shah Mânsur, sobrinho de Shah Khodja, que, na ausência de Tamerlão, reconquista Chiraz. Na idade da sabedoria, com sessenta e quatro anos, escreve o último livro, *Sâqui Namêh*, «o livro do copeiro real», dedicado ao sultão Shah Mânsur, seu salvador, que, mais tarde, sucumbirá às mãos de Tamerlão, novamente ocupante de Chiraz. Hafiz, falecido em 1389, nesta época, já não pertence ao número dos vivos. O seu sol de pouca dura poupara-lhe a morte antes da morte, e revelara-se eterno, erguido no horizonte, com um brilho semelhante à cintilação do vinho, do amor e da poesia.

*

Os místicos orientais, de que Hafiz é um dos exemplos maiores, na companhia de Rumi, Saadi, Firdusi, etc, partem do amor terrestre para se elevarem, lentamente, e alcançarem o amor etéreo. O ser amado é uma teofania, isto é, uma aparição do Invisível, se assim me posso exprimir, ou melhor, uma fusão do visível no Invisível e, contemplá-lo, equivale à certeza sensível da existência de Deus, oferecida pelo deslumbramento da Sua divina beleza corporalmente manifestada.

Do mesmo modo que n'A Bíblia, em o «Cântico dos cânticos», as metáforas, profundamente eróticas, traduzem arroubos de intensa espiritualidade, o cântico de Hafiz e dos místicos em geral, que não só dos orientais, (atente-se em Blake, S. João da Cruz, S. Teresa d'Ávila, etc.), mas destes principalmente, tem como pano de fundo os símbolos concretos do vinho, da embriaguez e do amor humano: vinho do Paraíso; embriaguez que é, afinal, o êxtase; e amor humano, que evidencia o amor de Deus.

«Eis a imagem do Paraíso prometido aos piedosos. Nele correm rios de água sempre límpida, e rios de leite de sabor inalterável, e rios de vinho — uma delícia para aqueles que o bebem — e rios de mel transparente. E lá estão todas as espécies de fruta e o perdão do Senhor.

«E há lá huris de grandes e amorosos olhos

Semelhantes a pérolas em suas conchas.

Olha: Nós criámo-las

Sempre virgens

Amantes, amigas» (Alcorão, capítulo XLVII versículo 15 e capítulo LVI, versículos, 22, 23, 35, 36 e 37).

O «poeta da linguagem misteriosa» (*Khâdêh lessanol ghêybe*), tal como, entre

outros epítetos, Muhammad Hafiz é classificado pelo povo do Irão, compreendeu a linguagem dos pássaros (2) e nela verteu os seus versos clarividentes, envolto na surdez do mundo. Surdez que persiste, ainda hoje, quando faldas interpretações da sua poesia, quase sempre provenientes de autores ocidentais, mal informados e agnósticos, pretendem demonstrar que Hafiz, à imagem, também falseada, do seu afim Omar Khayyam, apenas cantou o transitório e a transgressão, não passando o limiar do território profano. (3)

Na verdade, o transitório é o suporte do transe, o trânsito na direcção ao êxtase; e a transgressão, no respeitante ao vinho, (4) interdito pela *Shari'ah*, é, religiosamente, antecipada experiência paradisíaca, um simulacro para realçar o valor real do símbolo: eis o material de trabalho do trabalho dos poetas que, como Hafiz, sobem muito alto no abismo do sagrado.

Muhammad Rashid Barahona

(1) Hâfiz, *Le Livre d'or du Divân*, Préface et adaptation Pierre Seghers, éditions Robert Laffont, 1984. Por sua vez, a cronologia de P.S. segue a de Roger Lescot in *Essai d'une chronologie de l'oeuvre de Hâfiz*, Bulletin d'études Orientales, X, éd. Maisonneuve.

(2) «E Salomão era herdeiro de David. E ele disse: — Ó homens! Olhai: foi-nos ensinada a linguagem dos pássaros (*ullimna mantiqat-tayri*) e foi-nos dado de todas as coisas com abundância! (Alcorão, capítulo XXVII, versículo 16).

O entendimento da linguagem dos pássaros tem, como consequência imediata, a conquista da imortalidade e a sintonização do ponto em que se estabelece a comunicação com os estados superiores do ser. Com efeito, os pássaros simbolizam Anjos.

(3) Enquanto o *Diwan* de Hafiz é lido, ainda hoje, pelos sufis iranianos como uma Bíblia da religião do amor, no Ocidente continua a discutir-se se tal livro encerra ou não um sentido místico...

(4) O vinho, que mistura a natureza da água e a do fogo, simboliza, em simultâneo, o amor de Deus e o aspecto realizado da Gnose; a taberna simboliza o centro espiritual dos Sufis.

MISSIVA

Tal como a vela queima a alma, luminosa Em sua chama, só de puro amor, Também eu, o meu corpo já tornei em áscua.

Enquanto tu não fores, igual à borboleta Pela saudade consumido até arder, Jamais hás-de passar além da dor

Do sofrimento da paixão, que faz morrer.

HAFIZ
(versão de M.R.B.)

LIVRARIA



LISIPO

Livros antigos • Gravuras
Compra e Venda

Deslocamo-nos a qualquer ponto do país

Lg. Trindade Coelho, 7
☎ 346 2771 - 37 35 60
1200 LISBOA



Cineastas e escritores estrangeiros começam a encarar Portugal como um cais para os sonhos. Sintra era o avatar romântico e agora uma extensa rede cobre o país. No Cabo da Roca, um inglês.

MARTIN PAGE

Porque não Portugal?

Da janela da sua sala de trabalho avista-se uma mancha vegetal e um pedaço de mar ao fundo. Reside, na Azóia, numa casa com o nome de Nossa Senhora do Cabo. Ali, onde o Cabo da Roca se projecta no oceano revolto, o inglês Martin Page entrega-se ao labor da escrita. Pertence a essa raça de escritores expatriados, tão abundante na Grã-Bretanha, desde Lord Byron, e cujo censo, no decurso de um século, inclui D. H. Lawrence, Samuel Beckett, Auden, James Joyce, Anthony Burgess e Graham Greene que buscaram, fora do país natal, um certo tipo de oxigénio que lá não respiravam. O autor de "O homem que roubou a Mona Lisa", livro traduzido em cinco línguas e já editado, em português, pelo Círculo de Leitores, embora apartado da realidade britânica, continua a ser um inglês típico. Os Estados Unidos e a Itália atraíram-no, enquanto hipóteses de fixação possível, mas um dia ao visitar Sintra pensou "porque não Portugal?"

Após uma carreira de jornalista, cansativa e desgastante, iniciada no princípio da década de 60, resolveu dedicar-se exclusivamente à literatura. Habitado às entrevistas, move-se com desenvoltura no espaço onde desenvolve a sua actividade de ficcionista. Na estante, ao lado do fax, está a Enciclopédia Luso-Brasileira, obra encadernada a vermelho, e sobre a mesa um computador Toshiba, o que revela adesão às novas tecnologias. Numa primeira fase escreve à mão, utilizando uma caneta prateada, último modelo do design japonês, e só depois transfere o embrião do texto para os canais da informática. Burila-o, depura-o, limpa-o das excrescências.

Pratica uma escrita estruturada em frases curtas, o seu estilo, seco e descarnado, reflecte a experiência da reportagem. Correspondente em vários lugares do mundo, tais como Moscovo, Roma, Vietname, África do Sul, Congo, Quênia, Zâmbia e Índia, armazenou uma experiência prodigiosa que agora lhe serve para dar substância à escrita. Antropólogo, licenciado pela Universidade de Cambridge, e especialista em assuntos africanos, Martin Page nunca se desliga da realidade. Ao que afirma os seus romances «assentam em alicerces verdadeiros».

Dos oito livros que publicou, em termos de sucesso, destaca-se "The Company Savage", uma sátira sobre os negócios das multinacionais, e ainda "The Pilate Plot", obra onde se questiona a escolarística do Novo Testamento. Foi contemplado com dois prémios literários, um dos quais atribuído pela "Times International Magazine". Indivíduo afável e expansivo não parece corresponder ao perfil traçado por Lawrence Durrell: «Os ingleses têm um permanente mal-estar, parecem programados para a infelicidade.» Pelo contrário, Martin Page irradia uma contagiante boa disposição.

Diário de Lisboa: O roubo da Mona Lisa não é uma invenção sua?

Martin Page: Efectivamente, baseei-me num caso verídico. Em 1913, um italiano garantiu, ao director do Museu de Florença, que sabia do paradeiro da Mona Lisa, quadro desaparecido dois anos antes. E sabia mesmo. Levado a tribunal, seis meses depois, contou uma história sem qualquer sentido. O quadro voltou ao Louvre, mas ainda hoje

persiste o mistério. Como lhe chegou o quadro às mãos? Para os italianos tornou-se um herói nacional. Entretanto, o homem ficou rico e foi viver para os Estados Unidos.

DL: Mas tratava-se do quadro pintado por Leonardo Da Vinci?

MP: Talvez fosse uma cópia. Ao pegar na história, achei que deveria apresentar uma solução para o caso. Daí que tenha inventado a personagem de Adam Worth. Um criminoso bem sucedido, graças a truques de cosmética conseguia disfarçar a aparência e ludibriar a Polícia.

Um criminoso bem sucedido

DL: Você subverte o esquema da literatura policial porque o criminoso não é apanhado.

MP: Com as sucessivas mudanças de personalidade, baralhou os detectives da agência Pinkerton e até o próprio Prefeito da Polícia de Paris, o hábil Louis Lepine que, perante o fracasso, decidiu reformar-se. Ele acreditava no método psicológico, todavia Adam Worth era um indivíduo muito inteligente.

DL: Um intelectual do tipo Tom Ripley, o herói de Patricia Highsmith.

MP: Considero-a brilhante, embora se detenha num universo doentio, povoado de psicopatas, bastante diferente do meu, que é mais prosaico.

DL: E Conan Doyle?

MP: Magnífico. Pioneiro da literatura policial, no seu género, pode comparar-se a Cervantes. Tal como Charles Dickens, escrevia semanalmente artigos para revistas. Muitos desses textos de Dickens não têm hoje nenhum valor literário.

DL: A sobrevivência obriga alguns escritores talentosos a escreverem a metro.

MP: Ou ao quilo. Havia um colega meu no "The Guardian" que escrevia livros de cowboys para uma editora de Manchester. O editor providenciava de modo a que o papel lhe fosse fornecido a peso.

DL: Não percebo porque os ingleses consumiam essa espécie de literatura, um fenómeno tipicamente americano.

MP: Era uma fantasia bem aceite na Inglaterra, como de resto tudo o que vinha dos Estados Unidos. Sempre estivemos deslumbrados pela cultura americana, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial. Os americanos tinham dinheiro, pastilha elástica, jazz, todo um estilo de vida que nos fascinava. Mas suponho que isso envolve coisas mais profundas do que o poder económico.

DL: Julgo que para um escritor inglês é muito importante a consagração da sua obra nos Estados Unidos.

MP: É fundamental. O êxito de um es-

critor, em Inglaterra, depende de ter sido ou não publicado em Nova Iorque. Ganhei muito dinheiro com "O homem que roubou a Mona Lisa" no mercado americano, depois do romance figurar na lista do *New York Times*, respeitante aos cem melhores livros do ano. Hollywood comprou-me os direitos, na ideia de fazer um filme que não chegou a concretizar-se, mas pagaram-me uma soma muito confortável.

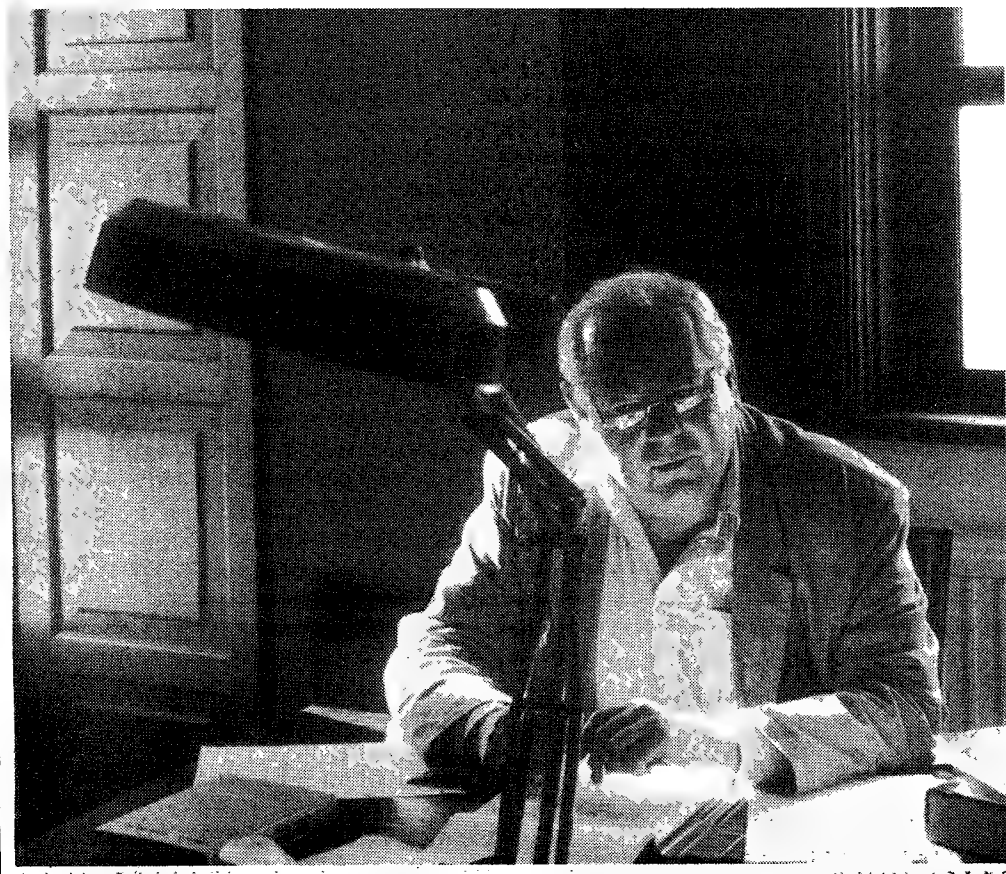
Uma tia aventureira

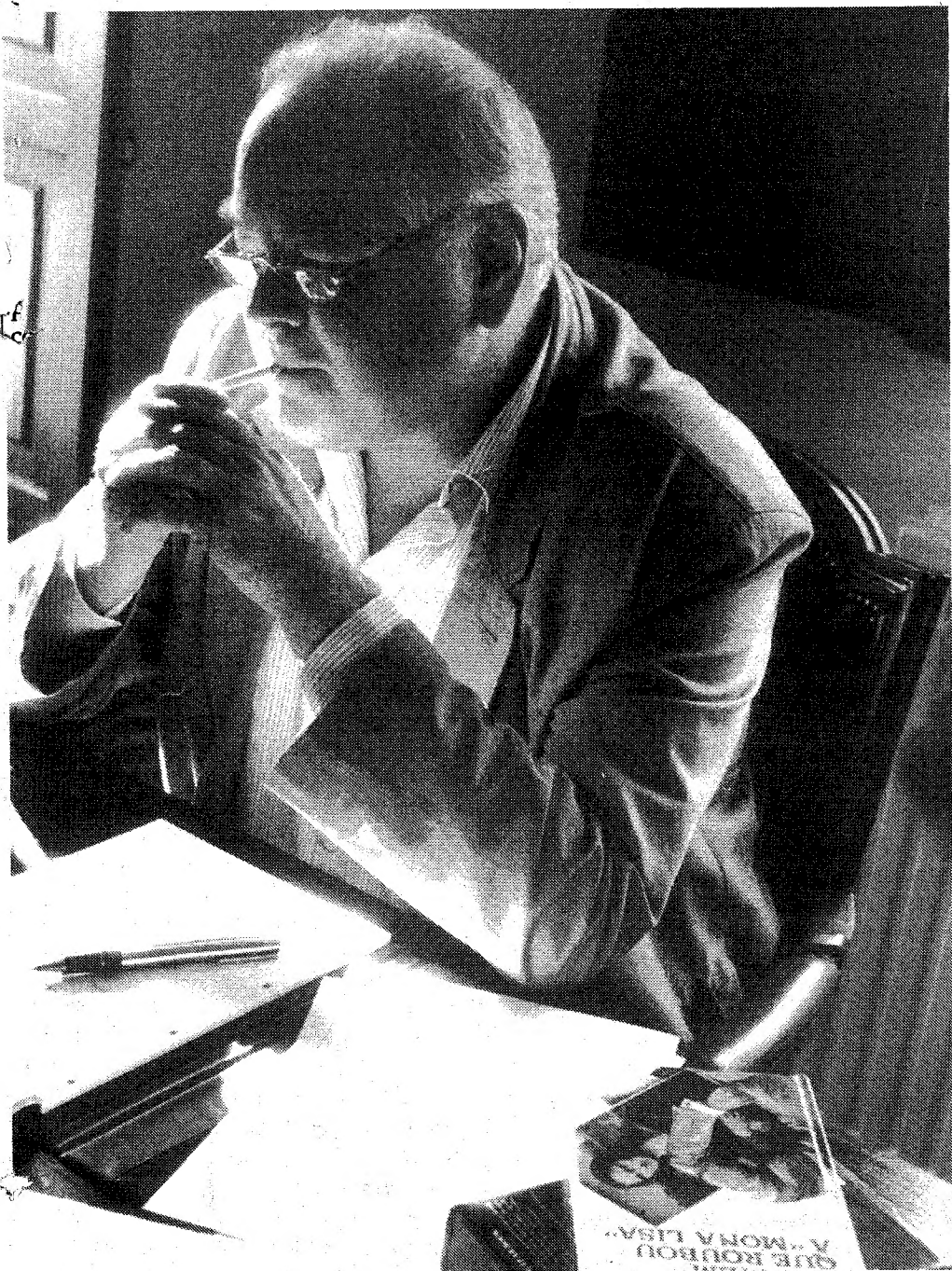
DL: Qual o balanço dos dois anos que viveu em Moscovo, na qualidade de correspondente do "Daily Express"?

MP: Frustrante. Escrevi um livro sobre os últimos tempos de Krutchev que não era um liberal como eu suponha. Quanto aos russos, são gente interessante, mas é difícil descobrir o que eles pensam. Na década de 60 havia um clima de tensão, de guerra fria, e nós, os correspondentes estrangeiros, vivíamos separados do povo russo, fechados no interior das comunidades. Americanos, ingleses, espanhóis... refugiados políticos que eram pessoas fundamentalmente idealistas. Convivi com Guy Burgess, encontramos-nos, uma vez por semana, no seu apartamento. Homem elegante e requintadíssimo, apresentava-se vestido com pijamas e roupões de seda que mandava vir da Inglaterra. Oriundo da classe alta, era um *playboy*. Sem convicções ideológicas firmes, foi a sua homossexualidade, um problema grave para a sociedade inglesa da época, que o empurrou para aquela aventura. A cabeça da rede, em todos os aspectos, era o Kim Philby. Lembro-me do desespero do Burgess, que morreu obcecado com o regresso à Inglaterra. Afogava as mágoas no álcool, logo ao pequeno-almoço esvaziava uma garrafa de brandy. Possuía uma excelente biblioteca, com notas e comentários, parte dela confiscada pelo K.G.B, exceptuando alguns livros que ele tinha destinado aos amigos, entre os quais me incluiu. Pelo exílio, em Moscovo, também passou uma tia minha que ocupou um cargo governamental na Inglaterra, antes da sua ida à Coreia. Essa deslocação foi considerada um crime de Estado e ela caiu em desgraça.

DL: Era de esquerda?

MP: Sim, e constituía um problema para a família, que se recusava a falar dela. Mais tarde cruzámo-nos na Índia. Mantinha uma relação amorosa com o chefe do governo indiano, e depois dele se resignar, a minha tia acompanhou-o a Madrastra. Na altura em que morreu, aos 70 e muitos anos, tinha um amante que era polícia e ainda não ultrapassara a fronteira dos quarenta. Legou-lhe os direitos dos livros sobre a história da Índia que convertera para inglês. A mu-





O ERRO E A SABEDORIA

Falar da literatura como de algo de grave é abordá-la não como ajuste de contas ou mostra de erudição, mas enquanto mundividência, fenómeno moral e referência metafísica. A gravidade não exclui aqui o prazer: pressupõe-o. A relação integral com o universo confere ao discurso sobre a literatura o estatuto de discurso literário, rompe com o proselitismo missionário das modas e com o balofo academismo de docências, tertúlias e gerações. A paixão torna-se prodígio, a actividade crítica assume-se enquanto poética.

Há nos livros de Joaquim Manuel de Magalhães sobre poesia (assim designa o poeta os seus textos em prosa) uma tal radicalidade na leitura daquilo a que chamamos «o real» (e que julgamos ser «o real») que o leitor é inevitavelmente conduzido a tomar partido. A consciência das palavras do poeta abre fendas na consciência de quem o lê. Nessas fendas, aptas a transformar-se em feridas incuráveis, vão crescer alucinações, cóleras, desejos, mágoas, inevitavelmente amores. Não é possível atravessar incólume textos assim. Como Baudelaire, o seu autor é parcial: como um criador de flores do mal, exige do leitor a imparcialidade.

«A poesia é uma queda na linguagem de certas formas emocionais de sabedoria», escreve Joaquim Manuel Magalhães em *Um pouco da morte*, colectânea de ensaios publicada pela Presença no Verão passado. «O fingimento poético», acrescenta, «é uma forma de sinceridade: um dos caminhos que não é escolhido em relação à coincidência arriscada existencial, mas à verdade última dos sentidos do afirmado». É da contradição entre fingimento e objecto (ou pretexto) que se nutre a obra deste poeta singular. Os seus juízos partem de pressupostos que, por vezes, acontece serem arrebatadamente errados. Mas o erro não impede aqui a sabedoria. Em arte, o conhecimento é, quer se queira quer não, uma arriscadíssima coincidência existencial. Quantas vezes o próprio artista se não apercebe dos limites desse jogo!

Em Joaquim Manuel Magalhães, a estética é uma ética. Há esquivos gestos e silenciosos propósitos que conduzem a apreciações acerca de autores que, mais tarde, o poeta inevitavelmente negará. Mas é a metáfora talvez propositalmente diluída em tais actos, na aparente gratuidade, que irá permanecer. Porque a literatura se faz de palavras e não de julgamentos ou propósitos.

Mais do que ler os poemas que Joaquim Manuel Magalhães escolhe, interessa lê-lo a ele próprio. Quem, como ele, conseguiu transformar em cântico a reprovação da brutalidade de um povo, de um país feito reino de burgueses, de uma cultura transformada em produto de supermercado? Quem, como ele, sabe falar do universo piroso e agressivo que tem por nome Portugal e fazê-lo com a nobreza própria do trabalho poético? Há nos objectos que suscitam a indignação do poeta a permanência de um fundo grotesco — a inépcia do gosto, prova evidente da grosseria nacional. Mas é através dos interstícios desse fundo que, maligna, uma dúvida se insinua: não poderá revelar-se enganadora a valorização que o poeta faz da poesia como antídoto contra a vulgaridade?

A romântica maneira de Shelley, Joaquim Manuel Magalhães concebe a poesia enquanto quintessência da arte. Os epifenómenos (ditos artísticos) do gosto dominante não seriam poesia; esta encontraria-se «naquilo que de melhor se passa na literatura portuguesa das últimas décadas — a poesia que se não verga aos mercados dos

comícios, das adulações, dos prémios literários». Aos «prosadores do centro comercial» promovidos «por via da sujeição ao espectáculo zoológico das várias jaulas rentáveis do nosso mercado de quiosques para não dizer de feiras de plásticos», opõe Joaquim Manuel Magalhães «os mais inovadores poetas portugueses recentes que começaram por se recusar a ser poetas de comércio» e que «não iriam agora transformar-se em autores do Centro Comercial». Não iriam — o condicional não é meu...

Vejo mal onde começa e onde acaba, nas recentes práticas literárias e, nomeadamente, poéticas, a poesia segundo Joaquim Manuel Magalhães. Serão por definição discretos, resistentes, quicá clandestinos, todos os poetas e, sobretudo, todos aqueles poetas a que o autor se refere nas suas obras sobre poesia? Não são verdadeiros poetas os destituídos de tais qualidades, não entrando, pois, em linha de conta? Situam-se os eleitos do autor de *Um pouco da morte* nos antípodas dos prosadores que, medíocres e agressivamente, vão entre si distribuindo prebendas, propondo-se convencer um povo ignaro de que a literatura portuguesa é a melhor do mundo com a cumplicidade de jornalistas e políticos nacionais que pretendem idênticos títulos para eles próprios? Estarão os (verdadeiros) poetas, apenas porque são poetas, imunes de tais pecados?

É certo que a prosa se presta mais facilmente à promoção de agentes comerciais que fabricam e vendem subprodutos premiados como literatura dita de qualidade. É certo mas não tanto: é o romance que sobretudo é comprado (mais do que lido — quantas vezes felizmente para quem tem o azar de o comprar!); o ensaio, o conto e a novela são, tanto quanto a poesia, votados à indiferença por parte dos que vendem e adquirem livros. Mas será a indiferença comercial suficiente para salvar um género das trevas da mediocridade? Tenho muitas dúvidas.

Para Joaquim Manuel Magalhães «a poesia não é apenas a nossa mais elevada afirmação literária como se situa num terreno onde pode, neste último século pelo menos, aceder ao confronto com as grandes literaturas mundiais». Talvez assim seja. Mas quantos poetas portugueses vivos possuem obra da espessura de de Pessoa, Régio, Nemésio ou Sena? E não reconhece o autor de *Um pouco da morte* (à contra coeure mas reconhece) haver «no verso português de agora muito nome e muita obra que pode bem emparceirar, em termos de promoção absurda, com o que se passa noutros domínios da nossa actividade artística»?

A poesia é um milagre, seja. É-o, contudo, tanto ou tão pouco quanto as outras artes. Nem mais nem menos. Não estarão igualmente presentes, na poesia portuguesa do fim do século XX, a salóice, os lugares-comuns, os tropeços sintácticos e a confrangedora qualidade estilística da língua que Joaquim Manuel Magalhães detecta na maior parte da prosa nacional dos tempos que correm? Terá a poesia lusitana a «altíssima qualidade» que nela vê o autor de *Um pouco da morte*? Não estará, pelo contrário, todo o Portugal, grande produtor de poemas quanto ao termo de Sacavém o é de uísques, a fazer os possíveis por transformar a poesia numa arte menor?

«Também do ponto de vista cultural, este país é uma colectividade de esterco» — escreve Joaquim Manuel Magalhães. Não querendo ser tão violento, eu diria que a mediocridade grassa nestes reinos — na política, nas artes, na cultura; e também, ine-

cont. na pág. 6

lher do indiano denunciou-o à Justiça, acusando-o de corrupção.

DL: A história da sua tia dava um romance.

MP: Não há dúvida... (risos), só que em vida do meu pai, para não o aborrecer, evitei tocar no assunto. A minha mãe também é escritora, começou a escrever romances feministas já numa idade avançada. Dos três livros que publicou, li apenas um. Pediu-me uma opinião e eu recusei porque isso compete aos críticos.

Liberal de esquerda

DL: Que opinião tem sobre a literatura inglesa contemporânea?

MP: Péssima. Admiro escritores como Chancer, cujo estilo era semelhante ao de Boccaccio, ou mesmo George Orwell... e, evidentemente, Ewelyn Waugh, que foi o maior escritor deste século. Também aprecio J. C. Ballard, autor de *best-sellers*, que ao especular sobre o futuro, faz uma análise clínica do presente.

DL: E John Le Carré?

MP: Está convencido de que é um Shakespeare, tornou-se demasiado pretencioso para o meu gosto. Não deixa de ser curioso que os últimos romances de maior êxito, em língua inglesa, sejam escritos por estrangeiros. Refiro-me a V.S. Naipul e a Salman Rushdie. Os editores de Rushdie ganharam um milhão e 200 mil libras com os "Versículos Satânicos", o que redundou num mau negócio porque gastaram dois milhões na segurança dele.

DL: No panorama da literatura mun-

dial que nomes distingue?

MP: Apaixonam-me os escritores sul-americanos, em particular Garcia Marquez e Vargas Llosa.

DL: Conhece algum escritor português?

MP: Li Almeida Garrett... já percebi que, em Portugal, não tem grande cotação, mas é muito apreciado na Inglaterra.

DL: Porque motivo é que escolheu Portugal para viver?

MP: Vim a Lisboa, em 1984, fazer uma pesquisa sobre a Primeira Guerra Mundial e a atmosfera da cidade agradou-me. Desde que não lhe falte papel e caneta, um escritor pode viver em qualquer parte. Levei quatro anos a organizar-me aqui, agora já obtive o estatuto de residente. Este ano, eu e a minha mulher decidimos que vamos aprender, a sério, o português.

DL: Simpatiza com a senhora Thatcher?

MP: Sou um liberal de esquerda. Penso que a Inglaterra padece de uma crise de valores, situação para que contribuiu a política da actual chefe do governo. Dissolveram-se os valores tradicionais, a especulação na Bolsa produziu uma classe de novos ricos. Quanto a mim, o governo da senhora Thatcher salda-se num tremendo fiasco.

DL: Neste momento, em que projecto literário anda empenhado?

MP: Estou a escrever um livro sobre Pero da Covilhã, que foi um dos maiores espiões da história.

Lourdes Féria

cont. da pág. 5

vitavelmente, na poesia. Duvido, porém, que a parcialidade apaixonada do autor de *Um pouco da morte* seja apta a definir a autêntica extensão dessa mediocridade. Há meia dúzia de anos assistiu-se à promoção jornalística de uma chamada *geração dos anos da prata*. Um álbum fotográfico glorificou para a posteridade os brilhantíssimos génios prateados. Pois, entre eles, lá aparecia, em pose que, noutras circunstâncias, Joaquim Manuel Magalhães qualificaria de «maior simpatia e disponibilidade», pelo menos um dos poetas que, elegendo-os, ele não inclui entre aqueles que, com merecido desprezo, afirma confundirem a publicidade com a literatura.

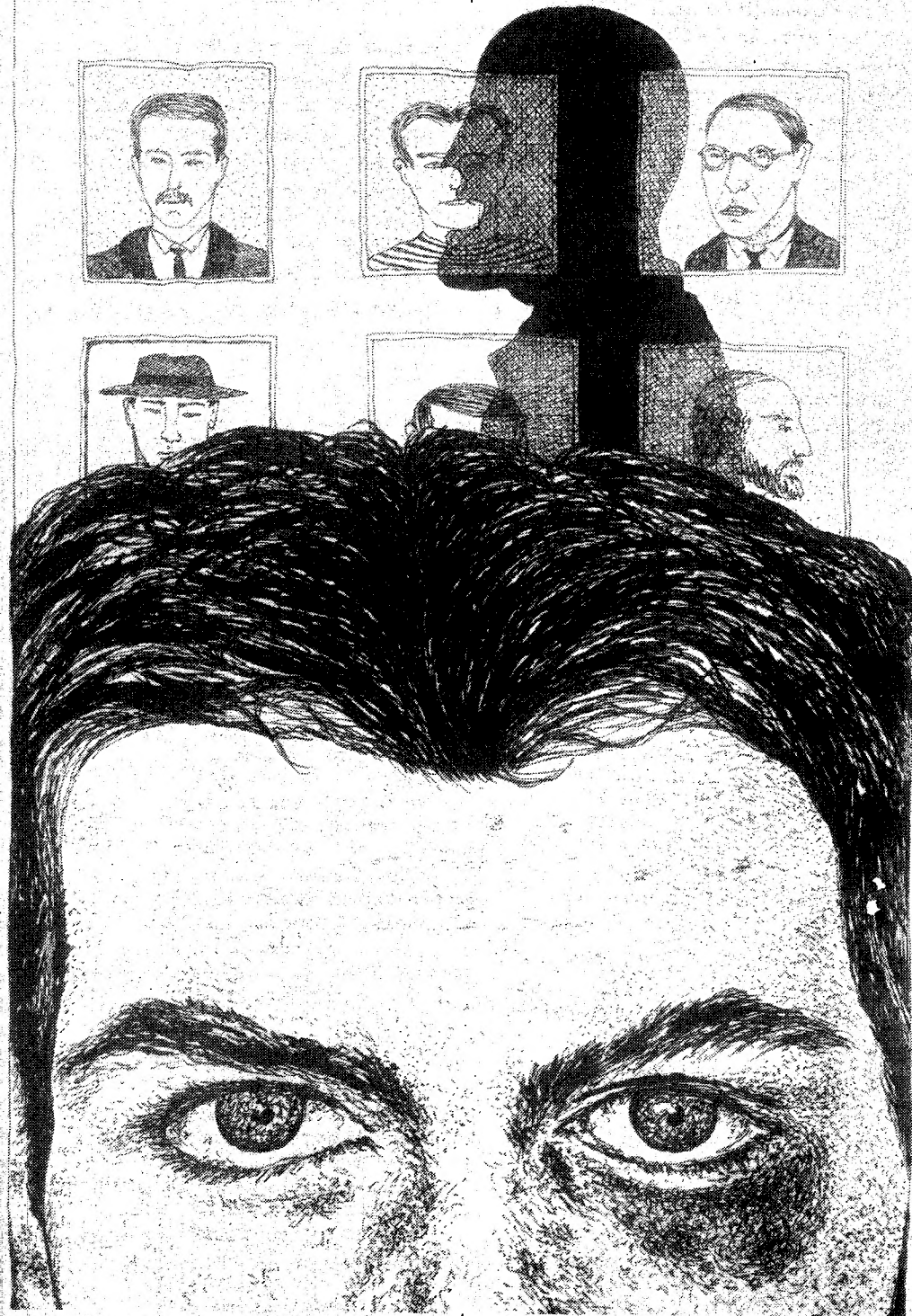
O desemprego e o subemprego originam a proliferação de candidatos a artistas que, sedentos de promoção mais do que de autenticidade, vão recorrendo às publicidades que lhes são possíveis. Os que, animados de tais propósitos, não vendem nos centros comerciais, vão vendendo em feiras de plástico. O arquitecto Tomás Taveira, um dos expoentes dos «anos de prata», começou pontificando nestas últimas e vai já onde se sabe. No entanto, recorda Joaquim Manuel de Magalhães e bem, «não há liberdade na criação. A liberdade é, sem qualquer dúvida, um projecto continuamente ajustável a que tem direito qualquer um. Mas a poesia, ou a arte, é possibilidade de quase ninguém. Talvez seja uma coisa injusta, mas teremos bem de concordar que é inapelavelmente assim.» Inapelavelmente.

Parece-me que a pequenez das vendas e a tacahez dos propósitos promocionais de um autor não são (necessariamente, pelo menos) sinónimos de qualidade literária. E temo que um tal entendimento possa decorrer dos textos de *Um pouco da morte* dedicados aos poetas mais recentes. Um *best-seller* é, por definição, um produto de qualidade inferior? Julgo arriscado inferir uma teoria geral nesse sentido a partir de alguns exemplos contemporâneos. E a inversa não é inevitavelmente verdadeira: o facto de uma obra ser pouco vendida não a transforma numa «elevada afirmação» artística. Eu diria até que, num meio cultural mísero e mesquinho, mesmo os grandes êxitos apenas vão permitindo a sobrevivência dos respectivos autores; os mais bem pagos escritores e artistas nacionais também não enriquecem com a arte e lá vão recorrendo, tal como alguns dos seus confrades mal pagos, ao calvário de colaborações, traduções, viagens e subsídios ao erário público, trabalhos publicitários, vagos magistérios, edições patrocinadas. Num meio cultural assim, é generalizada a falta de rigor e de exactidão, qualidades éticas e estéticas que Paul Valéry, nos ensaios dedicados a Poe e a Baudelaire, considera essenciais ao trabalho do poeta.

A pretensa marginalidade social do artista, cultivada enquanto pose, não faz a nobreza da sua arte. O malditismo — o substantivo é de Umberto Eco — não é o contrário da moda mas o seu irmão menor: ambos os fenómenos revelam os contornos do exercício do poder cultural, ambos se espelham na «desvergonha com que sobrevivem as torpezas publicitárias de incertos semanários e das várias editoras que se servem de maquinações afins, apoiadas em nomes ensaísticos de vendilhões que passam por universitários e de universitários que mais não desejam que ser vendilhões» — para, uma vez mais, citar Joaquim Manuel Magalhães. O malditismo é ele próprio uma moda que não dispensa seitas e cumplicidades, prémios e capelas, anátemas inquisitoriais e editoras que produzem doutrina em vez de, competente e honestamente, se limitarem a fabricar e vender livros. No Portugal de hoje, o novo requismo de uns e o malditismo de outros constituem elementos complementares de

uma mesma cultura de regime — limitada, provinciana assente no auto-elogio e no ajuste de contas, como todas as culturas oficiais.

Lembro-me a propósito do que Cioran escreveu sobre Samuel Beckett: «Venho de um canto da Europa onde a regra geral é constituída pelos excessos, o desalinho, a confidência, a confissão imediata, não solidária; onde se conhece tudo acerca de todos, onde a vida em comum se resume a um confessional público, onde o segredo é precisamente inimaginável e onde a volubidade confina com o delírio. Só isso bastaria para explicar por que razão eu deveria sentir fascínio por um homem sobrenaturalmente discreto». Ora a discrição, penso eu, não pode confundir-se com exibicionismos irrisórios apenas porque estes não chegam, ou chegam pouco, à televisão; e,



num meio cultural pequeno, o pouco, o *pouquinho*, pode não significar discrição mas apenas conformismo.

Julgo que Joaquim Manuel Magalhães me compreenderá. Poeta entre os poucos nossos contemporâneos que vale a pena ler, ele é, embora não o queira admitir, um dos *rare nautae in gurgito vasto* do presente da nossa poesia. Algumas das suas preferências são contestáveis. Eu seria tentado a dizer que é necessário entendê-las apenas como pretextos para escritos de transparente qualidade literária. «O próprio poema é que escreve o poeta», diria Herberto Helder, outro dos raros. A actividade crítica assume-se enquanto poética, escrevi no início destas linhas. De facto, nos textos de *Um pouco da morte*, o erro não impede a sabedoria.

Amadeu Lopes Sabino

LOBOS, CORDEIROS, CRÍTICOS E CAMALEÕES

Se Narciso se debruçasse sobre um rio de Lilliput veria o seu rosto ou uma cabeça de alfinete? Esta telescopia das escalas é pertinente porque podemos ler a obra de Swift como a primeira parábola da comunicação, objectivo que se adensa à medida que se cruzam as viagens com as refacções da intersubjectividade. A viagem de Gulliver é uma excursão por pontos de vista, razão porque a tragédia de

vaga de incomodidade que submerge escritores e cineastas e os projecta contra os recifes que lhes empresta a dor: os críticos.

A mais inesperada das fisgadas lançou-a Almeida Faria, num inquérito promovido pelo "O JORNAL": "os críticos adoram cuspir na sopa que os sustenta".

É no mínimo uma deselegância e não tem, a declaração, como gostaria o seu autor, a contundência do napalm. Permite mesmo a perversa lei dos reversos: a) os críticos, hipérbólicos autistas, necessitam de pouco alimento, e tanto menos quanto mais produtivas forem as suas mucosas; o que premedita a segunda premissa, b), os críticos são tão independentes que não resistem a conferir os índices proteicos na sopa que o Criador lhes estende. Antes tísicos, tuberculizados, que aldrabados!

Na semana passada, Cáceres Monteiro, querendo reagir ao knockout a que o seu romance foi submetido no ringue de alguma crítica escreve uma crónica emocional, infeliz, por onde perpassam todos os lugares-comuns gerados no despique secular entre criadores e cúspides (poupemo-nos da rima)

Em seu auxílio cita as vozes de João de Melo e a do já referenciado autor de *Lusitânia*, para sustentar: os críticos são escritores falhados. É não se precaver. A *Revolução Camiliana* de Abel Barros Baptista ou os ensaios de Silvina Pereira Lopes — dois exemplos — espelham mais imaginação do que noventa por cento dos romances deste país; tal como as crónicas de Joaquim Manuel Magalhães driblam e encestam com tal acerto que a maior parte dos poetas não resiste ao embate.

Esta ideia do imaginário como uma instituição que se estrutura hierárquicamente, tendo na liderança o iluminado escritor e na retaguarda uma gama variável de afásicos ou de metódicos aprendizes de alfaiate, do leitor ao intérprete, era coisa que julgávamos enterrada e extrema-unçada (repeguemos na rima). Perdida a ligação telefónica com Deus, que era quem legitimava o pendur hierárquico do universo literário — e acreditando que o escritor visa mais o conhecimento do que o lucro — a imaginação ganhou a latitude da sexualidade: cada um aplica-a como quer e onde quer. Não se pode esquecer que os mais sérios dos escritores encaram os seus livros como actos falhados. A plenitude é uma coisa de poucos, e pertence mais ao foro da santidade ou ao do crime que ao da literatura.

Infelizmente, a posição de Cáceres Monteiro não tem desculpa porque o seu é de facto um romance sofrível.

Logo a abrir o romance: as mulheres compunham laços umas às outras "com uma terna cumplicidade, carregada também daquela terrível e geralmente subtil rivalidade".

literário

característica..."(pág.13). Tão pouca sensibilidade à palavra? Tão pouco sentido do ritmo? Tão pouco ouvido? E que misoginia, já que é o escritor, por interposta voz do narrador, que tece semelhante consideração sobre as mulheres. Não será a famigerada rivalidade entre as mulheres mais uma daquelas generalidades que o macho gosta de observar? Mas fiquemo-nos pelo estritamente literário e deixemos os comentários ao leitor. Depois de vário turismo sexual em quartos atapetados de espelhos, confia-nos o autor sobre Bernardo Malaquias: "A ideia romântica acerca de Rosa esfumava-se, cada vez mais longe, mais longe como um balão de fogo a subir pelo céu acima. Mas outro contratempo ajudava a estilhaçar o momento. Rosa lembrava-se agora que deixara ao lume, em casa, uma panela com feijão e disse que ia telefonar à filha a pedir-lhe que desligasse o fogão. Bernardo ficou num sofá branco, junto de umas almofadas baixas, onde uma loura e um mulato de bigode se beijavam, vidrados num pouco subtil filme porno que, como era costume, o deixou indiferente. Odiava as evidências.(pág.32)". Também nós

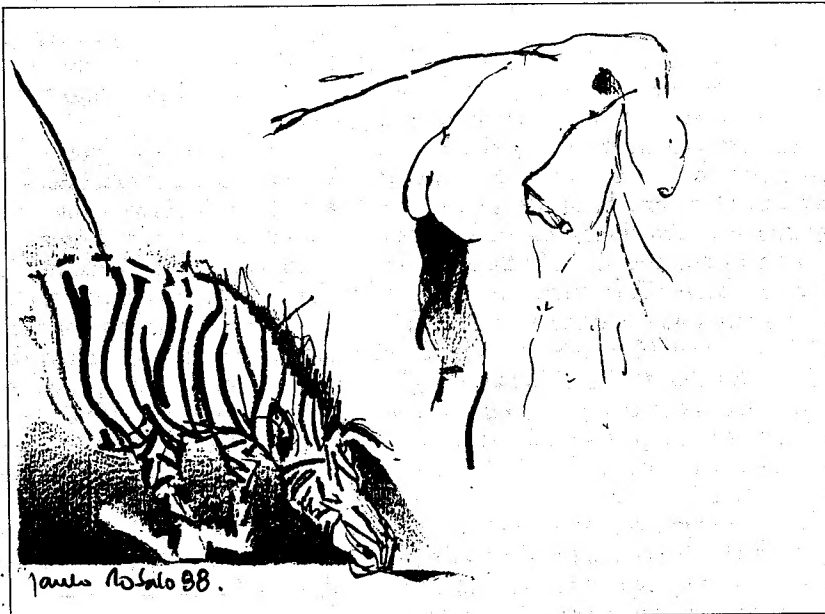
odiamos as evidências, a vulgaridade.

Na sua ânsia de se defender, o que é legítimo, Cáceres Monteiro perde discernimento e arma-se de todos os equívocos, como se a sua situação de autor publicado na Europa-América lhe conferisse prestígio e imunidade. Eis um dos equívocos que mais insiste em fazer carreira no texto de C.M: com todo o respeito que devo a Virgílio Ferreira, é falso que não hajam substitutos para Gaspar Simões, Álvaro Salema ou Óscar Lopes. Cá temos de novo Gulliver a distorcer a percepção dos índices que lhe comunicam o real.

Hoje vive-se uma época de ecletismo e a multiplicação dos órgãos onde se encontram recensões e críticas pode dar a ideia de uma dispersão que é infundada quando se quer ter atenção. A sobrevalorização de Gaspar Simões é sintoma de um olhar que quer cegar. Há hoje uma crítica plural, qualificada, e em quantidade como nunca houve. O que existe, mesmo entre alguns dos críticos mais reputados, é a saudade: algumas decisões fogem-lhes, a história literária já não anda a reboque das suas exclusivas valências.

E alinha-se aqui outra acusação

Gulliver e Houyhnhms, seu amo?



recente, a de que a crítica jornalística copia. No momento em que a intertextualidade chegou ao romance, em que a paródia se instalou na arte vem C.M. pregar a autenticidade. É inocência! O escritor tem a sua memória como suporte privilegiado, o crítico trabalha sobre a memória (a história) do romance e dialoga com a variante narrativa que cada novo autor propõe.

Ambos se utilizam de um coração arquivista, à medida da necessidade dos afectos.

Se Cáceres Monteiro quer acusar alguém de falta de honestidade, deve dizer o nome e não escudar-se numa generalização abusiva. Discutam-se as coisas no plano das ideias e não ao nível do ressentimento pessoal - mesmo quando se foi vítima de uma injustiça deve ser essa a medida da nossa superioridade.

No mesmo erro caiu Jorge Silva Melo há poucas semanas, o que nos surpreendeu. Lamentava-se o cineasta da ingratidão dos críticos, considerando o tempo - anos - que um realizador leva a preparar um filme que pois será um desancado em meia hora de trabalho do crítico. E rematava: "você já viram um cineasta pegar numa câmara e realizar uma curta metragem Contra-Leitão Ramos"? Se seguissemos esta lógica talvez concluíssemos que esta animosidade resulta de uma diferença logística. Se pagassem cinco mil contos - à curta escala dos orçamentos dos filmes portugueses - ao crítico para estar um ano debruçado sobre o filme que analisa a responsabilidade seria equitativa. A não ser assim, a parte do leão na responsabilidade social cabe ao artista, até porque tem por si a história enquanto ao crítico só lhe cabe o ciúme. Mais serenidade, senhores, ou o melhor será mesmo emigrarmos para o país dos Houyhnhnms.

António Cabrita

MINHOCULTURA: linguagem basic

«Manual prático de minhocultura» (Júlio Roberto), um livrinho, como redundamente se diz, cheio de surpresas.

Abre com uma carta dum índio, acaba com uma dum branco e no meio — minhocas vermelhas. Não rosas, minhocas.

Na missiva terminal, que é uma Carta da Natureza, Júlio Roberto esculpe: a Natureza é a mãe de todos os seres, sentença que fez um amigo meu finalmente repousar em paz.

No seu turno, o chefe Seattle, danado com os danos da branca gente à pradaria, profetiza: *«você caminharão para a vossa destruição rodeados de glória»*. Por mim, ok chefe.

O texto foca generosamente a minhoca e entremeia insondáveis profundidades conceptuais, encavalitadas em bonequinhos, das quais se sai melhor do que se entra: *ter sabedoria, eis a que aspirei durante toda a juventude. Descobri, porém, que a sabedoria não está no saber, mas no ser.*

Com paciência veremos como este ser pode também ser a *Eisínia Foetida* ou minhoca vermelha da Califórnia, designação vertiginosamente dialéctica e à qual, em atenção e louvor do chefe Seattle, chamariamos minhoca-índia não fora a excelente memória que guardamos da comunidade científica nacional e, porque não dizê-lo, dos vermes em geral.

J.R. promete ser *simples na linguagem sem deixar de ser preciso no assunto, programa de quem quer que se destina a enfunar o pelotão dos clássicos.*

Sejamos assim conduzidos

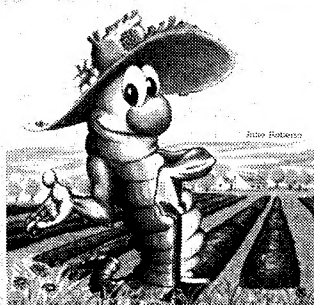
ao espectáculo dessa revolução económica-agrária dos tempos modernos, em que, quase sem trabalho, um minhocultor pode criar fortuna para si, de caminho desconfiando da adubagem química e aplaudindo a agricultura biológica, até chegarmos à primeira alegria do dia: Portugal é país ideal para a cultura da minhoca vermelha. Eu tinha cá uma fé que sim.

Porque: temos terras puras, pouco poluídas, porque o clima não molesta a minhoca, mas fundamentalmente, na minha leiga opinião, porque sim.

A segunda alegria vai total para artistas, homens de letras ou filósofos que, cansados dos banhos de multidão... (queiram dedicar-se)... a uma vida nostálgica em contacto profundo com a Mãe NATUREZA. Veja-se o citado caso do grande cantor francês Gilbert Bécaud que adquiriu um comboio de minhocas para a sua própria quinta no sul da França. Se Linda de Suza sabe, lá se vai a valise. Porque isto, meus amigos, é o que está a dar. Claro que com calma e saber (chega de donas Brancas, milagres na Bolsa, paradises now). O bicho já mexe com muita gente e muita massa, já passámos a fase da primeira cavadela. Altura de focarmos a sua ignota estranha beleza: na fase adulta (aos 7 meses de vida) é uma coisa vermelhusca de 5 centímetros e 1 grama, cilíndrica, uma cabeça sem olhos, um corpo de 5 corações e 6 rins.

Durante os 16 anos que chega a viver, só faz três coisas: come (e come de quase tudo), defeca (produção de húmus non-stop) e reproduz-se (1000 a

MANUAL PRÁTICO DE MINHOCULTURA



1500 descendentes anuais, os quais-por-sua-vez-meu-deus). Viva a bulímia, a incontínencia, a ninfomania. Húmus no saco, dinheiro em caixa.

Nesta altura do livro todo eu era contos de cabeça. Mais disciplinado, JR ia explicando os comos e os porquês, como deve ser explorada a minhoca e que cuidados ter ao pô-las na cama, quais os esterco de qualidade e demais matérias que transformarão diligentes, quais os inimigos (cuidado com a toupeira, atenção às sanguessugas, olhem os ratos, pássaros, os sapos), prática via para a prosperidade e para uma Natureza em festa.

E ia tão embalado e já convencido, ia tão entusiasmado e já para mudar de vida que, aí de mim, virei a página 47 para a 48.

Foi o fim. Um choquebaque, um muro de não-percebo. Pronto, desisto, eis um ex-futuro minhocultor. Ainda pensei interpretar, mas a interpretação é sempre triste; ainda pensei dar de barato, passar por cima, mas era a in-

transponível barreira do amor — outro, nada a fazer.

Por amor ao tema, mas de vocação caída, segui na leitura, vi revelados os paraísos ecológicos, económico-financeiros onde alguns, que não eu, entrarão. Comovido, ainda li a Declaração dos Direitos dos Animais, da igual autoria de Júlio Roberto, nós, os animais, declaramos, mas era tarde. O que restava do meu ego cartesiano ia à vida. Quando o que de facto apetecia era andar às voltas com a minhoca surfista, ser um dos alegres 4 mil produtores nacionais, abocanhar algo dos muitos milhões de contos que o negócio, de norte a sul, potencialmente representa.

Na América há 40 anos que a coisa pegou, cá há 4. Mas os mercados interno e externo estão abertíssimos, dos vasilhinhos ao Sahel, dos greens algarvios às estufas lisboetas, das quintas às farinhas. E cidadãos que eram joalheiros, estilistas, advogados, jornalistas, industriais ou agricultores, homens de fé e saber, cuidam da *Erisina Foetida* que regenera os solos, fertiliza as mentes, despolui os restos e, na sua frenética generosidade reprodutiva, cumpre a Pátria. De modo natural. Eu é que, paciência, passo. Por causa dum beijo de amor. (devem ser ciúmes).

João Alfacinha da Silva

MANUAL PRÁTICO DE MINHOCULTURA — 60 pgs/600 esc.
Autor — Júlio Roberto
Edição — Ed. Itau/Nascimento 1989

• LIVROS SELECIONADOS
• RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS

★
NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR,
NÃO VENDA SEM NOS CONSULTAR

PEÇA CATÁLOGO

LIVRARIA ACADÉMICA

RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 10
TELEFONE 2 59 88

4000 PORTO PORTUGAL

O LEGISLADOR LITERÁRIO

«Mouzinho da Silveira ou a renovação portuguesa». Esta fórmula emblemática, onde o fazer de um homem se entrelaça com a trajetória da Revolução Liberal portuguesa, devemos-la nós a Herculano. Apesar da forte sugestão heurística aí contida, a figura e a obra de Mouzinho não têm merecido da historiografia do período liberal um atenção deplorada. Uma razão a isso ajudando é certamente o fraco conhecimento da sua produção textual, na sua maior parte manuscrita. Os dois volumes agora publicados, ao dar à estampa grande parte dos manuscritos conservados na BNL e as intervenções parlamentares de Mouzinho, vêm obviar decididamente a essa dificuldade. A edição é precedida de um minucioso estudo sobre o pensamento e a acção ministerial e parlamentar de Mouzinho, repartido por três

grandes áreas, da responsabilidade de outros tantos investigadores: área política (Miriam Halpern Pereira, que redige também a abertura e as conclusões), área económica e das relações internacionais (Valentim Alexandre) e área financeira (Magda Pinheiro). Completam-na uma cronologia biográfica e uma série valiosa de índices analíticos. Por tudo isto o livro agora editado irá ser de consulta obrigatória aos futuros estudiosos desta figura, cuja obra marcou profundamente a arquitectura do Estado liberal e cuja imagem inscreveu um vinco poderoso, quase mítico, no imaginário do português culto dos últimos cento e cinquenta anos.

O Mouzinho que ressalta do largo estudo introdutório é uma representação mais precisa, mais bem informada e mais globalizante que qualquer uma das antecedentes. É

também uma representação que suscitará polémica. Detentor de uma razoável e bem seleccionada formação teórica, haurida na leitura dos economistas clássicos, ocupando uma posição privilegiada no aparelho económico nacional (Alfândega de Lisboa), senhor de uma percepção mais extensiva e globalizante que analítico-sectorial, Mouzinho (1780-1849) encontrou-se em boas condições para produzir uma análise penetrante da crise do Antigo Regime português, na sua dupla articulação com a crise do antigo sistema colonial (entre 1808 e 1822 o Brasil conquista a independência política) e com a crise do antigo sistema financeiro (baseado precisamente no exclusivo do comércio colonial). Confrontado com a desagregação inevitável do Antigo Regime, a principal preocupação de Mouzinho irá ser a de asse-

gurar um parto o menos doloroso possível à nova sociedade liberal e capitalista que, simultaneamente, a coloque nas melhores condições possíveis de inserção no novo quadro económico internacional. Para isso formulou todo um modelo político, económico e financeiro de transição do regime senhorial para o capitalismo concorrencial e do absolutismo para a monarquia constitucional.

Ainda segundo os autores do estudo introdutório, a acção reformadora e legisladora de Mouzinho foi norteadora por um conjunto articulado de preocupações e objetivos, pôde atingir o auge (1832) graças ao aproveitamento de circunstâncias excepcionais — em plena guerra civil, sem parlamento constituído, as suas leis não sofreram a oposição dos interesses atingidos — e revelou-se, por fim, um se-

mifracasso quer pela adversidade da conjuntura que se seguiu à guerra civil, quer pela escassa sensibilidade dos estadistas às limitações impostas a todo o plano teórico pela involuntária realidade das coisas. Liberal moderado, que se imaginava nos momentos mais felizes o Marquês de Pombal de um Príncipe constitucional, Mouzinho lançou as bases da moderna máquina administrativa do Estado, gizou uma ampla reforma financeira — almejando construir uma estrutura moderna, leve e eficaz que impedisse o Estado de entrar no desenvolvimento económico —, preocupou-se em adaptar as instituições e estruturas económicas às difíceis e mutantes condições do comércio internacional — de que o país fora artificialmente protegido pelo monopólio brasileiro — e teve presente, em todas as circuns-

tâncias, que o imperativo de desmantelamento do suporte social do Antigo Regime não era incompatível com a sua recuperação pela nova força social dominante, a classe proprietária burguesa. As suas propostas de reforma não foram por isso radicais no plano social embora, através da tónica colocada na associação capital-trabalho, ficassem depois à «esquerda» das transformações realmente ocorridas, privilegiadoras do primeiro termo daquela relação. Talvez por isso, no futuro, Mouzinho tenha sido tão apreciado pelas correntes democráticas e socializantes.

(Mouzinho da Silveira, *Obras*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, 2 vols. 2035 págs. — estudo e organização de M.H. Pereira, V. Alexandre e M. Pinheiro)

Carlos Coelho Maurício

NÃO OBSTANTE: MARX

«O homem é um ser genérico... no sentido de que ele se comporta perante si próprio como a espécie presente, viva, como um ser universal, e portanto livre» (p. 163). Sendo por natureza um ser livre, e só o podendo ser em sociedade, o homem é o único animal a que é possível desenvolver livremente todo o potencial das suas potencialidades em comunhão e harmonia com os seus semelhantes. Karl Marx era um humanista radical. E a esse seu credo se deve a quase completa incompreensão e deturpação a que foram sujeitas as suas ideias ao longo de muitos anos. Tão adorado e venerado por uns quantos, rejeitado e odiado por outros, Marx é, a par de Friedrich Nietzsche, o pensador cujo nome não pode ser pronunciado sem imediatamente surgirem associações de cariz político-emotivo. E, como se sabe, não é este o melhor pressuposto que pode garantir uma recepção, uma análise e uma apreciação crítica e objectiva de um legado intelectual de tal craveira. Em finais do século vinte ainda nos é difícil mantermos a serenidade de espírito quando nos aventuramos na leitura de um pensador que pretende assumir a «secularização radical de todas as questões teológicas», a emancipação radical do homem, a subjugação radical da natureza ao homem, a passagem radical do «reino da necessidade» e do trabalho ao «reino da liberdade», um materialismo e um internacionalismo radicais. Não obstante, Marx limitou-se a propor os meios que correspondiam à radicalidade dos seus ideais. Ideais que, de resto, eram já há muito conhecidos — liberdade, igualdade, fraternidade, e que era pressuposto serem os de qualquer homem. É verdade que os choques constantes entre um muro de incoerências e, na sua opinião, inevitáveis por ilusões e interesses diver-

sos, tornaram o seu estilo cada vez mais frontal e muitas vezes agressivo, mas, apesar disso, não lhe tiraram o seu profundo sentido da realidade. O destino da sua obra é em muito semelhante ao da de Nietzsche. Partes fundamentais do seu labor foram longamente votadas ao esquecimento e as associações que a sua imagem unilateralizada causava foram generosamente utilizadas pelas mais diversas facções. Um projecto radical de transformação social, a antipatia e alergia face à pieguice religiosa, a repugnância perante a especulação, uma fascinação particular pela evolução e pela vida, eram comuns a ambos. Diz Marx: «... a actividade vital, a vida produtiva... é a vida genérica. É a vida criando vida. No tipo de actividade vital reside todo o carácter de uma espécie, o seu carácter genérico; e a actividade livre, consciente, constitui o carácter genérico do homem. A vida revela-se simplesmente como meio de vida» (p. 164). Além disso, é curioso notar também que ambos reagiam de uma maneira eruptiva às tensões sociais. Um, pondo em movimento o seu escopo crítico, fruto de longos e pormenorizados estudos, outro, dando forma literária e filosófica à sua ira e ao seu génio atribulado, produto de uma vocação poética talvez mal aproveitada.

Odiado e amado, rejeitado e adorado, Marx foi, continua e continuará a ser um expoente da cultura ocidental, e deixará a sua marca indelével naquilo que, cada vez com mais legitimidade, se pode começar a chamar a cultura da humanidade.

(Karl Marx, *Manuscritos Económico-Filosóficos*, Edições 70, 1989, 270 págs, tradução de Artur Morão)

Manuel José S. Loureiro

CONTORNOS E INDEFINIÇÕES DA ENCICLOPÉDIA

Como se sabe a Enciclopédia Einaudi responde a uma organização temática em que os volumes e artigos reagrupam-se em pacotes relativamente homogêneos que individualizam problemáticas cujos «contornos» são relativamente bem definidos.

Cada artigo envia a temas que indicam problemáticas «locais», que não sendo de forma nenhuma independentes, recobrem-se parcialmente gerando campos de extensão mais vasta. O problema colocado pela Enciclopédia — e em definitivo, pelo próprio saber — consiste no facto de não existir uma representação codificável do seu «espaço» global. A Enciclopédia não é um dicionário, o que coloca a questão de saber qual é o tipo de estrutura global que a Enciclopédia oferece como objecto textual tentando reflectir a organização do saber na nossa época. Este é um problema ao qual responde o comité de redacção da Enciclopédia.

Mas outro, não menos importante, é saber como cada artigo delimita as suas próprias fronteiras, e esta responsabilidade é, sem dúvida, dos seus respectivos autores. Se por um lado se pede a uma

Enciclopédia que trace o balanço dos conhecimentos numa dada data através de uma exploração metódica, pede-se ao mesmo tempo, que cada matéria seja abordada em função das suas ressonâncias contemporâneas. Atenuando a vertente sistemático-descritiva, o projecto Einaudi assumiu claramente o compromisso analítico do ensaio. Opção louvável mas não isenta de riscos, uma vez que é difícil, perante esta escolha, garantir uma qualidade inequívoca de todos os ensaios.

O décimo-sétimo volume — LITERATURA-TEXTO — recentemente editado é talvez a prova desse risco, devido em parte, ao peso excessivo de um mesmo autor, no caso Cesare Segre, que assina em dezasseis, oito dos ensaios deste volume, a saber: *Narrativa/Narratividade*; *Géneros*; *Tema/Motivo*; *Estilo*; *Poética*; *Ficção*; *Discurso* e *Texto*.

Não está de forma nenhuma em causa a competência em abstracto de um mesmo autor abordar, apesar da proximidade, a diversidade destas temáticas, mas no presente caso, a abertura que se pede ao texto enciclopédico fica seriamente

comprometida, uma vez que a sua vocação interdisciplinar não fica satisfatoriamente resolvida unicamente à custa das inevitáveis remissões para outros volumes e artigos. Essa abertura depende em grande parte da forma como cada autor define e delinea as fronteiras de cada tema/artigo.

Neste volume, o fôlego que falta, não se prende somente com o facto de a Enciclopédia ser, como qualquer outro, um *objecto textual datado*, — constrangimento incontornável — mas fundamentalmente por imperar uma visão demasiado estreita e tradicional no tratamento de temas, como por exemplo, *Discurso* e *Texto*.

Face à pluralidade das abordagens do texto, sintoma da pulverização actual de uma Teoria do Texto e à dificuldade de circunscrever a noção flutuante de discurso, Segre opta por uma abordagem cuidada e tradicional das diferentes propostas e análises nestes campos mas a sua perspectiva fundamental é confrontá-las com a necessidade de resposta a questões que considera centrais e que se prendem com a procura da interpretação correcta, das condi-

ções de coerência de um discurso, ou da coesão e significado total de um texto, ancorando-as cautelosamente às perspectivas oferecidas pela filologia e pelos trabalhos da narratologia.

Apesar de constituir, sem dúvida, uma via segura, questões como por exemplo as da pragmática ligada ao discurso ou a da intertextualidade relacionada com o texto, não se compadecem com a perspectiva espalhada que as circunscreve unicamente à necessidade de uma análise contextual.

Correndo o risco de aconselhar o óbvio, a leitura deste volume, ou pelos menos a dos artigos aqui citados, impõe a leitura cruzada de outros artigos desta enciclopédia, nomeadamente: *Enunciação*; *Palavra*, *Escrita*, *Leitura*, — que se encontram respectivamente nos volumes dois e onze — de forma a garantir uma visão mais alargada destas temáticas.

(Enciclopédia Einaudi — *Literatura e Texto*, n.º 17, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, 343 págs.)

Helena Nunes Ribeiro

